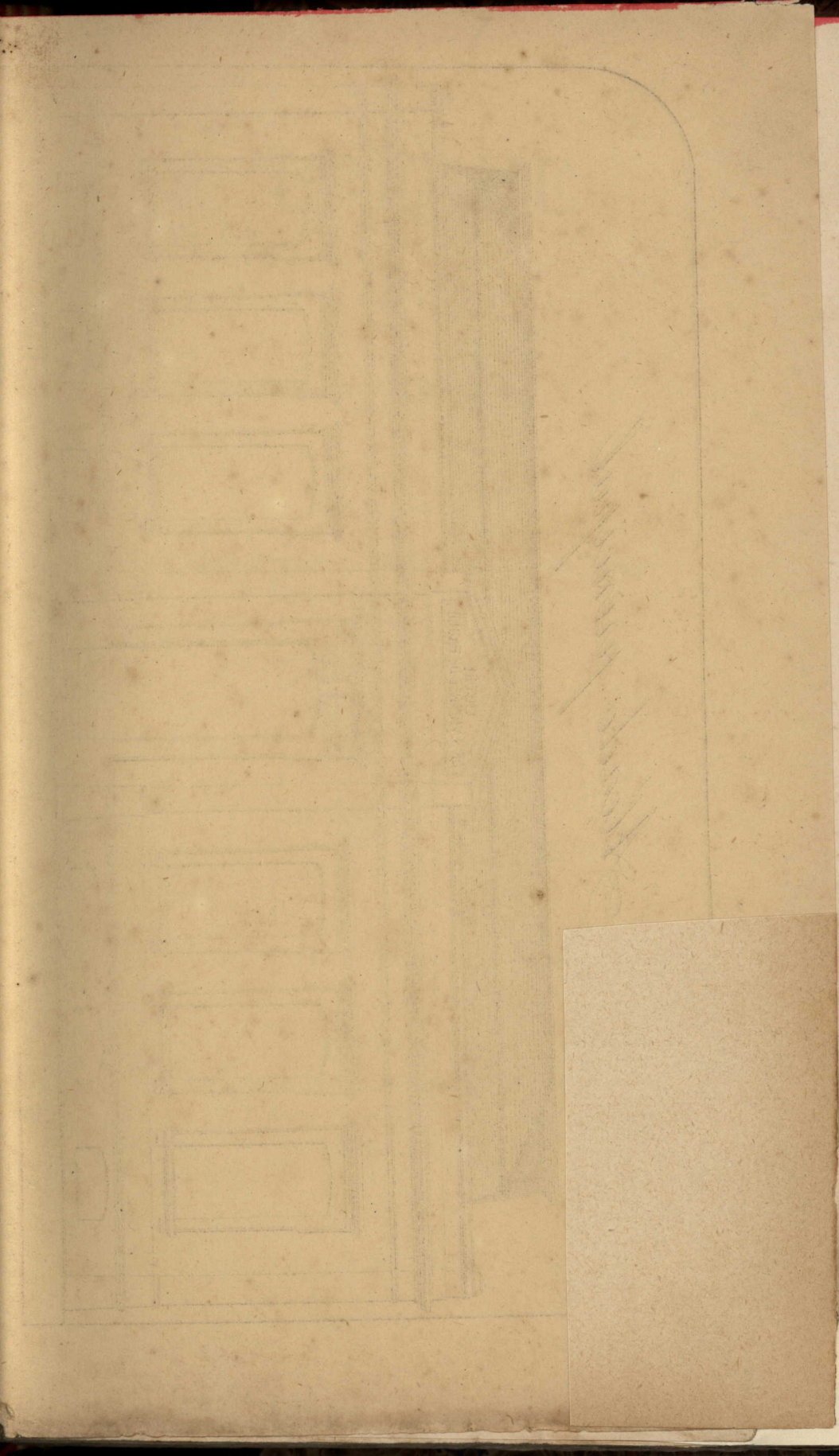
Ao Illmo. Exmo. Snr. Manoel Pereira Villaça —

Off.

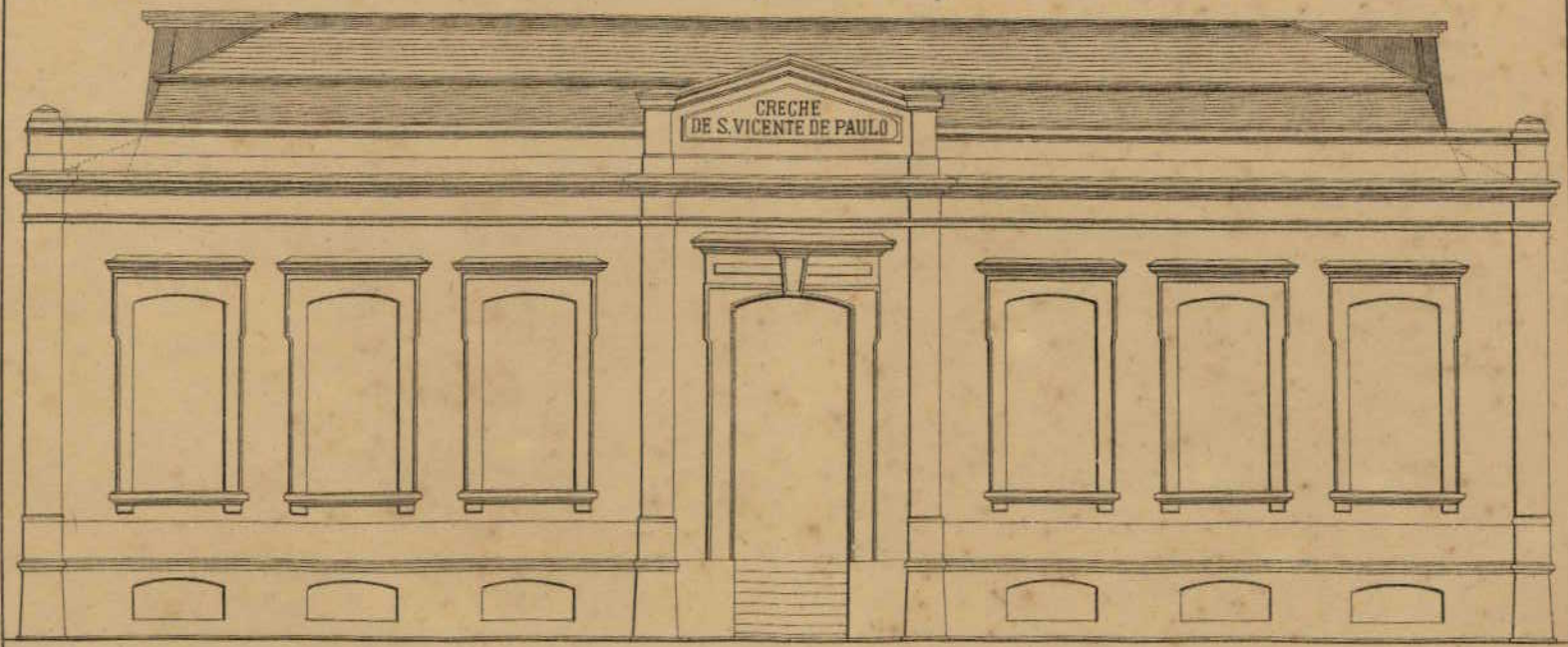
A CRECHE

em signal de respeitósa Consideração.

O auctor



Alçado principal



Porto. Lith. Portugueza, Laranjal, 116

A CRECHE

POR

Joaquim Ferreira Moutinho

Com uma Carta-Prefacio de Alves Mendes e um Epilogo de Camillo Castello Branco

PORTO

Typographia de A. J. da Silva Teixeira

Rua da Cancella Velha, 70

1884

AOS BENEMERITOS PROTECTORES

DA

Creche de S. Vicente de Paulo

OS

ILL.mos E EXC.mos SNRS.

FREITAS & AZEVEDO

(Joaquim Augusto de Freitas Guimarães e *Ignacio José Fernandes d'Azevedo)*

O coração e a justiça exigiam n'este lugar a eloquente narração das vossas preclaras e singularissimas virtudes; a vossa excessiva modestia, porém, condemna-me inexoravelmente a severo e absoluto silencio.

Consenti, ao menos, na singela dedicatoria d'este humilimo trabalho que vos consagra, como sincero admirador da vossa fervorosa caridade exemplar,

O Auctor.

CARTA-PREFACIO

Meu illustre amigo: A leitura, que se dignou fazer-me, do seu formoso escripto — A Creche, — exceptuando umas benevolas referencias pessoaes que a justiça mandava eliminar, consolou-me, encheu-me plenamente a alma. É este, em verdade, um escripto bem singular, uma rarissima amenidade nas adustas e muitas vezes estereis lavras do pensamento. Junta a acção á idéa, falla ao espirito e ao coração, evangelisa e exora, ensina e pede, é propaganda e súpplica.

Fazer um livro para propugnar uma doutrina, póde ser a maxima das vulgaridades; mas engendrar um livro e distri-

buil-o gratuitamente para supplicar uma esmola, é a mais prestigiosa, a mais edificante das surprezas. Depois, quando a doutrina d'esse livro é a mais sublimada das doutrinas, a caridade — o brazão das gerações perfeitas; e essa caridade é a mais prolifica das caridades, a que beneficía a Creche — a gentilissima *alma mater* das gerações futuras: que homem poderá haver, sendo homem de honra, que não applauda tamanha doutrina, que desattenda o nobre appêllo de tal livro?

Digamol-o desassombradamente: Nos annaes da civilisação não podem escrever-se paginas nem mais esplendidas nem mais fecundas do que aquellas que intentam aprimorar esse gigante, ainda informe, que tem nome de corpo social — aquellas que fermentam e assopram a confraternisação do genero humano pela fé e pelo amor.

Admiravel é a gloria do talento, infinitamente mais admiravel é a gloria da virtude. O talento illumina, a virtude vivifica.

Kant, discorrendo, é sublime; Vicente de Paulo, bemfazendo, é assombroso. Nem todos são genios e nem todos podem ser doutores. Ha homens que pensam com a cabeça e ha homens que pensam com o coração: logram aquelles as grandiosas inspirações da sciencia; alcançam estes as utilissimas intuições da vida. Uns e outros são benemeritos da humanidade; estes, porém, irrivalisavelmente grandes, supremamente immortaes.

Quanto avultam os seus nomes, ás vezes tão singelos, tão humildes! Quanto fulguram esses excelsos caracteres para os quaes os pensamentos são factos; nos quaes os affectos são obras; os quaes deixam após si, como um meteoro, o rasto da sua alma na vida real; que objectivam o dever porque é dever e se movem ao bem por ser o bem; que perlustram a existencia dando exemplos memoraveis e a terminam testando doações magnificas; que reconheceram sempre a Deus por pai e aos homens por

irmãos; que são no tempo a nitida personificação do merito e serão na eternidade a extrema culminação da gloria!

Por isso ha muito que louvar, ha muito que aprender no magnanimo procedimento de taes homens, na preclara, na uberrima lição d'esses varões christianissimos. As suas lidimas virtudes religiosas e as suas beneficas qualidades humanas impõem-se a todas as distincções, predominam sobre todas as honrarias no conceito universal, na arriscada concorrencia á sympathia publica.

Creia-se isto bem: Não é só grande homem aquelle que se chama Leibnitz ou Galileo, Dante ou Buonarotti, Shakespeare ou Victor Hugo, nem ainda o que rasga isthmos, explora continentes, perfura montanhas, lasca penedias, desinfecta lagunas, suspende pontes sobre abysmos, apaga distancias e doma oceanos, soube dar á palavra a rapidez da idéa e á idéa a cohesão da materia. Todos esses valem muito, muitissimo; mas valem certamente muito mais os que em meio ou

após as lides do trabalho dispartem os seus carinhos e os seus dinheiros em proveito de seus irmãos, os que devotam as canceiras da sua vida e as melhorias da sua fortuna a desvalidos e a doentes, a indigentes e a infelizes, aos necessitados do corpo, aos falhos do espirito ou aos pobres d'elle. Aquelles poliram e aformosentaram um mundo; estes salvaram ou aperfeiçoaram um homem. Aquelles tornaram-se heroes, rivaes d'outros heroes; estes ascenderam a redemptores, quasi rivaes d'um Deus. Aquelles têm creado uma gloria, estes como que operado um milagre.

E assim devem qualificar-se de verdadeiros immortaes, porque elles realmente não morrem, transfiguram-se; não se pulverisam nos jazigos do cemiterio, agigantam-se nas galerias da Historia; a campa converte-se-lhes em pedestal, quasi ara; o nome revive-lhes a todas as auroras nos hymnos das crianças e recresce-lhes e divinisa-se-lhes a todos os crepusculos nas orações

dos enfermos; e até, — pasmoso condão do merito! — até a mortalha, a misera e mesquinhissima mortalha lhes não cabe ou lhes não entra na sepultura, por ter ficado presa, eternamente presa á terra pelas alfaias das igrejas, pelas cobertas dos hospitaes, pelas mantas dos albergues e pelas mantilhas das Creches!

*
* *

Meu distincto amigo: Disse o principe dos poetas castelhanos que «se o homem é um mundo abreviado, a mulher é o céo d'este mundo». Devemos accrescentar — e a mãi o sol d'este céo.

Como o sol, ella é luz, calor, fecundidade. Como o sol, alumia, aquece, alegra, move, alenta, expande, acaricia, seduz, fascina, attrae. O que é o sol perante os astros, é-o a mãi perante os povos — o

ponto centrico da vida, a fonte da familia, a chave da sociedade.

Cooperadora da Providencia e complemento do homem, a mãi gera, nutre, educa; dá fórma, brilho e esmalte á existencia; é a auctora maravilhosa e a déstra esculptura dos sêres. Não houve ainda e não haverá jámais creatura mais adoravel do que ella é.

Que coração mais terno, que amor mais pulchro, que ministerio mais perfeito do que o ministerio, o amor, o coração de mãi? Onde desponta um sorrir que seja ligeiramente comparavel ao dôce sorrir de uma boa mãi? Onde um olhar que se pareça ao seu olhar? Onde um suspiro como esse suspiro materno, que é como um suspiro da alma, que só póde assemelhar-se á voz dos espiritos? Onde um canto, igual a esse canto melancolico, plangentissimo, cujas notas cahem sobre o berço como gottas de luz, como lagrimas de fogo quando a mãi embala e arrulha seu filho? Que verbo mais

eloquente, que eloquencia mais sublime e que sublimidade mais angelica que a sua quando falla de Deus, do homem, do mundo, do céo e da terra, da morte e da immortalidade, das eternas esperanças e dos infinitos amores? Que beijo como os seus beijos? Que abraço como os seus abraços? Que afago como os seus afagos? Que desvelo como os seus desvelos? Que abnegação como as suas abnegações? Que ensino, que alimento como os seus alimentos e ensinos?

Por isso nada mais repungente que o desamparo materno, nada mais aspero, mais duro que as provações da orphandade. Figure-se um espelho sem luz, uma alampada sem oleo, um jardim sem agua, uma flôr sem haste, uma haste sem raiz e uma raiz sem succo — eis a imagem de um filho sem mãi. Abrolha-se de repente aquelle sêr mimoso que era todo um paraiso de venturas. Anuvia-se logo aquelle bello ente que era todo um céo de resplendores. Suas graças tão sympathicas, tão apraziveis aos seus, quanto são

tediosas, aborrecidas aos estranhos! seus pedidos, que impertinentes! seus brinquedos, que molestos! seus choros, que irritantes! seus desmandos, que incomportaveis! suas doenças, que horriveis! Em vez do carinho a repulsa, em vez do zêlo a indifferença, em vez do aviso o castigo, em vez do cuidado o desprezo, ou, quiçá sobre o desprezo, a fome!

Haverá infortunio maior, realidade mais cruel na quadra das illusões, pena mais acerba na idade da innocencia?

Jesus, o divino Martyr que desde Bethlem ao Golgotha aceitou e padeceu todos os soffrimentos humanos; Elle, que experimentou os desamparos da pobreza e as inclemencias do desterro; Elle, que supportou o longo jejum do deserto, a negra noite do Olivete, o suor sanguineo do Gethsemani, o beijo do Apostolo traidor, a prisão cobarde, o ingratissimo abandono dos seus, a insolencia do interrogatorio e a affronta das blasphemias, a negação de Pedro e

a sentença de morte, os escarneos e as bofetadas, o sceptro irrisorio e a corôa de espinhos; Elle, que tendo as costas golpeadas pelos açoutes, os joelhos chagados pelas quedas, o peito escalavrado por uma lança, os pés e as mãos e os tendões e os nervos atravessados por durissimos cravos, bebeu fel e vinagre, pendente de uma cruz; Elle, que aceitou toda essa paixão cruentissima; Elle, que padeceu toda essa agonia infinita, não quiz aceitar nem padecer a orphandade, reservando-se, como unico consolo n'aquella tremenda hora do Calvario, o encontrar desenhada, na retina dos seus olhos moribundos, a sublime, a ineffavel, a celeste figura de sua Mãi!

Ha um momento, porém, em que a mãi é forçada a desprender-se do filho, porque precisa trabalhar; na sua casa não ha pão, e a misera não tem que comer. Momento fatal, decisivo, lancinantissimo — solemne como o destino e respeitavel como a existencia!

Rasga-se então nos muramentos da des-

graça uma especie de porta que dá sahida prompta ás exigencias da maternidade: reponta na escuridão da pobreza a estrella da esperança; e esta estrella, como a do Oriente, guia a mulher amantissima aos áditos da Creche — transumpto prodigioso da Creche de Bethlem!

Singular instituição, incomparavel instituição que é capaz de supprir e encher o maior dos ministerios! E religião ainda mais incomparavel, mais singular que assim a inspirou, que tão pura a fez nascer, tão correcta a fez crear e tão abundosa a faz sentir!

É isto. Só a Creche realisa este milagre dos milagres — substituir um coração de mãi. E só ella ainda póde precatar este horror dos horrores — a exposição das crianças, suprema vergonha da especie humana e infamissima torpeza social.

N'este sentido a fera dá uma egregia lição ao bipede. O leão e o tigre, a panthera e a onça amam e defendem allucinadamente

os filhos. Aprende d'elles, homem culto, a não engeitar jámais a tua prole, e a fixar essa cousa augusta e santa que o animal préza e tu desprezas: a familia.

*
* *

Mas que poderei eu, meu extremoso amigo, dizer aqui sobre as excellencias da Creche, que não esteja dito melhor, mais ampla, mais alta e mais auctorisadamente nas sinceras paginas do seu livro? Já agora toda e qualquer explanação minha seria temeraria ou inutil pelo menos. Quantas prendas e virtudes constellam um peito materno, tantas formam brilhantissimo sobrecéo e se espalham como chuva de ouro sobre a viçosa sementeira da Creche.

Desde o momento em que a bemdita mãi adoptiva remira a criancinha nos braços, pa-

rece que as energias lhe crescem, que as intuições se lhe duplicam, que se evolam todas as difficuldades e até todas as penurias, para que ella exerça desafogadamente, observantissimamente o seu irrivalisavel ministerio. Tudo quanto necessita o menino em seus primeiros annos, tudo ella vê n'um traço de luz, tudo ella sente n'um foco de amor; e assim lhe prepara e apropria o leito e o vestido, o sustento e o ensinamento, como a ave cinzela o ninho em que tem de abrigar e nutrir os seus mimosissimos filhinhos. Ella sabe os segredos da lactação que o aviventem, da hygiene que o resguardem, da medicina que o curem, da moral que o abroquelem, da religião que o sublimem; conhece a magia das canções que o adormeçam, dos contos que o distráiam, das preces que o santifiquem e até das letras que o illustrem; enthesoura e esparge todos os elementos precisos para fortificar e aureolar os primordios da vida. Porque esta é que é a verdadeira natureza, a genial e cul-

minantissima missão da Creche: sustentar o corpo e acepilhar o espirito da criança, dar pão e dar educação, distribuir alimento e luz, ser berço e ser escóla!

*
* *

A escóla, meu bom amigo, a escóla da Creche! Eis a idéa mais graciosa e perfumada, o pensamento mais fino e lucilante que irrompe dos esmerados e amplissimos lavores do seu livro. Eu não sei que haja cousa mais santa para propôr-se, mais justa para impôr-se, mais necessaria para pedir-se, mais urgente para generalisar-se. Prestrem-lhe seus auxilios todos os benemeritos; prostrem-se diante d'ella os homens de boa vontade.

Destino profundamente notavel! Entra-

mos nos dominios da terra pelo claustro de nossas mães, e penetramos nas scenas do mundo pela escóla de nossos mestres. Levantam-se aquellas nos porticos da vida e, a breve trecho, fazem d'uma aurora uma estrella; ostentam-se estes nos porticos da sociedade e, a longo custo, longo mas proficuo, transmudam essa estrella n'um sol!

E que feição surprehendente, que caracteristica formidavel e peregrinamente donosa a da Escóla-Creche: ageitar a criança a ser homem, inclinar o menino a cidadão! Ir pouco a pouco, subtilmente, insensivelmente condensando n'aquelle tenro e pequenino cerebro todas as irradiações especulativas e todas as fecundações praticas; ir, dia a dia, levantando, escorando, estendendo, burilando, colorindo, imbricando aquelle melindrosissimo ente que se amolda, qual branda cera, a todos os cambiantes do ensino; ir-lhe accendendo na intelligencia uma faisca de luz, gottejando no sentimento um philtro de amor, semeando na vontade um germen de virtu-

de; ir-lhe incrustando no espirito a idéa, acadinhando no coração o affecto, esmaltando no corpo a belleza; ir fitando, ir fixando, ir seguindo, sem descanço e sem fastio, aquella ductil compleição, para desenvolvel-a ou reprimil-a consoante as melhores vantagens; ir perquirindo e pesquizando, através dos recessos da natureza, as inclinações incontrastaveis, até surprehender n'aquelle embryonario organismo o veio aurifero das genuinas vocações; ir orientando, norteando, afeiçoando a debil creatura á familia que ha de formar, á patria que ha de servir e á humanidade que ha de enaltecer; ir, em summa e emfim, apontando á sympathica criança o universo a que está sujeito o seu corpo, a religião a que está sujeita a sua alma, a sciencia que é o seu timbre, a arte que é o seu lustre, o trabalho que é a sua lei, a sociedade que é a sua vida, Deus que é o seu tudo, oh! formosissima, opulentissima, mas difficultosissima missão é esta!

E o mais difficil, o mais estupendo de tal missão é que não póde ella versar o ensino na linguagem propria e precisa do ensino! Tem a valer-se, tem a ennastrar-se de uma palavra que não é a sua palavra; nutre-se no meio legitimo de um meio estranho; serve-se do apologo, do mytho, do canto, do jogo, do passeio, da festa, de todos esses especiosos processos que, sem o peso e a tortura de uma abstracta doutrina, fazem desabrochar naturalmente o animo infantil, como o simples raio de sol faz desabrochar o botão de uma flôr.

Necessita o menino de impressões explicadas e não de systemas reflexivos. Escuta principalissimamente a lingua do sentimento, que é toda a sua intelligencia, e a lingua da poesia e da musica, que quasi é a sua intuição. Educa-se, desenvolve-se com parabolas e exemplos.

Assim como os fructos passam primeiro pela semente e pela vegetação, passam igualmente as idéas pelos symbolos e pelas no-

ções até attingirem a maturidade completa. E esta só se logra e patenteia quando lá na idade adulta a criança, feita homem, póde abarcar e resolver com as suas potentes faculdades os altissimos problemas da religião e da sciencia, as mysteriosas relações do espirito com a natureza, da creatura com o Creador!

É então, e então sómente, que a alma humana, em plena posse de si mesma, avigorada, adestrada, victoriosa, se levanta aos páramos da verdade, como a aguia aos páramos do sol; e, pairando n'essas alturas esplendorosas, chega a presentir e a perceber na consciencia o céo, no pensamento os astros, na inspiração as flôres, na dôr a tempestade, no amor a harmonia, no mundo o universo, e no universo a Deus!— porque todos os sêres que se recruzam nos espaços fazem recruzar no cerebro outras tantas idéas vivas, que como o astro e o ether, o calor e a luz, a rosa e o aroma, o corpo e a alma, attestam e pregôam em pasmosa

consonancia a grandeza da sciencia, a riqueza da razão e a alteza da fé.

*
* *

Tal o motivo, meu prestante amigo, porque Jesus, o inspirador e o typo perfeitissimo da Creche, é ainda o inspirador e o typo perfeitissimo da escóla, mormente da escóla da infancia. No seu ponto de vista historico, ainda encarado n'um sentido puramente humano, Jesus, como Mestre, é sem rival.

Singelo, claro, dulcissimo, o ensino estillava-lhe dos labios como um favo de mel; a doutrina brotava-lhe nitente como o crystal de uma fonte. Por isso o meigo alento da sua palavra movia e expandia as criancinhas, como essa briza fagueira que, agitando as velas do navio, o faz deslizar sua-

vemente pela azulada superficie dos mares. E as criancinhas voavam para Elle como primeiras no seu amor e primogenitas do céo. E Elle conchegava-as ao seio e fulminava anathemas terriveis contra os que escandalisassem a sua innocencia. E Elle, que se enfaixára com as faxas e gemera os gemidos da infancia na Creche de Bethlem; Elle, que santificára a causa e tutelára a sorte dos innocentinhos em toda a sua carinhosa prégação, fez d'aquella Creche o nucleo das civilisações, e d'esta prégação o luzeiro do ensinamento humano.

*
* *

Amigo: O seu livro, que memora tudo isto, que evangelisa tudo isto, que exalta tudo isto, que esperta vivissimamente a caridade publica em pró de tudo isto, é um livro su-

blime. A idéa da Creche ahi está magestosa, rutilante; ahi fica patente, rasgadamente patente: e a idéa é o molde em que se corporisam os factos — é como o gaz que tende por natureza a dilatar-se. A preciosa semente vai cahir em terra culta, e o clima — esta nossa rica atmosphera moral tão desanuviada, tão limpida, tão livre, tão boa, que a não ha melhor no mundo — permitte-lhe germinar á maravilha. Ella dentro em breve será plantula, e crescendo será arbusto, e alteando-se será arvore, e adensando-se e multiplicando-se será arvoredo, será floresta, e frondejando e florindo e fructeando dará sombra, consolo e vida ás gerações — tornará os desvalidos venturosos, as familias satisfeitas e as sociedades progressivas.

De resto, meu excellente amigo, represo no peito o transporte da minha gratidão, e exprimo com o silencio o sentimento do meu louvor. Deixo a sua modestia e consciencia saborearem á vontade o delicioso mister de realisar o bem, e entrego á Historia essa acção

nobilissima que é um valente credito activo sobre a justiça dos homens e sobre a recompensa de Deus!

Sim: a alma preluz eternamente na sua obra. Quando, meu amigo, o supremo Juiz lhe perguntar, no extremo dia, pelos meritos da vida, é responder-lhe confiado, apontando para os innocentes da Creche: «Senhor, os meus meritos estão alli; os meus meritos são estes!»

Porto, 18 de maio de 1884.

ALVES MENDES.

Quand le curé ne peut fonder la Crèche, c'est au maire, protecteur légal des faibles, que l'initiative appartient. S'il ne la prend, prenez-la, vous, lecteur, vous qui avez entendu les cris de l'enfant ou les lamentations de la mère, vous qui avez l'intelligence de la pauvreté, l'intelligence des intérêts moraux et matériels de la commune. La charité n'est pas un privilége : elle nous appartient à tous, et nous oblige tous envers tous, pour le bonheur de tous. Profitez de l'émoi général : provoquez une réunion des personnes les plus charitables, soit au presbytère, soit à la mairie, soit à la justice de paix, soit dans quelque maison vénérée ; apportez vos preuves de la nécessité, de la possibilité d'une Crèche ; apportez un projet de statuts, de règlement, d'organisation, l'indication d'un local provisoire, et bientôt, n'en doutez pas, les petits enfants des ouvrières auront un abri.

Ne craignez pas l'envie, le bien l'écrasera : il a tant de force quand il est pur !

Je vais expliquer ce qu'il faut pour qu'une Crèche fonctionne bien. Voyons d'abord l'ensemble, on comprendra mieux ensuite les détails.

F. Marbeau.

SIRVA DE PROLOGO

Que thesouros não descobre quem explora cuidadosamente esta mina inexhaurivel? Que assomos de inspiração não experimenta quem penetra os porticos sagrados e magnificos d'esta obra inspirada? Onde se acha igual mistura de doçura e de força, de simplicidade e de grandeza?

RODRIGUES DE BASTOS.

Este livro não tem valor algum: tambem não tem aspirações.

De sobra lhe conhece o demerito quem lhe deu o sêr, exclusivamente dedicado á profissão do commercio ha mais de quarenta annos!

Planta exotica, portanto, enxertia esdruxula no campo das letras, este livro teve, ainda assim, uma pretensão a presidir-lhe ao nascimento, e tem igualmente um fim ao vir á rampa da publicidade: —

*

propagar uma idéa santa e justa e pedir e impetrar da caridade publica — pelo amor de Deus e do proximo — UMA ESMOLA PARA A CRECHE DE S. VICENTE DE PAULO.

A esmola — diz S. João Chrysostomo — falla ao Altissimo em nosso favor, não como supplicante, mas como rainha.

« Quem der — disse Jesus — sómente um copo de agua fria a um d'estes meninos, como se meus discipulos fossem, haverá recompensa [1] ».

E Deus promette; e Deus não falta.

A fé bruxolêa, a esperança fenece; mas a caridade persiste por todo o sempre, até á consummação dos seculos.

A sua essencia irradia na terra e perfulge no céo, evolando-se até Deus.

Redimi a criança!

A criança é a joia do futuro, — um sôpro divinal.

Segui os preceitos da Igreja, os preceitos da cruz e da caridade.

Diffundi as Creches, uma das suas mais bellas obras. « Que satisfação não será a vossa ao entrar n'um salão cheio de meninos, uns dormindo o

---

[1] S. Math. x, 42.

somno da innocencia, outros brincando, outros até rindo-se para vós, se então puderdes com verdade dizer: — Este espectaculo encantador é obra minha [1]?»

«A esmola é a oração por excellencia: acerta sempre no alvo [2]».

Dai, pois, a vossa bemditosa esmola; dai-a pelo amor de Deus e pelo amor do proximo.

E principie a vossa caridade pela benevolencia para com

O AUCTOR.

---

1 Conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos.

2 De Bonald.

Quel champ pour l'orateur que la Crèche et la Croix!

L. RACINE.

Se eu fôra orador; se eu tivera o prodigioso dom da palavra, o privilegio do genio por excellencia, arte divina que emmoldura em pequenissimo quadro os mais variados horisontes, que encerra, em apertadissimos moldes, jorros de luz e torrentes de eloquencia, — que opulento manancial de poesia me não seria a dulcissima palavra CRECHE!

Que livro, que eu escrevêra, se soubera para elle condensar a corrente electrica, o magnetico turbilhão de idéas que do fundo d'alma me impellem para o augustissimo santuario da innocencia, cujos fundamentos acabam de ser lançados [1]! Oh! como

---

[1] O lançamento da pedra fundamental do novo edificio destinado á Creche de S. Vicente de Paulo realisou-se no dia 26 de

o coração me palpita e trasborda d'amor e gratidão para todos quantos assim, por fórma tão sympathica e benefica, contribuem para a remissão das crianças, nucleo social onde se concentra o luzimento do futuro!

Mas «... ter grandes pensamentos, sentir grandes affectos, facil cousa é em occasião tão solemne, em assumpto tão ponderoso...; porém exprimil-os a rigor, envasal-os nos estreites moldes da linguagem, dar-lhes relevo e colorido... [1]», só o podem fazer os eleitos do talento, como o é aquelle que, com taes palavras, deu principio a um discurso primorosissimo, uberrima cornucopia de eloquencia a desatar-se florida por entre catadupas de luz.

E, ainda assim, entendia o ornamento da oratoria portugueza, por melindre do mais fino escrupulo, que melhor conviria enaltecer os seus dourados pensamentos, os seus purissimos affectos — *com a magestade d'um discreto silencio!*

---

março de 1884, anniversario da morte do famoso Beethoven — para cuja commemoração a Sociedade de Musica de Camera resolveu dar um sarau no theatro de S. João, offerecendo metade do producto para a construcção d'este estabelecimento de caridade.

[1] Conego Alves Mendes — *Discurso á assembléa geral da Associação de Beneficencia e Caridade de Cedofeita.*

Não vingou, porém, felizmente que o excesso da mais delicada e esmerada modestia vencesse a sublimidade da idéa; e a culta intelligencia, depois de irradiar em estos de formosa linguagem — perfulgindo sempre por entre o brilho das constellações da elocução — longe de impôr aos humildes, como eu, uma completa mudez, condemnando-os a perpetuo desterro do templo da sciencia, retumbante das harmonias da sua palavra augusta, muito pelo contrario nos convida e nos anima a todos, nos seduz e nos obriga até a agricultar o vastissimo campo onde cresce, braceja, floresce e fructifica a arvore fecundissima a cuja sombra se acolhe o infortunio.

E como resistir ao intimo impulso despertado, embebido no amago do coração pelas magicas palavras d'aquelle apostolo da cruz, sublime conspirador na santissima propaganda do amor do proximo, propugnando por que nos agrupemos todos em seu redor, reunindo os nossos esforços, confundindo os nossos espiritos, juntando os nossos corações, identificando as nossas sympathias, as nossas consciencias e as nossas vidas, para que resplandeça perfulgentissimamente, na cidade dos grandes monumentos humanitarios, o mais humanitario de todos elles — a Creche?!

A Creche — o berço da innocencia, o berço do futuro, o berço de Jesus!

Creche...

Vestal que guarda o sacrosanto lume,
O fôfo arminho da avesinha implume,
Copado olmeiro a que se abraça a vide [1].

Creche...

Ubero seio de vitaes anhélitos,
Fonte de vida em perennal frescôr,
Colmeia accesa onde volita, em frémitos,
O longo enxame do futuro em flôr [2].

E eil-o, esse irrequieto e peregrino enxame, logo ao alvorecer, ao primeiro desabrochar da vida, acolhido, apinhoado ao seio da caridade, á sombra da Creche de S. Vicente de Paulo, acalentado e redimido pelo bafejo salutar da mais santa piedade!

E das Creches se julgue por esta, a primogenita de Portugal, recommendando-se pelo exemplo á edificação nacional, e relembrando á posteridade a benemerita memoria do seu inclito fundador: — uma colmeia de carinhos e de beneficios eviternos, como legenda gloriosa esculpida sobre um tumulo em caracteres diamantinos; — a corôa immurchecivel que perpetúa na terra o nome illustre de João Vicente Martins, no céo ha muito a lograr o premio da sua obra de inexcedi-

---

[1] Thomaz Ribeiro.
[2] Idem.

vel merito; florão do futuro em veneração do passado, que será a consagração do presente, isto é, a glorificação dos bemfeitores da Creche de S. Vicente de Paulo, d'aquelles que com a sua generosa esmola gravarem os seus nomes em letras immorredouras n'este sacratissimo hostiario — perfectibilissimo triumpho da caridade — o astro-rei da brilhante constellação das virtudes christãs, o perfeito complemento da obra-prima do Supremo Architecto do Universo.

Protejamos, pois, a Creche.

Dar ao pobre é emprestar a Deus.

Não sabe a flôr quem manda a luz do dia,
Nem quem lhe esparge o nectar que a deleita
Ao vir raiando a aurora;
E ella agradece as lagrimas que aceita,
E ella as converte em balsamos que envia
Ao mysterio, que adora [1].

---

[1] Lamartine.

A religião — ensina o auctor do *Genio do Christianismo* — no intuito de reformar o coração humano, e converter paixões em virtudes, inventou uma nova paixão, não se servindo para a designar da palavra piedade, porque relembraria o orgulho; não quiz amizade, porque se esvae no tumulo; amor, era dôce, mas pouco severa; adoptando a palavra — Caridade — que as encerra a todas e tem mixto celeste!

O trabalho é para o homem uma lei, a lei suprema do aperfeiçoamento da vida. É elle que dá á intelligencia o seu esplendor, ao corpo a sua elasticidade, á alma a sua grandeza, á vontade a sua energia; é o esmaite da sua virilidade, é o florão da sua corôa, é a corôa da sua gloria.

ALVES MENDES.

Por entre as densas trevas d'uma noite negra — qual foi a do abafamento da voz da consciencia humana, que perdurou na corrente de seculos que vai do paraiso ao Calvario — passou a caridade a antemanhã da vida eterna, que lhe fôra predestinada, abatida pelo sôpro lethal das ambições, curvada pelos embates violentos das loucuras dos povos, cegos e ignaros, sem poder nunca aprumar a sua estatua colossal e formosissima acima do nivel das

paixões humanas, conturbadas pela iniquidade perversa da mais brutal embriaguez.

Nem a indagação profunda das religiões, nem a serena reflexão da philosophia lhe conheceram a magnitude.

Era lei da sabedoria eterna que a caridade — essencia explosiva do supremo amor — não projectasse o seu vulto luminoso nos áditos do infinito antes da consummação do sacrificio do Homem-Deus — tremendissimo martyrologio, sublime epopèa d'onde se deriva o verbo ingente, sublimador do genero humano — a liberdade.

O trabalho, a grande alavanca social, a origem do bem-estar das nações, o esteio, a columna em que se apoia e firma a independencia do homem, em que assenta a verdadeira liberdade que exalta e levanta a dignidade do povo; o trabalho, esse amigo intimo e fiel, abençoado repouso do espirito, era então considerado uma baixeza, uma vileza, uma cousa desprezivel, execravel.

D'aqui a intolerancia, d'aqui a desordem, d'aqui a corrupção.

Guerra de morte, guerra sem treguas contra a humanidade democrata, manietada pelas algemas do poder absoluto que considerava o povo como patrimonio do rei, o fraco como patrimonio do forte!

A tyrannia, no auge da cegueira e da crueldade, — para cumulo de ignominia — decretára a escravidão por caridade e o azorrague por benesse!

E o povo — ou antes a escuma, a escoria, á qual emphaticamente se dava o distinctissimo nome de povo — preferia a escravidão á morte, tão embrutecido estava!

É que a intelligencia, o supremo dote do homem, perdida, despenhada no abysmo da dúvida, esterilisada no vacuo, sceptica, fria como um tumulo — dolorosa negação da existencia — ignorava ou fingia ignorar as leis da igualdade e da fraternidade.

E digo assim porque não concedo que Platão, o divino Platão, acreditasse na sua religião esteril e ridicula; não concedo, não admitto que Aristoteles e Cicero defendessem de boa-fé a legitimidade da cólera e da vingança — o direito da escravidão.

Como poderia Cicero — o primeiro philosopho que pronunciou a palavra caridade — *Charitas humani generis* — manifestar tão fundo desprezo pelo trabalho e pelos que trabalham, elle que labutava constantemente para penetrar nos reconditos arcanos da sabedoria?

Indiscutivel a sciencia n'estes homens, fica-lhes em pé o egoismo ou a tibieza, porque não tiveram, como Moysés, a precisa coragem para arrostar com os preconceitos sociaes e implantar uma religião nova, mais amena, mais suave, mais consoladora, mas ainda assim incompleta — ordenando no Pentateuco a cordura para com o estrangeiro, e admittindo no Levitico e Deuteronomio o odio ao inimigo, a escravidão do estranho, isto

é, a negação viva e solemne da caridade christã, precisamente quando ella nos seus horisontes, até alli pejados de plumbeas nuvens, rompia a sempiterna aurora que da Creche de Bethlem se reflectiu na luz brilhante da civilisação por todo o orbe!

La charité peut tout ; la preuve en est ici ;
Le monde entier doit dire à la France : Merci !

A. QUINTON [1].

Assentam em Bethlem os fundamentos das Creches. Nasceu n'uma Creche o Salvador do mundo.

As Creches são, pois, uma instituição divina, aurea cadêa que liga a creatura ao Creador, e na Creche pensava por certo Jesus Christo quando pronunciou estas amantissimas palavras: *Sinite parvulos ad me venire.*

Coube a sua preconisação e diffusão ao exemplar extremo do amor paternal — predestinado protector das crianças, o venerando S. Vicente de Paulo,

---

[1] No livro dos visitantes da Creche de Santa Maria, na Exposição de Paris.

que no seu incessante derramamento das luzes do Evangelho pela pratica da beneficencia, se inspirou na luminosa idéa das Creches.

Seguiu-lhe os lucidos e memorandos passos um lidimo cultor da sciencia etiologica, que tende á modificação complexa e completa dos males que actuam sobre a economia humana.

O repudio da criança e o rebaixamento da mulher, chagas corrosivas, causas immediatas d'uma infinidade de males pungentissimos, traziam constantemente preoccupado o espirito philantropico de João Baptista Francisco Marbeau, enlevado com a evolução da peregrina idéa de auxiliar e affirmar o cumprimento severo do augusto dever da maternidade. E n'este empenho previdente e preclaro estudou e propôz, como remedio efficaz, a inauguração das Creches, dotando assim o mundo com a mais proficua das instituições pias — formidavel fortaleza da moralidade contra o vicio, base consolidadora da economia social, olhada pelo lado material e philosophico.

Germinou e fructificou a sementeira abençoada. Em 1844 erguia-se em Chaillot, extremidade dos Campos Elyseos, a primeira Creche do seculo, facto estupendo nos annaes da civilisação e da caridade, cabendo assim á França — a Paris — o coração do mundo — a realisação do grandioso pensamento, que na corrente electrica da sua irradiação fulgurante por toda a Europa, atravessando a vastidão dos mares, pairando sobre as margens encantado-

ras da formosa Guanabára, como preito á magestade do famoso imperio de Santa Cruz, berço da hospitalidade universal, inflammou-se no espirito culto de João Vicente Martins — nosso illustre conterraneo e benemerito apostolo das doutrinas de Hahnemann — que alli apenas despontavam então no horisonte da sua futura gloria.

Empenhadissimo andava o dedicado e intrepido lidador na lucta ingente e crua das duas doutrinas, identicas nos fins mas divergentes nos principios, devendo-se o triumpho, por parte de Hahnemann sobre Hippocrates, aos sacrificios e constancia do nosso heroe — poderosamente auxiliado pela Providencia, que fez pesar os flagellos horriveis da febre amarella e do cholera por entre os descridos da sua beneficencia para maior demonstração da insigne verdade.

É lei fatal, ao que parece, a crucifixão dos redemptores!

O egoismo e o indifferentismo, em guerra contínua e aberta contra os obreiros do progresso, iniciadores das grandes idéas, cortam os vôos á intelligencia e sacrificam e immolam no altar das suas paixões mesquinhas o fructo do labutar assiduo dos operarios dos melhoramentos da humanidade: e assim foi que João Vicente Martins, ao desfraldar a sua bandeira — CARIDADE SEM LIMITES! SCIENCIA SEM PRIVILEGIOS! — correu parelhas em sorte de penurias e insultos com Hahnemann — o illuminador da lei dos semelhantes; com Harvey — o as-

*

tro da sciencia que descobriu a circulação do sangue [1]; com Fulton — o *louco!* — que enriqueceu o mundo, aproximando os povos pelo soberbo invento da navegação a vapor; com o proprio Colombo, o famoso descobridor da America; com Jacquard, com Girard, com Frederico Sauvage, com Galileu, alfim, que á conta de mau theologo foi victima dos ciosos inimigos do seu talento, obrigado, de rojo no tribunal da Inquisição, a abjurar as suas doutrinas e convicções, para poder ir morrer tranquillo em Accetri, pronunciando ainda em voz baixa e timida, ao partir-se das terrenas contenções da vida para as perpetuas glorificações do infinito, o famigerado — *E pur si muove* — monumento immorredouro da cegueira dos seus verdugos!

Sete annos ininterruptos de lucta tenaz e desabrida — desde 1843 a 1850 — sustentou o valente contendor contra os antagonistas da lei que abraçára — *Similia similibus curantur* — sem que o minimo abalo ou frouxidão de animo o desviasse da

---

[1] O dr. A. Pulido reclama para a Hespanha a primazia d'este descobrimento na pessoa de Miguel Servet, dando como prova o livro *Christianismi restitutio*, rarissimo exemplar existente na Bibliotheca Nacional de Paris, bastante queimado das chammas que devoraram toda a edição de 800 exemplares, em 17 de junho de 1553.

Seja, porém, Harvey ou Servet, pouco invejavel lhes é a sorte, pois este morreu queimado como o seu livro.

brecha, atalaia onde aparava sempre firme todos os golpes que á farta lhe eram desferidos, no intento de apagar a aureola esplendorosa que o circumdava — effeito dos immensos beneficios que tão prodiga e humanitariamente dispartia.

E ainda assim, empenhado na pugna reflectora da limpidez da sua alma gentil, nunca no magno sacerdote de Hygia se entibiou, nem por momentos, o estremecido amor da patria, virtude tão n'elle justamente radicada!

Aspirando a largos haustos para os pulmões, retemperados pela força juvenil da sua bronzea vontade e da sua robusta fé, as auras magicas e vivificantes que embalsamam aquelle Eden, sonho de Venus, fonte perenne de graças e de mimos, de carinhos e de affectos, de poesia e de acções generosas, bellissimo conjuncto que entretece o diadema d'aquelle gigante magestoso,

> Hospitaleiro e leal,
> Que dá sempre honrosa estima
> Aos filhos de Portugal [1];

aspirando n'aquellas brizas fagueiras o enthusiasmo cavalheiroso pelo torrão onde nascêra, resolve João Vicente Martins, em viagem de recreio pelas provincias ao norte do imperio, vir propagar na sua pa-

---

[1] Pinheiro Caldas.

tria a proficuidade do systema que tão conscientemente adoptára.

E aqui, no Porto, a 21 de novembro de 1852, dando expansão ao seu genio philantropico e beneficente, attestando o seu acrisolado amor do proximo; aqui, na cidade da Virgem, grandioso capitolio onde arde dia e noite, alimentada pela crença, a lampada da fé, n'este opulentissimo santuario da caridade, ergue o grande benemerito mais um monumento condigno do

> ... baluarte heroico
> Dos triumphos d'um povo ennobrecido;
> Theatro colossal de mil victorias,
> De rasgos immortaes, feitos pasmosos [1].

E a Creche — abençoada pelo saudoso e respeitabilissimo bispo, o finado D. Jeronymo — surge em letras diamantinas nas douradas paginas da historia patria, levando á apotheose aquelle que acudindo pressuroso ao templo do dever, veio matar a fome ás criancinhas, deixando após si este rasto de luz a illuminar-lhe as pégadas scintillantes, impressas na senda escabrosa da vida.

Gloria, pois, ao immortal fundador da Creche de S. Vicente de Paulo! Gloria a todos quantos cooperaram, cooperam e cooperarem para a conti-

---

[1] Pinheiro Caldas.

nuação e elevação de obra tão meritoria; uberrimo e fecundissimo manancial de bens; laço que estreita e confraternisa a sociedade; elemento de ordem, de paz e de progresso; symbolo do amor da cruz; inexhaurivel caudal de graças derramadas por sobre todas as nossas instituições sociaes, politicas, religiosas e economicas; magestoso templo levantado em honra do trabalho — d'esse primeiro ornamento do homem — que foi e ha de ser sempre o sustentaculo de todas as nações, a base da dignidade humana — fulgentissimo diadema da fé, da esperança e da caridade!

... alli moram os celestes ensinamentos; adoçam-se as dôres da vida, vive-se ao calor da esperança.

HYMNO DA IGREJA.

Ia sinistro e fundo o sulco aniquilador, sorvedouro voraz da infancia, aberto pelo egoismo e pelo transviamento nos arraiaes da pobreza. Aprazia á fatalidade, por vezes implacavel e caprichosa, pesar com manopla de ferro sobre a innocencia, desprotegida da fortuna.

O luxo com as suas seducções e desvairamentos fascinadores, a devassidão com o seu immenso cortejo de desgraças, a doença, herança fatal do peccado, na sua escala ascendente de notas dissonantes na harmonia da natureza, completavam uma trindade infernal e dissolvente que obumbrava os horisontes á aurora da existencia. Cumprindo-se a lei terrivel da destruição, o pauperismo ou o miserabilismo, sempre crescente, sacudia das suas

azas negras, sobre o berço dos desvalidos da sorte, o germen desolador de todas as dôres, de todas as afflicções, de todos os tormentos e de todos os martyrios.

Tocava então o opprobrio a meta do horror. A fraqueza da mulher, victima sacrificada á malvadez do homem, no seu ultimo requinte de degradação, raivosa, phrenetica e febricitante, no delirio e no apogeo do vicio — quiçá effeito immediato da fome — a mãi de todas as lepras sociaes — qual bacchante embriagada com sangue, estonteada na vertigem do erro, tripudiando na propria consciencia, arroja-se ao suicidio physico ou moral — que uma e a mesma cousa é morrer matando o filho, que viver abandonando-o na Roda, o prostibulo da dignidade humana, irrisão social, escarneo pungente á obra da creação!

E como balsamo salutar n'aquelle mar de angustias e de tribulações, restava só que a *beneficencia* da peste, como desinfectante de tanta podridão, viesse com o *allivio e a misericordia* da morte pôr termo ou paradeiro a este marulhoso referver de agonias.

Assim, com taes procellas n'alma, com o pungir eterno do remorso a retalhar e espicaçar o coração, misera fortaleza constantemente assaltada pelo espirito das trevas, não ha vida possivel.

A redempção era o sepulchro. Não tinhamos ainda então as Creches, vibrações sonoras de corações benemeritos, onde se adormentam as dôres

— á luz da consciencia do dever e da esperança do futuro.

Não existiam as Creches, que importam uma revolução benefica no mundo physico e moral, um philtro de resurreição, uma providencia; finissimo esmeril que vai polindo a sociedade, espelhando-a de virtudes e perfumando-a de amor, qual lirio castissimo em alcova de virgem.

Estavam ainda na penumbra estas irradiações sublimes da civilisação do seculo; e a Roda — essa abjecção fulminante, barbarismo sordido, negação viva de todas as crenças e de todas as religiões, pantheon levantado ao scepticismo e á loucura — immolava dia e noite milhares de victimas na sua machina fatal de corrupção e de crueza.

Tens razão, lord Brougham! tens razão, Pedro Ivo! As Rodas, verdadeiros antros de Trophonio, representam o desorganismo. Heras esterilisadoras da arvore social, contaminando-lhe o tronco, viciando-lhe a seiva, corroendo-lhe as raizes e decepando-lhe as vergonteas, implantam a dissolução e produzem a licença e a desordem.

Não fôra esta a sua essencia, é certo; não fôra assim dissolventes que as concebêra o inclito Vicente de Paulo. Á sua creação presidiu prestadia idéa, e proficuas foram, quando era outra a luz do seculo e outros os costumes. Que as Rodas foram instituição de verdadeira misericordia na sua fundação, nos asseveram as proprias palavras do seu venerando fundador ás irmãs de caridade, a quem

elle confiára os destinos das criancinhas: «Ora sus, senhoras, vêde se tambem quereis abandonar esses innocentinhos, dos quaes sois mães, segundo a graça, depois que as mães, segundo a natureza, as engeitaram.» Então significavam as Rodas uma reparação; e um amparo e um asylo para os recemnascidos — filhos do peccado: hoje traduzem um estimulo, uma escandecencia á volupia, e um açougue, um patibulo legal de infanticidios.

Um perfeito ludibrio, um eculeo de males, uma vergonha, «uma espantosa immoralidade no abuso», segundo a opinião auctorisada do snr. D. Antonio da Costa.

Os melhores hospicios de crianças, assevera-nos Michelet, são verdadeiros cemiterios. O de Moscow, de 37:000 crianças que recebeu durante 20 annos, salvou apenas 1:000! O de Dublin, de 12:000 salvou 200!

Que morticinio!

Perguntai á visinha Hespanha pelos resultados que tem colhido das suas *Inclusas*.

Um horror!

Desde 1787 a 1840 entraram na *Inclusa* de Madrid 65:584 crianças, das quaes morreram 54:847, isto é, uma mortalidade superior a 82 por cento!

E assim perdeu a Hespanha 54:847 cidadãos que poderiam ser uteis á patria — no exercito, na marinha, na lavoura, nas artes, na industria, nas letras, etc. Quem sabe quantas intelligencias privilegiadas, n'aquella fonte immensa de riqueza, que pela maior parte poderia o paiz ter aproveitado, procurando

desenvolver a saluberrima instituição das Creches, ainda alli em completo desprezo!

Ao passo que a França conta já 151 Creches — sendo 28 no centro de Paris — Madrid, a capital de Hespanha, tem apenas uma Créche, conservando ainda a irrisão da sua *Inclusa!*

As Rodas estão abolidas pela philosophia do amor do proximo. Sepultou-as a civilisação no pó do esquecimento, a maior das condemnações da terra, para quem aspira á apotheose.

E malditas sejam ellas para sempre! que preferivel era o sôpro gélido da morte ao ferrete ignominioso, ao estigma indelevel por ellas estampado na fronte do engeitado!

Se a flôr que ainda em botão pende emmurchecida, mirrada no seu involucro, fenece sem perder o seu perfume, assim a criança, que volita do seio materno ao seio da Providencia, nada perde da sua pureza. E, n'esta conjunctura terrivel, entre o tumulo e a Roda, felizes eram os que morriam no berço, pois para elles a vida se limitava a um beijo — a um sorriso de mãi! livres do eterno sarcasmo, do eterno vilipendio e do eterno martyrio! . . . . . .

. . . . . .

E bemditos e abençoados sejam os purificadores d'este fóco de miasmas; bemditos e abençoados sejam os reformadores das Rodas, que foram tambem os precursores das Creches — presididos e guiados pelo proprio auctor d'aquellas — o insigne remidor da creatura em chrysalida!

Rayon de Béthléem, Crèche à peine naissante,
Dis-nous qui te protège et te rend triomphante,
Lorsque tu vas franchir les monts et les mers,
Pour porter les bienfaits partout dans l'univers?

DE BERNY.

Puisse cette bonne œuvre se propager partout.

EMMA L. RUSSEL.

Provemos a verdade das idéas enunciadas com testemunhos de boa fonte.

Procedamos a um estudo prévio e minucioso que tranquillise e assegure a todos os espiritos, ainda os mais meticulosos, a conveniencia e a indispensabilidade das Creches.

O que são as Creches? Qual é o seu fim? Quaes as suas vantagens?

Desculpe-se-nos a ingenuidade do questionario, aliás mui baseado e muito experimentadamente fundamentado.

Em Portugal é minguadissimo o numero de pessoas que têm conhecimento das Creches. Nem os

diccionarios da lingua nos dão conhecimento da palavra, que é de mais a mais um neologismo [1], nem a noticia d'ellas tem passado além dos estreitos limites de algumas locaes nas folhas diarias ou de restrictas publicações de mui pequena circulação [2]; sendo certo que apenas temos d'ellas alguns exemplares no Porto e em Lisboa, hoje alli com maior esplendor, graças á régia protecção do Anjo da Caridade — que a exemplo da imperatriz Eugenia se dignou presidir ás evoluções e destinos d'estes peregrinos cofres onde se encerra a joia preciosa da educação e illustração dos povos.

Não admira, porém, que assim aconteça n'este

---

[1] O excellente *Diccionario de Educação e Ensino*, traduzido pelo distincto membro da primeira direcção encarregada, por João Vicente Martins, da manutenção da Creche de S. Vicente de Paulo, e o maior esciptor portuguez o snr. Camillo Castello Branco, dá uma noticia interessante sobre esta mesma Creche.

[2] Eu conheço apenas, ácerca de assumpto de tanta transcendencia, sob o titulo — CRECHES — e prezo-me de possuir um exemplar, que tenho em alta estimação, a — *Dissertação inaugural* — defendida, em 1878, perante a Escóla Medico-Cirurgica do Porto, pelo nosso illustre conterraneo o snr. Manoel Carvalho de Araujo Lima, e na qual trata, especialmente, o seu illustrado auctor, com bastante erudição e proficiencia, da Creche de S. Vicente de Paulo.

Infelizmente, porém, trabalho de tanta valia está reduzido a um limitadissimo numero de exemplares, pela maior parte sepultados em archivos d'onde não ha exhumal-os.

ignorado recanto do mundo, d'onde outr'ora partiam as leis, quando em Paris, no grande centro da civilisação, dizia ainda ha poucos annos o benemerito Marbeau, referindo-se ao glorioso successo que obtivera a Creche na grandiosa Exposição Universal de 1867: «Elle à fait connaître l'œuvre encore ignorée même de la plupart des habitants de Paris, même de ceux qui avaient une Crèche dans son voisinage... »

Marbeau soubera aproveitar o ensejo feliz para diffundir a gloria da sua obra maravilhosa, expondo a Creche de Santa Maria, encimada pelo symbolo protector da cruz, abençoada por Sua Santidade Pio IX, de honrada e respeitabilissima memoria.

Obteve um exito, um triumpho assombroso a festejada exposição do sympathico edificio, sobre cujo portico se liam as sublimes palavras: *Pasce agnos... Pasce agnos... Pasce oves.*

As primeiras notabilidades do mundo extasiam-se diante da conciliadora e caridosissima instituição, alli assim modelada e interiormente decorada com os versos do férvido apostolo e mavioso cantor das Creches, Emile Deschamps:

Un enfant Dieu sauva le monde,
Et le monde, aujourd'hui, sauve tous les enfants.

Foi unanime o applauso. Victoria, a princeza real da Prussia, da Inglaterra e Irlanda, inscreve-

se no livro dos visitantes da Creche de Santa Maria, manifestando a sua alta estima por tão meritorio e previdente instituto; segue-se-lhe o principe imperial da França, protestando a sua adhesão á causa santa: «*Moi aussi je m'intéresse à ces petits enfants*»; e, depois, é extensissima, é interminavel a lista dos admiradores convictos do alcance benefico de tão luminosa obra, porventura a mais interessante da Exposição de França, na opinião de Georgina Crampton.

Desde a testa coroada até o mais humilde dos artistas são unanimes as demonstrações de apreço e de auxilio prestadas ás Creches, que como por encanto se multiplicam por toda a França e d'alli por toda a Europa.

A Sociedade Protectora das Creches, inaugurada no Grande Hôtel de Ville a 27 de fevereiro de 1847, desfralda aos quatro ventos a sua bandeira de propaganda: «*La sollicitude pour l'enfance est un signe de vraie civilisation*» e a seductora idéa das Creches vôa de mundo a mundo e radica-se na Argelia, na Belgica, em Vienna, em Londres, em Bristol —; e na Italia, na Prussia, na Bohemia; por toda a Allemanha, em Constantinopla, na India, na China, na Turquia... na propria Turquia!

Et Stamboult, la Rome musulmane,
Vient d'adopter la Crèche... en attendant la Croix! [1]

---

[1] Emile Deschamps.

O conselho geral dos hospicios, o conselho geral dos departamentos e os escriptorios de beneficencia de Paris convidam o prefeito do Sena a tomar as medidas necessarias para a reproducção das Creches. SS. Santidades Gregorio XVI e Pio IX testemunham a sua approvação ás Creches, estendendo este a todas as Creches do mundo as indulgencias concedidas por aquelle á Creche de Chaillot.

A Academia franceza confere o primeiro premio Montyon — uma medalha de 3:000 francos — á propaganda das Creches, por Marbeau; um pequeno livrinho, todo sentimento e amor do proximo, que, segundo Villemain, é uma simples narrativa d'uma boa acção, que tanto mais se reproduz e aperfeiçoa quanto mais se lê ou se escuta.

Mr. de Melun e Mr. Thiers aconselham e recommendam á assembléa legislativa a protecção das Creches.

O congresso internacional de caridade, reunido em Paris, pronuncia-se em favor d'ellas. O conselho de Estado formula-lhes um projecto de lei e Napoleão solidifica-as, amplifica-as, acolhendo-as á protecção da França por intermédio da imperatriz Eugenia, e dotando-as com o humanissimo decreto:

Napoléon, par la grâce de Dieu et la volonté nationale, Empereur des Français.

A tous présents et à venir, salut.

Sur le rapport de notre Ministre Secrétaire d'État au département de l'intérieur;

*

Sur la connaissance que nous avons des services rendus par les Crèches ou asiles du premier âge dans les communes où les mères ouvrières demandent leurs moyens d'existence à des travaux qui les éloignent de leur domicile;

Voulant contribuer au développement d'une institution si utile à la partie la moins aisée de la population de l'Empire, et donner en même temps à l'Impératrice Eugénie, notre chère et bien-aimée épouse, une nouvelle preuve de notre affection;

Avons décrété et décrétons ce qui suit:

ART. 1er

L'institution des Crèches, dont le but est de garder et de soigner les enfants en bas-âge dont les mères travaillent hors de leur domicile, est placée sous la protection de l'Impératrice.

. . . . . .

São um presente do céo, as Creches! *Fiat lux!* e as Creches illuminaram o mundo.

As Creches representam o élo da cadêa que unifica, confraternisa e ennobrece as sociedades, corrigindo-lhes os erros do passado, aperfeiçoando-lhes o presente e garantindo-lhes o futuro.

É maxima de Napoleão que: «*rien ne peut remplacer l'éducation des langes*».

A educação póde tudo. «*Ella faz dansar o urso*» — disse Leibnitz.

«*L'enfance d'aujourd'hui sera demain l'humanité*» — affirma Delbruck. E as Creches educam; e as Creches moralisam.

Mac Culloc — *Principios de economia politica* — ensina-nos que é unicamente ao trabalho que o

homem deve tudo e que é o trabalho que dá valor a todas as cousas.

E as Creches protegem o trabalho protegendo a prole dos operarios, alimentando-lhes os filhos com incansavel carinho e esmero em fortificar-lhes a saude e desenvolver-lhes a intelligencia, inoculando-lhes os nobilissimos sentimentos de affecto pela familia, dedicação pela patria e respeito e obediencia ás leis, base fundamental da paz e do progresso das nações.

«*La Crèche c'est un coin du ciel*» — diz-nos Camillo Groult; e diz bem, porque na Creche se adoçam os costumes e se amaciam os genios:

> La Crèche est le berceau d'une race meilleure.
> Dieu, qui la voit de sa sainte demeure,
> Sourit à ses efforts, et bénira la main
> Qui de ses doux trésors dota le genre humain [1].

Inspiremo-nos, pois, no infinitissimo bem: façamos a Deus oblação do nosso sacrificio; protejamos as Creches; imitemos a França; resgatemos a criança e redigamos com o poeta:

> La Charité peut tout, la preuve en est ici;
> Le monde entier doit dire à la France: Merci!

---

[1] Rivet.

O caracter da verdadeira religião reconhece-se n'esta continua harmonia de céo e terra, de Deus e humanidade.

CHATEAUBRIAND.

A caridade é paciente; é branda, não porfia primazias com outrem; não procede com temeridade, não se ensoberbece.

Não é ambiciosa; não visa a ganancias; não se irrita nem julga mal.

Não folga na injustiça, e exulta com a verdade.

Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo soffre.

S. PAULO AD CORINTH., cap. XIII.

Occupa hoje os mais sérios cuidados da sociedade, trata-se com todo o afan da verdadeira solução da crise operaria pela organisação do trabalho.

A lei do trabalho é a lei da humanidade: o homem nasceu para o trabalho, como a ave para o vôo.

A perfectibilidade — o sonho ideal do seculo — tem de ser consequencia logica e infallivel do trabalho.

No trabalho assenta o eixo sobre o qual gira toda a engrenagem da grande machina social.

Physiologicamente fallando, o trabalho é um dos mais importantes regeneradores do organismo — preceito divino e hygienico — indispensavel á existencia.

A felicidade da realisação de innumeraveis e diversissimas aspirações humanas, o prazer do trium-

pho das suas mais urgentes necessidades e dos seus mais legitimos gozos — são puras manifestações da actividade physica e intellectual.

Ao trabalho obedecem as leis sociaes e respeitam as leis divinas.

A natureza é obra sua.

Os templos, as bibliothecas, os grandes monumentos assentam n'elle os seus fundamentos.

No trabalho se firma a liberdade e o progresso; d'elle promanam as fontes legitimas da riqueza e da illustração universal.

A lenda dos seculos é a historia do trabalho.

Na temerosa lucta do espirito com a materia, na pugna da claridade contra as trevas, o trabalho é baluarte.

A perpetuação e generalisação da palavra, a *faisca que dá ao pensamento a sua chamma, sua luz e sua liberdade* [1], a imprensa,

> Luz do espirito... lampadario do altar...
> .....
> mestra de exemplos...
> que ampara o genio
> e abarca as eras em sua esphera immensa
> prendendo idade a idade [2],

foi invento — foi producto do trabalho.

---

[1] Lamartine.

[2] Thomaz Ribeiro.

A bussola, a aproximação dos povos, as revelações do firmamento, o telescopio e o microscopio, o pantographo, a electricidade, emfim, que produziu a impotencia das tormentas despojando-as das iras do raio — todo esse assombroso summario de descobrimentos uteis, todo esse immensuravel conjuncto de beneficios que engrandecem a obra prima do Supremo Architecto do Universo é o effeito do trabalho, o verdadeiro rei do mundo.

Monsenhor Freppel, bispo de Angers, valente e denodado campeão das doutrinas religiosas, resolve o problema com o auxilio da religião. E resolve bem; porque o predominio do espirito sobre a materia, o respeito á moral, a santidade do dever, a auctoridade da consciencia, as prefulgencias da abnegação e da dedicação são chispas emanadas da religião christã, toda ella uma maxima, toda ella uma lição. E ai de nós se a negarmos! Sim, a negação de Deus será o prenuncio da dissolução pelo cahos da anarchia, a rugir medonha lá fóra, derrocando, incendiando, explosindo, ululando, agigantando-se horrida e tenebrosa, a chumbar-nos os horisontes do porvir.

Cuidado! não assanhemos a chaga; derramemos antes a flux, e por sobre ella, o balsamo suave que nos gotteja da cruz e da Creche.

A Creche é manancial das graças de Deus, dôce maná do céo, mealheiro productivo fecundado pela intelligencia, qual aquelle de que nos falla Alexandre Herculano — «que durante muitas éras ficou,

por assim dizer, no estado de sementinha perdida, até que a luz do progresso e da civilisação a fez rebentar, crescer, bracejar, florir e gerar fructos preciosos, que d'ella colhem em abundancia as sociedades modernas. »

E Monsenhor Freppel curva-se reverente diante da Creche, proclamando, com a sua voz auctorisada, com a evangelica unção da sua palavra eloquente, que S. Vicente de Paulo, por si só, fez mais para a solução das questões operarias do seu tempo do que todos os escriptores do seculo de Luiz XIV.

E como Monsenhor Freppel pensam illustradissimos theologos e profundos economistas, asseverando todos *una voce,* com Adolpho Blanqui, que «as questões economicas são insoluveis em quanto a religião não lançar mão d'ellas»; isto é, devemos crêr, em quanto a consciencia do dever não acordar em todos nós o mais amplo exercicio da caridade, espontanea, preventiva e pacificadora, que mitigue todas as dôres, que enxugue todas as lagrimas, que cure todas as enfermidades, que console todas as afflicções, que redima todas as culpas, que adoce todas as agruras, que nivele todas as sortes, creando casas de *correcção* para todos os vagabundos, para todos os viciosos, remedio efficaz para todas as ulceras d'alma; e que conjunctamente com essas correcções, palladio de bons e de maus, solidas garantias para os honestos e segura livração para os cegos de espirito, multiplique os asylos para os velhos, os invalidos, os lazaros e os loucos; crie

institutos para surdos-mudos e cegos; augmente os hospitaes para os doentes, e auxilie a diffusão das Creches para a criança desvalida, que representa um sorriso da Providencia — que significa o Evangelho da caridade; — que, no dizer d'um douto, é a maior joia social, a primeira belleza social, o futuro social, um mundo, um sol, um céo!

Como não póde haver sociedade sem religião nem escóla sem Evangelho, porque do Evangelho e da religião pendem os destinos do mundo; unamo-nos todos, identifiquemos as nossas forças, consorciemos os nossos corações, dediquemo-nos todos do mais intimo da nossa alma ao derramamento da luz da religião e do Evangelho—o que não significa nem o ostracismo do clero nem o anathema fulminante do poder temporal, mas sim a adoração commum, a cooperação espontanea e unisona ao ornamento do immensissimo e proeminentissimo templo da caridade christã, que é o verdadeiro templo de Deus, o mais condigno da sua magestade; templo que tem por ambito a vastidão do mundo, por esmalte os feitos brilhantes da humanidade, por sacerdotisa a virtude, por culto o amor do proximo, por cinzel o trabalho, por lustre e por cupula o sol e o céo; e, por fim, a gloria eterna e a eterna salvação da grande familia universal!

Donnez pour voir ces lys dont la Crèche est l'asyle,
Vêtus comme celui dont parle l'evangile;
Que leurs berceaux soient blancs et leurs coupes sans fiel,
Un sourire d'enfant peut vous ouvrir le ciel!

COUDERT.

Que ma voix soit du moins comme un sincère hommage,
Comme un écho lointain de la voix qui vous plait,
Si de ces sentiments vous n'avez pas l'image,
Vous aurez du moins le reflet.

SAINT-GERMAIN.

Abramos ao acaso as paginas douradas do Evangelho. Qual é o primeiro mandamento da lei de Deus?

Exercer a caridade, o mais sublime de todos os preceitos que vieram, fulgurantes de luz, nas azas beneficas do christianismo, firmar no mundo o sacratissimo sentimento do amor do proximo.

A caridade é a base fundamental da dulcissima religião do Crucificado, que condemna e fulmina a ferocidade do egoismo, a dureza da inclemencia, a intumescencia da deshumanidade, corollarios do

paganismo, do polytheismo e de todas as religiões antigas, hostis á santa irmanação dos affectos.

O unico laço que nos prende pela affeição, que nos uniformisa e confraternisa; o amplexo divinal que estreita as gerações humanas ao irradiar d'aquella maravilhosa doutrina, incompativel com todos os erros, incompativel com todos os vicios, é o exercicio da caridade.

Bafejo consolador da Providencia celeste, reflexo vivo da clemente e piedosa beneficencia da Rainha dos anjos, a caridade — potentissima inspiração do infinito, incitamento innato de todos os sêres, coevo de todos os tempos, ingenito com a creatura, nasceu quiçá no paraiso.

A caridade manifestou-se no berço da primeira criança, ao soltar o primeiro vagido — signal da triste condição humana, condemnada a vir ao mundo chorando.

Sem a caridade da primeira mãi era impossivel a propagação da especie.

Vem, pois, do berço do mundo a caridade; é obra de Deus, como é o ether do espaço, como é o aroma da flôr, o canto da ave e o ciciar da briza.

Instinctivo na creatura o generoso sentimento, sondando todos os abysmos, vencendo todos os espaços, nunca jámais deixou, é certo, de inflammar-se no coração das sociedades e exercer a sua ternissima missão de condolencia, por entre as terrenas contenções da vida, preluzindo a fé no seio das gerações hereticas e derramando seus balsa-

mos salutares por sobre todas as chagas corrosivas da miseria, por sobre todos os lances afflictivos da dôr e da desesperança.

Digam-n'o os prenuncios dos albergues nocturnos ensaiados na ilha de Creta, em Athenas, em Argos, em Corintho, etc.; diga-o a santa hospitalidade praticada por Abrahão e Sara com os povos hebreus, e o acolhimento benigno, o agasalho complacente e generoso de Rebecca a Eliezer, quando encarregado de procurar a desposada de Isaac; diga-o, finalmente, esse prodigio de amor filial que Plinio e Valerio Maximo attribuem a uma rapariga romana, e cuja gloria Festus e Quaranta disputam para a Grecia, dizendo-a praticada por Perá, filha de Cimon; thema sublime destinado a memorar a caridade romana, tantas vezes reproduzido nas télas famosas e soberbas dos mais celebres pintores, profusamente espalhadas pelos primeiros museus do mundo.

Infelizmente, porém, a este tremeluzir da eterna verdade, a esta annunciação da eterna moral oppunham-se as sombrias voragens da cegueira humana; a animalidade inconsciente atufava-se nos paues marasmaticos e asphyxiantes das charnecas do scepticismo.

A imprensa era um sortilegio, Guttenberg um criminoso, João Fausto um feiticeiro, Estevão Dolet um relapso! O anathema e o patibulo feriram de prompto os illuminadores do mundo!

De par com a igreja a enxovia; a polé por mise-

ricordia; os tratos como aviso; a estrangulação como remedio!

Trevas densissimas! O tormento e os flagellos a contrapôrem-se ao influxo generoso do amor e do trabalho, limpidos e crystallinos reflectores da razão e da cultura da intelligencia a espelharem-se nas aguas quietas e transparentes do lago do progresso, que apagou de vez as fogueiras da Inquisição, levantando, sobre as ruinas das masmorras, as escólas, os asylos e as Creches que aproximam o Estado da Igreja, a creatura do Creador.

Quisquis unum ex hujusmodi pueris receperit in nomine meo, me recipit: Quem receber em meu nome uma criancinha a mim recebe — disse Jesus.

> Vous voyez bien que c'est une œuvre noble et sainte,
> Cette œuvre qu'inspira l'ardente charité,
> Et qu'en berçant l'enfant dans cette douce étreinte,
> Vous sauverez l'humanité [1].

Sob taes influencias é que as Creches foram fundadas por Marbeau, para augmentarem e melhorarem a população e depurarem os costumes das classes pobres, para excital-as á limpeza, á resignação e facilitar-lhes os meios de trabalhar; inspirar-lhes reconhecimento e respeito pela religião, pelas instituições e leis do paiz; constrangel-as á

---

[1] Saint-Germain.

força de beneficios, a não aborrecerem o rico; dar aos ricos mais uma occasião de auxiliar efficazmente os desgraçados e desenvolver no coração de seus filhos o sentimento da piedade e da caridade; fazerem sentir cada vez mais a necessidade da harmonia entre o poder civil e o espiritual; entre a caridade legal e a caridade officiosa; e finalmente diminuirem a miseria e os crimes, convertendo este valle de lagrimas n'um eden paradisiaco.

A Creche do Salvador foi o berço da civilisação moderna. A Creche moderna é o perfume da beneficencia perfectibilisando o ambiente da cosmogonia!

Cantai, povos da terra!
Mais bella e encantadora
Jerusalém renasce.

ATHALIA.

O poder está ao pé da necessidade.

PYTHAGORAS.

Esta nutriz dos desgraçados aconchegada ao homem como a mãi a seu filho enfermo, embala-o em seus braços, pende-o dos seios copiosos e sacia-o de leite, que mitiga as dôres. Já o vigia no solitario leito, já o adormece com feiticeiras cantilenas.

CHATEAUBRIAND.

Humanára-se Jesus Christo para redimir os peccados do mundo pela sublime epopêa do martyrio.

Iniciador e apostolo d'uma doutrina toda amor, toda humildade, prégando aos homens a conversão e apontando-lhes o caminho do céo, onde tinha o seu reino, deu-nos elle o formidabilissimo exemplo da condolencia, subindo resignado as asperezas do Golgotha para soffrer o cruentissimo holocausto, fazendo irromper a virtude humana do seio da sua dôr, e promulgando do alto da Cruz — labaro da ci-

*

vilisação — o dulcissimo codigo, que tem por brazão a Creche, a alpendrada da vida, erguida, por graça de Deus, para abrigo de todos os seus filhos.

A fé e a esperança abraçadas ao sopé do madeiro sacrosanto, apararam na ambula dos seus balsamos as perolas do pranto derradeiro do Justo da Bethamia com as lagrimas ardentissimas, vertidas no auge da tribulação pela predestinada de Judá, origem da infinda misericordia, que a exemplo dos grandes rios que fertilisam a terra, administrada no santo sacramento do baptismo, apaga a sêde do mundo e corre em auxilio da desgraça, como correm as torrentes para o mar.

Perenne fonte de amor, que não se exhaure nunca; summa essencia de todas as virtudes; espirito, alma da abnegação e da fidelidade, luz que brilha nas sidereas regiões da pureza, orvalho consolador da remissão christã — o pranto de Jesus e de Maria — sanando todas as miserias, dissipando todas as negruras, esvaecendo todas as sombras, confundindo o atheismo e convertendo o paganismo, communica o céo com a terra — a magestade infinita com a extrema humildade — deificando a Creche com o biblico episodio que abalou o universo inteiro pelos seus fundamentos, implantando-lhe uma religião saluberrima, que embora divirja na fórma, como differem as linguas, é identica na sua essencia; que tanto é Deus como é Tupan, o Ente supremo a quem o mundo adora... o Pai da creação — o Supremo Architecto do Universo — que preside

a todos os destinos e que rege todos os mundos!

E para que viria Elle, assim immenso e Todo Poderoso, nascer nas palhas d'um presepio humilde, senão para nos fraternisar?

Para que intimaria elle ao principe dos apostolos as santissimas palavras — *Pasce oves... Pasce oves... Pasce agnos* — senão para nos ensinar o dever da caridade?

Para que apostolisaria Elle o amor á criança, senão para nos doutrinar nos fecundos principios do amor do proximo, pela religião do amor dos filhos? «Tudo quanto fizerdes em beneficio da mais pequena d'estas crianças, será considerado como feito a mim mesmo».

E o que ha ahi de mais nobre, de mais primoroso, de mais sublime, de mais util, de mais proficuo para a sociedade, do que o amparo da criança no berço, isto é, a Creche?

Não representa a criança a flôr em botão, ou por outra, o pollen da flôr que nós chamamos sociedade?

Defendendo a criança, cumprimos religiosamente um dos deveres capitaes que nos impõe o amor do proximo, o amor da familia e o amor da patria; defendendo a criança defendemos a lei historica e immutavel do progresso humano.

O nosso estado actual representa um vasto cemiterio para a criança. Se não temos em Portugal estatisticas com que possamos comprovar tão lamentavel affirmação, soccorramo-nos aos trabalhos

de outros paizes, que nos desvendem a tristissima verdade que enunciamos.

É extensissima a lista dos males que cercam o berço da criança; é alarmantissima a cifra da mortalidade que dizima a seara do porvir, e urge um correctivo a tão assombrosa calamidade.

Do discurso do snr. D. Pablo Lozano y Ponce de Leon, no Cassino democratico progressista de Madrid, colhemos os seguintes dados:

«De cada cem crianças morrem no primeiro anno: na Noruega, 10,4 por cento; na Escocia, 11,9; na Suecia, 13,5; na Dinamarca, 14,4; na Inglaterra, 15,4; na Belgica, 18,5; na França, 17,3; na Transilvania, 19,10; na Hollanda, 19,6; na Prussia, 20,4; na Italia, 22,8; na Hespanha, 24,5; na Hungria, 24,7; na Austria, 25,1; na Saxonia, 26,7; e na Baviera, 30,7».

Verifica-se que nas populações onde existem Creches, a mortalidade é consideravelmente menor.

Ora nós, que não estamos mais adiantados que o resto do mundo, e que, pelo contrario, marchamos no couce da civilisação, tomando o termo médio entre a França e a Hespanha, entre a ara das Creches e o archaismo das *Inclusas* — onde se prohibe ainda que a mãi dê o seio ao filho! — teremos para o nosso paiz uma mortalidade de 20,9 por cento nas crianças de 1 anno, cifra que podemos e devemos reduzir consideravelmente, diffundindo a humanissima idéa das Creches, tanto mais quanto

temos em nosso auxilio a amenidade do clima, pela sua situação topographica; e a amenidade do caracter do nosso povo, de natural bondoso, dedicado e amoravel.

Salvè, pois, augusta Creche—berço e sacrario de Jesus—que dás a nossos filhos abrigo, repouso, calor e nutrição de corpo e de espirito, inspirando-lhes nobres sentimentos que constituem uma verdadeira felicidade, porque—o que o berço dá só a sepultura o tira!

Salvè, bordão seguro que os amparas nas escabrosas veredas que têm a percorrer, pharol que os illumina, estrella que os guia nas asperezas da vida, prestando-lhes os mais ternos cuidados, os mais incessantes e affectuosos carinhos instinctivos no coração de mãi!

Salvè, Creche augusta, escudo da honra e da dignidade da mulher, principio de todas as venturas, quando exerce a sublime missão de mãi!

Salvè, inspiração divina, que vivificas, que alimentas, que educas a um tempo a criança e a mulher, a mãi e o filho, duas religiões, as mais caras, as mais queridas, as mais sensiveis cordas do coração do homem!

Salvè, marco abençoado, erguido no seio das sociedades para sustentaculo da ordem, da paz e da moralidade; reducto da pobreza contra a miseria e da riqueza contra a licença; iris de salvação para o pobre e de consolação para o rico; garantindo áquelle o dôce trabalho e dando a este, em troca

das migalhas dos seus festins, a alegria e a abundancia, de par com as bençãos dos protegidos do céo, que multiplicam as venturas da vida!

Salvè, arbusto aurifero que tiras do trabalho o fructo abençoado da riqueza e a sombra benefica da economia commum; porque a criança bem alimentada, bem cuidada e bem inspirada, dispensa o hospital, repelle a mendicidade e a vadiagem, poupando assim as necessidades dos asylos e das prisões e augmentando a riqueza publica, que se disparte em beneficios geraes!

Salvè, divina unção, bemdita colmêa, uberrima cornucopia de proveitos sociaes, urna preciosa de amor e de justiça onde se encerra o grande principio da igualdade e da fraternidade!

Sim, porque a Creche aperta os laços da cordura pela beneficencia entre o dever e a gratidão; a Creche entulha o abysmo do vicio, ouriçado de abrolhos, com as flôres mimosas que matizam os campos da virtude; a Creche domestica, açaima e contém as iras ao dragão das cem mil cabeças, adoçando-lhe a fereza do exterminio com o dôce enlevo da conservação; a Creche quebra as gargalheiras á escravidão da miseria — loba faminta e rancorosa — e desarma-a e ameiga-a e doma-a, afagando e aleitando-lhe o filho que ella abandonára, roubando assim á sepultura um montão de victimas e creando á patria um viveiro de cidadãos honestos e laboriosos, guardas indefessos e invulneraveis da independencia nacional.

Auxiliemos, pois, a Creche, e com o seu valiosissimo auxilio, acastellados á sombra dos seus muros, cobertos de bençãos e de graças, anteponhamos á invasão do pauperismo a diffusão da caridade!

Deus super omnia, Deus charitas est. A caridade é o amor, e o amor é a felicidade.

Ne faites pas seulement l'aumône, faites encore la charité.

J. J. ROUSSEAU.

La bienfaisance donne, la charité aime.

L. VEUILLOT.

Que toujours de vos cœurs s'élève une parole
Pour l'affligé qui pleure et que nul ne console,
Et que l'enfant du Christ, ou celui du païen,
Devant la charité reconnaisse un chrétien.

Priez pour qui blasphème et croyez pour qui doute,
Sans la part du prochain délaissé sur la route,
Vos biens seront des feux sans rayons dans la nuit,
Des gerbes sans épis, ou des arbres sans fruit.

COUDERT.

Sigamos os conselhos de Chastel e de Bossuet; penetremos no amago dos procedimentos da Creche; averiguemos se ella corresponde na pratica aos processos da theoria. Vèr e sentir para poder affirmar a lei de S. Thomé.

A quem pertencem as crianças que alli se aninham?

Esmiucemos a historia de uma por uma. Preparemos o escalpello para uma perfeita dissecção, separando o esphacelo da vadiagem desprezivel, incompativel com a condolencia do corpo sanissimo

da pobreza honrada, ferido apenas pelos raios da fatalidade; pois não é nosso intento proteger o vicio ignobil, mas sim amparar a virtude, transmudar em ouro finissimo as substancias de somenos valor, por effeito da applicação ao trabalho, condição essencial para que a pobreza desappareça e se converta até em opulencia.

Temos vastissimo theatro para um estudo profundo e consciencioso. Encontraremos na Creche fragmentos d'esse colosso immenso que empana o brilhantismo do seculo — periclitante — se não provermos de bom remedio o mal crescente, com estranho desenvolvimento a illudir e conspurcar assombrosamente a lei da creação — *pauperes semper habetis vobiscum?*

Uma cousa é a pobreza e outra é a miseria. Se aquella é condição natural, porque ao quadro da natureza seja indispensavel o seu claro-escuro para dar mór realce á riqueza, e ao mundo seja preciso o principio da dualidade, isto é, o braço productor e o braço consumidor; esta é o enxerto hybrido, que, qual parasita debil e fraco, mas traiçoeiro, se vai enroscando no tronco secular e gigantesco, robustecendo-se com a seiva que lhe suga e definhando-o pouco a pouco, até produzir-lhe a morte.

Procedamos a rigorosa autopsia n'esta parte interessante das garantias sociaes.

Quanto a mim, na Creche não ha, não póde haver ramificação d'esse cancro horrendo, fructo ini-

quo, peçonhento da vadiagem tunante, abjecta, que empesta e degrada a especie humana.

Essa excrescencia refractaria, esse flagello monstruoso e repellente, que representa uma grande degeneração, commercia com a asquerosidade da sua torpeza e contrapõe-se com toda a viciosidade e sanha bruta á philantropia que tende á depuração das fezes.

A criança, o proto-martyr d'esta vilissima affronta social, constitue uma necessidade para a traficancia ou artimanha fraudulenta, exploradora da caridade publica. E não é de hoje esta hediondez!

S. Justino, na sua Apologia endereçada ao imperador, censura-lhe o desamor á criança: «Reinando vós, engeitam-se as criancinhas. Alguem toma conta d'esses meninos para os prostituir depois. Por todas as nações se nos deparam crianças destinadas aos misteres mais abominandos, alimentadas como rebanhos de gado».

S. Vicente de Paulo accusa Landry, a megéra, que recolhia crianças abandonadas para os sacrificios da sorte.

E como complemento ao martyrologio infantil vem a pêllo o facto de Cambyse, que, para provar que o excesso do vinho lhe não tirava a razão, faz alvo do filho de Presaspe, seu favorito; com o arco desfere a flecha e fere-o no coração. E Presaspe, o pai desnaturado, ao vêr as entranhas do filho ainda palpitantes, dirige ao verdugo esta amabilidade: *Apollo não atiraria com mais certeza!*

A ascaride corrosiva não abandona a criança, esconde-a, occulta-a até aos olhos da nossa piedade; faz d'ella uma mercancía, o ganha-pão extorsivo. Espicaça-lhe os olhos e cega-a; quebra-lhe os ossos, torce-lhe os membros, aleija-a, mutila-a, deforma-a e expõe-n'a assim repellente nas ruas publicas para armar á compaixão!

Estas classes malditas vêem na Creche uma usurpação. E o óbolo da caridade distribuido por ellas, sem as devidas restricções, importaria um crime.

Para esta gafeira hedionda, monstruosamente perigosa, ha um unico remedio — as detenções, as casas de correcção, excellentes desinfectantes contra os miasmas deleterios da vadiagem. Aqui é que tem cabimento a caridade legal ou official, perfeitamente considerada por Cormenin como administração, policia e salubridade publica. E physica e moralmente fallando é certo que não conheço mais nojento tremedal de impurezas do que aquelle em que se incuba esta serpe venenosa.

E é urgente crear essas casas morigeradoras para expurgar a sociedade d'este gusano terrivel que a vai contaminando pelos alicerces.

Devidamente montadas estas casas, despovoados os alpendres, as pocilgas, os adros e as arcarias publicas d'essa raça nefanda; as Creches, as sociedades de beneficencia e caridade, as escólas, os institutos agricolas — que é força montar tambem — os asylos de primeira e segunda infancia, os dos

velhos e invalidos, e alfim os hospitaes, completarão a obra grandiosa da extincção da miseria.

A caridade é um manancial inexhaurivel de recursos para soccorrer os infelizes, e um digno anteparo contra as afflicções e o pauperismo. Mas, caridade é tambem a boa correcção; e quem bem previne, quem bem corrige, bem edifica, bem beneficia!

A miseria publica fluctua sempre; é um espelho do oceano revoltoso, ameaçando os continentes; e sobre ella deviam os governos attentar muito detidamente, como thermometro da segurança publica.

Se houve meios de acabar com a escravidão, deve havel-os tambem para acabar com a miseria.

Paris, antes das suas Creches e dos seus asylos, quando contava uma população de 550 mil almas, tinha inscriptos 120 mil pobres. Depois, com uma população de um milhão de habitantes [1], o numero dos pobres baixou a 66:000!

Isto é eloquente.

O que é facil de reducção é facil tambem de extincção.

A Creche deve ser o primeiro passo n'esta santa cruzada; o resto fal-o-ha o desenvolvimento da civilisação, que é a grande propagadora de todos os melhoramentos.

«Os berços da Creche, diz o manifesto firmado

---

[1] Estatistica de Marbeau.

pelo integerrimo fundador d'esta pia instituição entre nós, são destinados unicamente aos filhos legitimos de mães que vivam honestamente do seu trabalho».

Sem levarmos tão longe o rigor, observando devidamente o principio da equidade — «Le cœur doit faire la charité quand la tête ne le peut» — podemos com afouteza penetrar os umbraes da Creche de S. Vicente de Paulo, certos de que n'este proveitosissimo abrigo da innocencia, onde é verbo e hostia a exemplificação da caridade, não encontraremos o deslustre da protecção ao vicio.

Deixando a Deus a direcção dos destinos e contentando-nos com aprimorar a razão, vamos de alfobre em alfobre colhendo no immenso jardim da caridade as mais aromaticas flôres que n'elle vicejam com a humildade da violeta, comparando a Creche á mimosa flôr que em vão se pretende occultar, porque delicado e peregrino aroma lhe denuncía a existencia no escondrijo da relva.

Rien n'est plus touchant qu'une visite à la Crèche.

BEDIGÉE.

Ai! vêde o que é ter mãi!
Quem diz o que ella diz? Ninguem! Ninguem!... Ninguem!

THOMAZ RIBEIRO.

Vibram-me n'alma os anjinhos,
Os anjos loiros do céo!

ALVARES D'AZEVEDO.

Estamos na Creche de S. Vicente de Paulo.

Disse Deus diante d'um berço: BEMDITO SEJA O FUTURO; e o futuro diante dos berços responde agradecido: Bemdito sejas tu, Senhor Deus de infinita bondade, de infinita clemencia e de infinita misericordia!

Descubramo-nos, pois, em presença do berço adorado, descubramo-nos perante o humilde tugurio da innocencia, que, se não deslumbra pela grandiosidade nem pelas magnificencias, não acorda tambem pavorosas recordações — como S. Pietro

in Carcere, por exemplo, essa transformação gigantesca e sumptuosa do carcere Mamertinus, a asphyxiante masmorra de cujas paredes lobregas gottejam ainda as amarissimas lagrimas de milhares de victimas alli votadas ao inferno dos tormentos, em cujo numero se contam os primeiros ornamentos da Igreja — S. Pedro e S. Paulo — a prudencia e o valor, a pomba do altar e a aguia do combate.

É humilde a nossa obscura thebaida da infancia; e, para quem se tem extasiado diante de colossaes monumentos como o Pantheon de Roma, Santa Maria-degli-Angeli e de uma infinidade de maravilhas que assombram, custa-lhe demorar-se n'este pobrissimo retiro — que nem tem historia, nem columnas, nem dourados, nem frescos, nem relevos, e onde só em perfeita tranquillidade se respira em plena primavera o suave aroma das flôres que brotam da consciencia do bem-fazer.

Não ha, porém, aqui recear tristezas; a dôce melancolia d'este remanso é generosa, inspira poesia e amor, dilata-nos os corações para o coração de nossas mães; é melancolia que suavisa paixões, porque vem esmolada do céo. Ao passo que as grandezas do Colisseo petrificam os passos do visitante no pavimento empapado de sangue humano, retrahem-lhe a vida no coração, com receio de que ainda alli se acordem as affrontas do passado, ou que se desmoronem aquellas pedras ao sôpro da maldição dos seculos, indignados das estupendas infamias dos infamissimos imperadores.

É humilde a nossa Creche, é, mas dos humildes e dos pequenos é o reino do céo.

Dos infinitamente pequenos derivam os incommensuraveis, os infinitamente grandes.

Os cedros, apenas visiveis á superficie da terra quando nascem, vivificados pelo rocio do céo, agigantam-se — tal Goliath do deserto — e ensombram com as suas cômas imponentes e magestosas as summidades do Libano.

Bem pequeno e quasi invisivel é o pollen da flôr que sobe ao ar, desprendido do seu involucro mirrado e resequido, açoutado pelos vendavaes; e, perdido no espaço infinito, errando ao capricho das tormentas, vai cahir ao acaso em qualquer prado na Arabia, no Oriente, e lá fecunda e lá nasce e lá floresce, exhalando os deleitosos perfumes que vão de mundo em mundo reproduzindo as delicias da ambrosia.

Humilissimo era o ignorado burgo acantoado nas margens do Tibre, e d'elle surgiu Roma, a cidade eterna, rainha e senhora do mundo pela força e pela fé; Roma que avassallou o universo e fez da terra o seu throno, roubando ao firmamento o brilho das suas constellações com o irradiar da sua corôa brilhantissima de myriades de luzes.

Bem pequena é a Biblia, e ainda hoje diffunde luz para todo o orbe. Ha seculos, ha milhares d'annos que as gerações a lêem, e a sua leitura não está ainda concluida.

Por tenuissimas, decerto, são ainda hoje — no

*

seculo dos descobrimentos — desconhecidas as origens do Nilo e do Amazonas, os dous maiores gigantes que de oppostos hemispherios concorrem para a immensidade dos mares.

Pobre e humilde nasceu o Vaticano das mãos de Symmaco.

Pequeno e fraco foi Salomão, e personificou a sciencia e instituiu o templo.

Fraco e nervoso era Julio Cesar, e a historia é pequena para enquadrar o seu merito.

Pequeno foi Napoleão e apavorou um seculo; pequeno foi Miguel Angelo que tomou proporções divinaes.

E pobre, e humilde é tambem a nossa Creche, mas a ella se têm acolhido milhares de crianças, e quem sabe quantas centenas de notabilidades no futuro!

É pobre, é humilde, mas n'ella coube o vulto imponente do Anjo Rei — esse chorado monarcha que ainda hoje não cabe na estreiteza do seu feretro — occupando proeminente lugar no coração do seu povo.

É pobre, é humilde, mas mais d'uma vez tem servido de solio á Magestade que preside aos destinos de Portugal! E que sólio augusto, que é a Creche, nucleo de braços para a patria, de sustentaculos para o throno!

E póde ser mesquinho o templo da virtude? Póde ser insignificante a Creche, dilecto santuario do amor da nossa Augusta Rainha, a cuja protecção se

acolhe n'este momento tão, para todos, solemne, quando se trata de levantar um edificio condigno dos altos fins a que se destina?

Sim, Rainha e Senhora, realisa-se o férvido voto que vos foi feito pelo mais humilde de vossos subditos, por occasião da derradeira visita com que vos dignastes honrar este pobre albergue da infancia. As criancinhas, que vós tão maternalmente acariciastes, vão ter casa propria com as devidas condições hygienicas, o espaço preciso para se elevar a cem o numero dos contemplados com o enorme beneficio que a Creche dispensa, e a devida decencia para poder receber a distincção de novas visitas da sua Augustissima Protectora. E digo isto, Senhora, porque espero que a vossa excelsa bondade não negará á Creche de S. Vicente de Paulo a subida honra de vos considerar como sua Bemfeitora, collocando-a sob a egide do vosso manto real e piedoso.

Á Creche de S. Vicente de Paulo escasseiam os meios precisos para a realisação do grandioso emprehendimento do seu novo edificio, empenho bem superior á exiguidade das suas posses; mas, alentada que seja com o prestigio do vosso nome, Senhora, não lhe faltará a coragem precisa para estender a mão á nunca desmentida caridade portugueza, e eu dou o exemplo, Senhora, curvando-me respeitosamente diante da vossa magnanimidade e pedindo-vos e impetrando-vos muito encarecidamente a vos-

sa valiosissima esmola para a primeira Creche de Portugal.

E de todas quantas esmolas tendes dado, Senhora, de todos quantos beneficios tendes feito, nenhum é superior em merito, vós o sabeis, áquelle que dispensardes a esta Creche, augmentando assim mais um valioso brilhante á vossa fulgentissima corôa de benemerencias.

Vós sois mãi e mãi amorosissima, e como tal justificaes os cultos mais afervorados, as admirações mais profundas e espontaneas, a cega idolatria d'este povo que vos acclama o seu anjo de amor e caridade.

Foi como mãi e não como Rainha que vos inclinastes sobre estes berços; conclui, pois, a vossa benemeritissima obra da redempção das crianças, sêde imagem de Maria, a Virgem-Mãi que aconchega ao seio milhões e milhões de filhos. Sim, Senhora, declarai, do alto do vosso throno, que vós sois a mãi d'estas criancinhas, como o sereis de todas as que nascerem em Portugal, com necessidade de recorrer á caridade das Creches; e, para realisação de tão immenso beneficio, dai-me a vossa esmola, multiplicai estes amoraveis abrigos, hasteando, sobre o alcaçar da vossa piedade, a bandeira protectora das Creches em Portugal. Segui os passos da imperatriz Eugenia, Senhora, que do alto do seu throno se declarou protectora nata das Creches na França.

Augustissima princeza de Saboya, candida cecem d'este santuario, astro de toda a nossa esperança, realisou-se em vós a prophecia do poeta.

Portugal inteiro converteu-se n'um altar onde vós sois por todos adorada. O solio portuguez é-vos sacrario de amor, e ante o altar e o sacrario nunca são de mais as perolas da gratidão a aljofrarem o diadema da gloria.

Completai a vossa obra, Senhora, immortalisai o vosso nome, erguendo em Portugal o primeiro monumento do futuro — a Creche.

Sêde a providencia das Creches, Senhora, como o fostes dos inundados e como o tendes sido de milhares de infortunados; e as criancinhas, e as mães, e a patria agradecidas vos glorificarão *in perpetuum* no reino dos céos.

Que puis je faire de mieux que de te donner à boire ma vie?

.....

Amour immense, incommensurable, sans bornes, de la mère pour l'enfant que tu és élevé, noble, imposant, majestueux! Comme tu révèles bien la puissance divine!

.....

Qu'elle est inexprimablement belle, feconde et bénie, cette fontaine de vie, cette blanche mamelle offertée par la mère à l'enfant!

C. P. Marie Haas.

Esperemos tudo da nossa excelsa Rainha, e prosigamos na visita á Creche de S. Vicente de Paulo.

Permitta-me a veneranda regente que me curve respeitoso diante da grandeza do seu coração ternissimo.

A snr.ª D. Maria da Conceição representa n'esta Creche o que o sol representa para as flôres, o que o balsamo da consolação representa para as feridas d'alma.

— Lembro-me d'esta senhora — disse-me Sua Magestade a Rainha, por occasião da sua visita em 26

de novembro de 1881 — tem um aspecto bondoso que se harmonisa bem com o cargo que exerce.

— É uma santa senhora, é a evangelisação da paciencia e da dedicação — affirmei eu a Sua Magestade, que lhe dispensou um d'aquelles sorrisos que vão ao fundo d'alma confortar as mais vivas amarguras.

. . . . . .

No livro dos visitantes figuram os nomes de SS. MM.: El-Rei o Senhor D. Luiz I, Rainha a Senhora D. Maria Pia, Principe Real o Senhor D. Carlos Fernando, Duque de Bragança; e o Principe Senhor D. Affonso Henriques, Duque do Porto.

El-Rei o Senhor D. Luiz memorou a sua visita nas seguintes palavras que alli se dignou consignar:

« Foi com verdadeiro gosto que visitei este tão util estabelecimento ».

Conjuntamente com SS. MM. assignaram-se os membros da sua real comitiva — em cujo numero figura o nome do snr. Thomaz Ribeiro, então ministro do reino.

É notavel a visita do snr. D. Antonio da Costa, em 11 de novembro de 1879, pela seguinte ementa:

« Visitei este estabelecimento; e agradou-me muito, tanto o estado em que o encontrei, como o zelo e carinho com que tratam as criancinhas a digna regente e a sua ajudante. Honra aos bemfeitores d'esta Creche. A paga encontral-a-hão nos sorrisos das suas consciencias ».

É unanime o applauso á instituição das Creches,

e vem confirmar este applauso geral a affirmativa de Marbeau nas seguintes palavras:

«L'humble Crèche, heureusement, ne trouve point et ne saurait trouver d'antagonistes.

«Chose rare en tout temps, plus rare que jamais aujourd'hui! C'est que la rosée tombe également sur le jardin du presbytère, sur le parc legitimiste, sur le champ conservateur, et sur l'atelier républicain. La charité luit pour tous, est bonne pour tous, comme le soleil, comme la vérité».

De facto, a contrariedade á Creche importaria uma aberração da natureza.

Se o tigre, o jaguar, que occultam a sua ferocidade no centro das brenhas, cuidam desveladamente dos filhos nos primeiros dias; se o chacal, o lobo, raças ferinas, zelam a sua prole, como é que a creatura humana havia de contradizer o amor da Creche, que representa o ninho da sua geração?

E que a Creche é ninho d'ave implume o diz brilhantemente o insigne e mavioso poeta o snr. Fernando Caldeira na sua mimosa poesia *As Creches,* flôr que transplanto para o meu humilde vergel, certo de que o illustre escriptor não negará um oasis a este deserto, um óbolo ao pobre devoto da sua grei:

Existe mal suspenso, mal tecido
n'um ramo dos mais debeis do arvoredo
um ninho obscuro, o lar estremecido
de pequena familia. É manhã cedo;

já duas avesinhas têm partido,
viu Deus com que saudade e com que medo,
confiando áquelle ramo o seu segredo,
quanto no mundo têm de mais querido;

e lá vão no lidar de cada dia.
No comenos ergueu-se a ventania
e eil-os de volta os dois. Emfim, paciencia,

elles hão de ter fome, sim, mas vence-a
o amor ao filho, o ninho quer vigia.
Caridade, vai ser-lhe Providencia.

L'aumône est un encens plus pur que la prière;
Donnez, donnez surtout aux anges de la terre;
Parmi les blés mûris de vos riches sillons,
Laissez glamer l'enfant qui n'a pas de moissons;
Les épis recueillis à la saison dernière,
Semés par le travail ont germé dans la terre,
Ceux que votre main sème aux champs du malheureux,
Bénis par le Seigneur germeront dans les cieux.

BARET.

É brevissima a descripção material da Creche, attenta a sua natural singeleza: duas salas guarnecidas de berços, sempre muito arejados e rigorosamente limpos; em frente a estes uma carreira de cadeirinhas, vasadas no assento, onde as crianças se sentam, quando assim é preciso; ao centro um balcãosinho redondo, que lhes serve de mesa; os retratos dos bemfeitores, pendentes das paredes a ladearem a imagem de S. Vicente de Paulo, e junto d'ella um pequeno cofre sobre uma columna, com pé de gallo, completam a mobilia da Creche. Este cofre é o mealheiro das esmolas.

É da esmola que se alimenta a vida d'este santo instituto de amor e de moralidade. Vive do fervor da caridade esta mansão de paz, onde se criam, vigoram e robustecem os guerreiros do futuro.

O fim principal da Creche é proporcionar á jornaleira, á operaria, á artifice, á mulher, emfim, que produz, que coopera para o regular andamento d'esta machina social, o meio e o modo de poder cuidar do filho sem ser privada do trabalho.

Quem se demorar um unico momento no estudo d'esta utilissima instituição, vê tão de prompto e transparentemente o seu grande alcance, que parece até incrivel como seja preciso em pleno seculo XIX, que esteja um cego a propagar-lhe as virtudes, com extrema necessidade de meios para o seu aperfeiçoamento e diffusão!

Como se póde comprehender o amor do proximo, o amor da familia e o amor da patria, sem a protecção á criança, sem a instituição da Creche? Como se póde comprehender sociedade prescindindo da criança? Pois não é a criança o principio, a base da sociedade, como são os alicerces ou os fundamentos, o sustentaculo, o apoio dos grandes edificios?

Descurar a educação da criança é viciar, é aniquilar a sociedade; e ai do futuro se o presente lhe fôr eivado do berço! Que se póde esperar ou exigir d'uma geração tacanha e bruta?

É lei que os principios garantam os fins. Não póde haver fim sem ter havido principio.

A arvore bem guiada, bem podada, cresce, enraiza-se, levanta a copa á altura das nuvens, e vigorosa resiste impavida aos temporaes que tentam derribal-a. A arvore descurada, ou morre carcomida pelos vermes e não resiste por falta de seiva á inclemencia do tempo, ou cresce rachitica e enfezada e quebra-se ao primeiro sôpro do vendaval do sul, que lhe sopre rijo na ramalhada, resequida pelos ardores do sol, ou queimada pelo frio das geadas.

É preciso ter visto, como eu vi nos sertões do Brazil, chapadas enormes varridas pelo ciclone, não lhes restando uma unica arvore em pé, ao passo que alli mesmo, no proprio campo desolado, junto á cabana do sertanejo, cujo sapé fôra parar a leguas de distancia levado nas azas da tempestade, floriam sorridentes as laranjeiras, as pitombeiras, os jenipapeiros, as corpulentas e frondentes mangueiras, a grandiosa jaqueira com seus fructos de fórma oblonga, alguns pesando mais de 20 kilos! a propria sapucaya elegante, o pequeno cacaozeiro e a magestosa e gigantesca palmeira, balouçando seus leques ao sôpro da briza, após o choque impetuoso e o medonho fragor do temporal desfeito!

Que significa isto?

A educação da arvore.

E porque é que S. Paulo de Londres, para não irmos ás pyramides do Egypto; porque é que Santa Sophia de Constantinopla, o Duomo de Milão, as basilicas de Roma, Notre-Dame de Paris, a torre de

Pisa, a nossa torre dos Clerigos, os Jeronymos de Belem; porque é, digo, que esses enormes poemas de pedra que se perdem nas alturas, resistem aos rigores dos seculos, ao passo que milhares de edificios, verdadeiros pygmeus ante aquellas grandiosidades, se derruem e desmoronam ao menor embate que soffram?

É o effeito da solidez da base, é a questão da firmeza do principio. Edificar sem alicerce é construir na arêa.

Assim é a criança, o cimento do grande edificio social.

A criança bem cuidada no berço é util a si, á familia e á patria; mas não se tomem por cuidados do berço os que tendem sómente á lactação e nutrição, o que se diz puramente desenvolvimento da materia: não; isso é pouquissimo em relação ao que convém fazer, ao que é indispensavel que se faça no sentido de lhe educar o espirito — a parte essencial do homem.

E é n'este sentido que a Creche presta á criança e á sociedade um dos seus relevantissimos serviços.

Os bons costumes bebem-se no leite que nos alimenta, no berço que nos embala.

A criança que frequenta a Creche acostuma-se ao aceio, á regularidade das comidas, preceitos hygienicos indispensaveis ao desenvolvimento physico; e tambem ao socego, á sociabilidade, á obediencia e respeito aos mais velhos, á observancia

emfim, de todos os preceitos moraes e religiosos — luz do espirito que se não apaga nunca.

Não está ainda completa a Creche. No novo projecto de reforma de estatutos, em via de approvação, ha, porém, um artigo que, se a não completa, pelo menos aproxima-a muito da perfeição.

Diz o art. 8.º d'este projecto: «As crianças poderão frequentar as Creches até completar seis annos de idade; e, quando as circumstancias da associação o permittam, crear-se-ha uma escóla, onde serão administrados ás crianças, de 4 a 6 annos, os primeiros rudimentos de instrucção primaria».

Pela minha parte, se tiver ainda voto n'esta direcção, quando o projecto se discutir hei de propôr a eliminação d'aquellas fatidicas palavras — quando as circumstancias da associação o permittam — e não tenho o minimo receio de comprometter o fundo do estabelecimento; muito pelo contrario, tenho de mim para mim que a abertura d'esta escóla, longe de ser onerosa á Creche, ha de ser-lhe uma fonte de receita. Se já hoje é altamente sympathica a instituição que dá sómente o alimento do corpo e os cuidados do berço, muitissimo mais o será quando completar o beneficio com o pão do espirito, isto é, quando a Creche dér vida á vida das crianças que acolher ao seu seio!

E demais, quando porventura se désse o facto virgem de seccar para a Creche a fonte da caridade, tinhamos ainda o municipio e o Estado, que teem por dever educar o povo.

Que direitos póde ter o pai a exigir bons serviços do filho, quando lhe descurou a educação?

E, como o pai, o Estado não tem direito tambem a esperar bons resultados de maus principios.

O estado primitivo do homem entregue aos seus instinctos brutaes, sem o aperfeiçoamento da educação, é mil vezes mais perigoso para a sociedade que a féra das brenhas ou das cumiadas das serranias.

Cormenin pinta com côres singelissimas, mas apropriadas, o quadro da sociedade no seu estado de rudeza. É horrivel!

Só quem, como eu, atravessou os desertos da America e conheceu tão de perto a vida do homem selvagem; só quem, como eu, observou os effeitos da abusão e das superstições, o desconhecimento completo do pudor e da dignidade, o livre exercicio de todas as paixões, só esse póde fazer uma idéa aproximada do que vale a educação.

A Creche de S. Vicente de Paulo ha de dar ao mundo o exemplo da escóla adjunta ao berço. Não lhe hão de faltar subsidios, porque a caridade portuense não tem limites. E, já agora, faça-se a devida justiça: o nosso conspicuo senado comprehende perfeitamente a altura da sua nobilissima missão, e o exemplo é brilhantissimo.

A direcção da Creche de S. Vicente de Paulo dirigindo-se á exc.ma Camara municipal a pedir-lhe a sua protecção em favor das crianças desvalidas, mereceu d'ella a concessão gratuita do terreno em

que hoje se construe o novo edificio — que ahi fica perpetuando a illustração e benemerencia d'uma corporação condigna do honroso cargo que exerce.

A muito esclarecida e respeitavel Junta Geral do Districto approvou este acto de integral justiça, evidenciando assim o seu animo de proteger a Creche; e eu confio na sua illustração que em observancia aos preceitos da boa politica continuará a dispensar a este instituto, utilissimo ao districto, todo o favor compativel com as suas attribuições.

Cumpre á direcção d'esta Creche relembrar á posteridade o assignalado serviço prestado pelas duas respeitaveis corporações — insculpindo em marmore os nomes dos cavalheiros que tão efficazmente contribuiram para obra de tanto merito; e certo estou que o fará.

Quanto a mim, sem meios nem prestigio para lhes saber agradecer a parte que d'elle me tocou, aqui lhes consagro mais uma vez a expressão sincera do meu profundo reconhecimento e consideração.

E, porque a occasião proporcione ensejo favoravel a manifestações cordiaes, seja-me tambem permittido consignar, aqui, que o actual governador civil, exc.mo visconde de Guedes Teixeira, se dignou acolher da melhor vontade um pedido meu em favor d'este bordão da pobreza, promettendo-me dispensar-lhe todo o auxilio em harmonia com a justiça devida ás classes necessitadas.

*

Desenganemo-nos, não póde haver regeneração do povo sem nascer da consciencia e do sentimento popular.

Os povos colligem os elementos de estreitar as suas relações. Ao longe, em ponto ainda distante mas alumiado pelos raios esplendidos da Cruz, divisa-se a humanidade UMA.

D. Antonio da Costa.

Por sequencia de idéas vem de molde abrirmos aqui um parenthesis para tratar, ainda que de leve, da parte relativa á caridade social na Creche.

A Creche é um livro em branco onde a sociedade desenha a sorte do futuro.

A Creche é um ramo da sociedade, no seu estado embryonario.

Escrevei virtudes nas paginas d'este livro, e virtudes ha de encontrar a sociedade porvindoura, como herança dos seus maiores.

Escrevei-lhe vicios, e vicios legareis aos filhos de vossas entranhas, que serão os legisladores do futuro, os continuadores da sociedade d'ámanhã.

D'aqui promana e rebenta a necessidade impre-

terivel do ensino primario na Creche, a menos que não queiramos retroceder ás trevas cahoticas do passado — pois que então teriamos de reescravisar a mulher, de substituir os impulsos da nossa caridade pelo barbarismo do assassinato, esmigalhando as cabeças de todas estas crianças d'encontro aos umbraes da Creche, porque são pobres, para deixarmos aos posteros... a riqueza do vacuo.

Não é isto o provavel nem o possivel depois da irradiação do christianismo. Haverá mais ou menos lentidão, mais ou menos actividade na observancia da preclarissima doutrina do Crucificado, mas vamos caminhando sempre na senda civilisadora do progresso, ladeada já de boas obras que unificam a humanidade em estreito amplexo.

É, porém, indubitavel que a Creche interessa muito de perto ao Estado, e que o Estado tem por dever e obrigação proteger desveladamente a Creche, dotando-a com a escóla.

Se o não fizer, falseia a sua missão — perdôe-se-me a dureza da phrase, devida talvez ao natural reparo de que até hoje se não tenha dispensado um unico favor a um estabelecimento que dá honra a Portugal, deixando-o em completo abandono, a ponto de me obrigarem a vir aqui estender a mão á caridade publica e pedir, como peço — UMA ESMOLA PARA A CRECHE DE S. VICENTE DE PAULO.

A caridade individual ha de ser sempre a reguladora da Creche, o seu sustentaculo, o seu aperfeiçoamento; pois não é sómente da esmola que ella

vive, não é a esmola o unico nem o principal factor da sua essencia.

Vale de muito a esmola, e sem ella baldados seriam todos os cuidados, todos os esforços, todas as abnegações dispensadas á Creche. Mas de que serve a esmola sem a dedicação do amor, sem o extremo do sacrificio que mude e seque as fachas infantis, que preste a interminavel serie de serviços á criancinha no berço, embalando-a, limpando-a, virando-a, ameigando-a, velando-a, ciciando-lhe cantigas que a adormeçam, guardando-lhe profundo silencio durante o somno para que não acorde, e que depois a vistam, a alimentem, a entretenham com meiguices e sorrisos, ensinando-lhe a dar os primeiros passos, inoculando-lhe o sentimento do bem — amor do proximo e amor de Deus — decifrando-lhe as primeiras palavras, adoçando-lhe pouco a pouco o instincto, naturalmente contumaz, mas innocente, summamente caprichoso, mas inconsciente?

Esta magnifica feição da caridade moral e intellectual, pertence só e exclusivamente ao particular; á outra, isto é, á caridade material, não póde, não deve ser estranho o Estado.

E a caridade official, de mãos dadas com a caridade publica, completam a caridade christã, que afinal tende só e unicamente ao bem-estar da sociedade, cujos destinos o Estado se arroga.

Pois tendo em si o Estado o poder de castigar o vicio, não deve ser elle o primeiro a prevenil-o? Po-

dendo o Estado exigir o concurso das nossas forças para todos os serviços publicos, não lhe compete a elle crear entre nós aptidões para o desempenho d'esses mesmos serviços?

Que culpa tem uma infeliz que nunca conheceu as excellencias da virtude, para ir expiar um crime que aprendeu no habito ao sahir do berço?

Ensinai á criança uma mentira e ella vol-a repetirá sem a minima intenção criminosa, pela mesma fórma que dias antes se a aproximasseis d'uma fogueira, ella se lhe precipitaria deslumbrada pela fascinação da chamma.

O Estado permitte — auctorisa até — vasta sementeira de abrolhos, e no acto da colheita rejeita espinhos e exige flôres.

Faz mais o Estado.

Vem a viuva, a jornaleira, o pobre desvalido com a condolencia no coração, dar á Creche uma das migalhas do seu pão negro, e o governo junta todas estas migalhas, pesa-as na balança do seu egoismo, e fica-se com uma parte d'ellas para distribuir a mãos largas por quem não tem fome... senão de dignidade!

E é n'estas circumstancias, que aquelle que observa o escandalo é renegado como pária!

O remedio ha de vir, que o mal não é de raiz, não é intencional, e assenta n'um certo egoismo descuidoso, que tem cura e infallivel, acordados que sejam os brios do povo em favor da sua propria dignidade.

E não se tenha por difficil o antidoto d'esta morbidez social, nem se pense que haja necessidade de lançar mão d'esses meios heroicos que conturbam o andamento regular e pacifico da vida dos povos: não; não precisamos de revoluções que deixem após si um rasto de lagrimas, ou tinta de sangue a vereda da sua marcha: ao contrario bastar-nos-ha, fortalecendo no espirito publico a consciencia dos mutuos deveres, alimentar-lhe e robustecer-lhe em tudo a tendencia natural da paz como meio indispensavel para o progresso e bem-estar geral, despertando apenas no povo a natural aspiração de se vêr levantado ao nivel dos seus direitos sem soberba nem baixeza, fruindo o salutifero producto da educação, cujo reverbero irá acordar no Estado a necessidade que tem de prevenir um certo numero de males que enervam, que rebaixam, que aviltam as nações, cumprindo religiosamente os deveres que lhes são impostos pelas leis por elle promulgadas.

Tirar ao pobre trabalhador para dar ao rico vadio, não me parece doutrina que possa vigorar no seio d'uma sociedade moralisada.

As nações educam-se como se educam as creaturas. Delimitem-se e observem-se escrupulosamente os deveres dos pobres e dos ricos, de governados e governantes; estatua-se por lei o respeito reciproco, o mutuo auxilio; comprehenda-se que a verdadeira felicidade depende unicamente do trabalho, do saber e da virtude, e teremos um mundo

novo onde não seja preciso fundir milhões para montar machinas de guerra que dêem cabo do resto da humanidade que escapar á podridão dos hospitaes.

Quereis magistrados probos e fieis distribuidores de justiça? Quereis sacerdotes modêlos que apostolisem a verdadeira religião da cruz, ensinando o amor pelo amor? Quereis principes para a Igreja, summidades para solios que não deslustrem o brilhantismo dos thronos? Quereis proceres benemeritos, ministros illustrados, magnates respeitaveis, sabios profundos e famosos, fabricantes laboriosos, artistas engenhosos, capitães valentes e gloriosos? — Protegei o berço, protegei a Creche, vasto viveiro de cidadãos para a patria, cujo futuro não ha desmerecer, porque o destino pertence a Deus.

O Estado deve, pois, auxiliar a caridade que mantém este precioso nucleo de beneficios; não póde nem deve arrogar a si a sua direcção, que fôra entibiar-lhe a existencia, atrophiar-lhe o desenvolvimento. Proteja a individualidade que o alimenta ou a associação que o sustenta, que o conserva, que o levanta, mas, por Deus! não lhe cerceie os ramos frondentes que tanta miseria abrigam, que tantas lagrimas enxugam, que tanta dôr acalmam, que tanto infanticidio previnem, que tanta moralidade implantam e que tanto amor divinisam!

Diffunda o Estado a Creche; desperte o amor pela Creche e ministre os meios precisos, quando

assim seja mister para que ella se dilate, se reproduza e se multiplique. As vantagens da Creche são immensas, não se devendo olvidar que entre essas vantagens figura a da economia. Como medida financeira e de muito alcance, palpita a creação das Creches. Ao passo que a Creche fôr moralisando e robustecendo a sociedade, irá rareando a massa compacta de pretendentes a empregos publicos, monomania da época que se deriva da indolencia e da negação para o trabalho; a necessidade do exercito irá desapparecendo ante a evidencia da paz permanente, a substituir o horroroso barbarismo da conquista pela guerra, outra irrisão social — monstruosidade desorganisadora que desmente a civilisação do seculo; — a corrupção fugirá espavorida ante o pudor social; e a degeneração da especie, a assustadora aberração do typo physiologico que faz de nós uma raça de cretinos, tenderá á perfeição natural pelo preluzir do nobilissimo sentimento do amor proprio, o maior inimigo da mendicidade, dos asylos, das prisões e dos hospitaes.

Meditem os governos por um momento ao menos na excellencia das Creches, e ellas se ostentarão illuminadas pelas escólas — o grande pharol do seculo XIX.

Le bureau de bienfaisance, les hospices, les conseils municipaux, et les conseils généraux, accorderont quelques subventions aux Crèches, quand la charité locale sera au-dessous des besoins; ils les accorderont, parce que la Crèche doit leur être utile; qu'il en coute moins, tout calculé, pour prevenir le mal que pour le guérir; qu'un enfant dépense deux tiers de moins à la Crèche qu'à l'hospice, et qu'il vaut mieux donner à une mère les moyens de travailler, que de l'inscrire au livre des pauvres.

MARBEAU.

Sem a educação cuidadosa na infancia não se podem fazer mulheres castas, esposas fieis e mancebos virtuosos.

HENRIQUE MOREIRA.

A primeira educação é a que importa mais, e esta primeira educação pertence sem contestação ás mulheres.

ROUSSEAU.

Continuemos a nossa visita á Creche, interrompida por esse appello ao governo, que a seu tempo produzirá o devido effeito.

A *Correspondencia de Portugal* proclamou, ha pouco, a necessidade e conveniencia da Santa Casa da Misericordia de Lisboa auxiliar as Creches. Ás Misericordias compete realmente protegel-as e diffundil-as, já como principio de caridade, implicito no pensamento da rainha D. Leonor quando lhes deu o ser em Portugal, já como medida economica, que o é muito transparentemente, offerecendo-lhes

larga cópia de compensações por qualquer beneficio que lhes seja feito.

A illustrada redacção do *Commercio de Portugal*, perfilhando a idéa, levanta a sua voz auctorisada e conceituosa em favor — palavras suas — D'UMA DAS MAIS UTEIS, MAIS CONVENIENTES E MAIS SANTAS INSTITUIÇÕES DO NOSSO PAIZ, COMO É A DAS CRECHES.

Os jornaes do Porto são unanimes em apregoar-lhes as virtudes, e sempre que um ou outro beneficio publico ou particular se deriva para ellas — elles o bemdizem e encomiam com palavras de merecido louvor e de subido merito.

Á imprensa, pois, como orgão da opinião publica, como guia e conselheira das sociedades ha de caber a suprema gloria de vêr triumphar a nobre causa das Creches, tomada debaixo da sua valiosa protecção.

Continue a imprensa na civilisadora propaganda, solte o seu brado unisono em favor da piedosa instituição, e á sua benemerita iniciativa ha de acorrer a caridade publica cobrindo-a de bençãos como portentosa irradiação da sciencia e das artes, como sol das almas, como sol dos seculos.

Mas, já agora, mais uma graça para a humanidade: accentue a imprensa a necessidade e conveniencia de dotar a Creche com a escóla; complete-se o beneficio!

O berço da Creche sem a luz do ensinamento é fraca esmola: que se não mate a fome á criança para a deixarmos morrer á sêde.

Institua-se a escóla na Creche, e já no berço aprenda a criança que existe, acima de tudo, uma entidade suprema que nos lê no intimo d'alma; ensine-se-lhe que a creatura tem deveres a cumprir para com essa entidade, para com seus paes, para comsigo e para com a sociedade. Inspire-se á criança o amor da patria, o amor ao trabalho, o amor do proximo. Acorde-se-lhe a consciencia da dignidade e evidencie-se-lhe o erro da superstição.

Luz, luz, muita luz áquelles espiritos cegos e pagãos — mas luz que seja pura, que não estonteie, que não perverta, que não corrompa, que não desnature!

O mestre toma o lugar de pai, quando não ministra doutrinas falsas: e é triste que o sublime sacerdocio ande por vezes por mãos tão imperitas, tão inhabeis! Como póde, porém, exigir-se bons fructos d'uma arvore a que se falta com os elementos necessarios para que os possa produzir?

D'esta fórma o ensino primario é simplesmente uma burla, e a burla na escóla é a desordem na sociedade.

A escóla da Creche compete á mulher; mas a mulher tanto póde ser a estrella d'alva como o manto negro da noite.

Cuidado na escolha!

Não continuemos na triste peregrinação da noite. Se fôr filha de Maria a educadora da Creche, que seja d'aquella caridosa Rainha dos Anjos que verteu lagrimas de sangue por amor da humanida-

de; que seja a imagem de Rachel amorosa, dedicada, estremecida por seus filhos; que seja mulher que tenha coração e saiba amar, mulher que comprehenda que a sua missão é ser esposa e mãi, e não recalcar no entumecido peito as impressões sublimes do amor, sacrificando-as ao fanatismo das virgindades.

Maria foi mãi: o exemplo é divino. A mulher nasceu para abrigo da felicidade do mundo, nasceu para cooperar na obra de Deus, e não para matar no seio os germens do futuro.

A mulher que morre virgem representa no mundo a aridez do deserto, a esterilidade na seara da providencia.

A vingindade da mulher nem sempre é uma virtude, é tambem um egoismo; importaria a aniquilação do mundo a doutrina em absoluto da virgindade.

Da escolha da educadora das Creches depende essencialmente o futuro da sociedade. A educadora das Creches representa o papel de mãi de milhares de crianças; tem, como mãi, de formar milhões de corações; e d'este seu immenso poderio depende naturalmente a felicidade do futuro.

Os conselhos de uma mãi gravam-se indelevelmente no coração dos filhos. A mãi tem, pois, a primeira influencia moral na creatura, na familia, e por consequencia na sociedade.

Acudi portanto á sociedade, acudi ao futuro, vigiando de perto pela educação da criança no berço.

A base da educação é o amor; ensinando-se a

criança a amar tem-se-lhe arreigado no coração larga messe de virtudes.

Que a criança ame o ar que respira, o leite que a alimenta, o berço em que repousa, a casa que a abriga, a luz que a alumia, o sol que a acalenta, a agua que lhe mitiga a sêde, o fructo que a deleita, a ama que a cuida, a mãi que a desvela, o pai que a adora, a companheira com quem brinca, os animaes que a afagam, o vestido que a aceia, o passatempo que a diverte, o cantico das aves que a enleva, o castigo que a corrige, o chão que pisa, a arvore que a ensombra, o livro que a instrue; que ame, finalmente, tudo quanto a rodeia, e muito do coração a Creche que lhe foi redemptora, e a redempção que lhe proporcionou a Creche.

Que a criança repita, como Kant, a respeito de sua mãi: «Foi a Creche que me preparou a alma para a virtude e para o bem; a ella devo tudo isto».

Forme-se o coração da criança com a suavidade do amor e da religião; ensine-se-lhe a ser humilde sem baixeza, prestimosa sem pretenções, bondosa sem orgulho, innocente sem hypocrisia, sincera sem malicia, illustrada sem vaidade, modesta sem affectação, economica sem avareza e religiosa sem fanatismo.

Esmalte-se o coração da criança ao brando sôpro do amor casto, heroico e contemplativo, puro e fiel; e isto no berço, á mesa, no aceio, nos brinquedos, nos sorrisos, nos carinhos, nos pro-

prios ralhos, para que lhe não seja de futuro indispensavel a febre para o gozo e para a vida.

«O coração do menino bem encaminhado — diz Gerando — abre-se de seu natural á virtude, como o calice da flôr aos raios beneficos do sol.»

Circa initium vigilantum est: cumpre velar logo de principio. Nunca é cedo de mais, nem são demasiados os cuidados e os esforços quando se trata de salvar na criança a paz e harmonia das sociedades porvindouras.

Pascal quer que o amor seja a razão; Platão divinisa-o, considera-o enthusiasmo dos deuses. Nectar da vida é elle, que sem amor não póde haver ventura, nem religião, nem crenças, nem esperanças, nem fé.

Corda da lyra do empyreo a vibrar no infinito, o amor, essencia da vida humana, tem o seu centro no coração da mulher, talisman, termo final de todas as nossas ambições, de todos os nossos sonhos, de todos os nossos desejos e de todas as nossas aspirações. Como obra prima do Summo Factor, escolheu a Providencia a mulher para lhe confiar o destino das sociedades. É ella quem nos dá o alimento do seu seio — quem nos enflora de rosas celestes a senda da vida, quem nos fórma no coração os primeiros vinculos do amor, consagrando-nos com elles a immortalidade de todos os sentimentos nobres que nos aproximam do Creador.

Verdadeira sacerdotisa da sociedade, anjo intermediario entre a terra e o céo, entre Deus e a hu-

manidade, a mulher é uma religião mysteriosa, divina, toda amor e doçura, toda affecto e dedicação.

Se a caridade é a inspiração da Providencia, a mulher é a inspiração da caridade.

Desgraçadissima aquella educação onde se não depara vestigio do amor suave da mulher! O calor do seu bafejo dulcificante, ante cuja efficacia se quebra a mais fera rigidez das paixões fogosas, corrige no berço aquelles estimulos rebeldes e ruins dos caprichos da humanidade.

Na sua instituição preceituou o benemerito fundador d'esta Creche que fosse confiada a senhoras a sua direcção.

Não se pôde levar a effeito medida tão previdente e salutar.

Não estava ainda de todo acordada na sociedade a consciencia da santa missão da mulher, nem se lhe reconheciam ainda os direitos que eram devidos á sua soberania.

No Brazil, mais que em Portugal, conheceram as senhoras a sua nobilissima tarefa na terra, e primeiro que as senhoras portuguezas tomaram as senhoras brazileiras a direcção e manutenção de varios estabelecimentos, estatuindo como dever constituirem-se em commissão para pedir esmola á porta dos templos nos dias santificados.

Os primeiros tentamens foram coroados de magnificos resultados.

Em Portugal, apesar de ser tardia a idéa, nem por isso deixou de produzir os seus beneficos effei-

tos, e hoje ha entre nós associações de senhoras que vão á cabeceira de todos os enfermos, ou onde quer que a desgraça se faça sentir, acudir á desventura pelos meios mais apropriados ao soffrimento que encontram.

A rainha dá o exemplo. A sua *Kermesse* é uma inspiração. Ha de ser uma chuva de ouro sobre a instituição das Creches, e um formidabilissimo exemplo a perlustrar todo o Portugal.

Se se dissesse, ha pouco, a qualquer mediocridade feminina que ella havia de vender flôres para espalhar beneficios pelo berço das crianças desvalidas, vêl-a-hiamos, encolerisada, voltar costas á infancia, de preferencia a descer do seu imaginario pedestal de... dignidade.

A civilisação vai apagando os preconceitos da barbaria, a COUSA desapparece ao irradiar do sol da verdade, convertendo-se em mulher, em astro fulgurante da existencia humana, em instrumento de Deus afinado pelas mãos da caridade.

O novo projecto de estatutos da Creche de S. Vicente de Paulo cria uma commissão protectora, composta de senhoras que superintendam no regimen interno do estabelecimento. Compete a luz ao fóco.

Era, quanto a mim, uma medida urgentissima a pôr em pratica. Não podia esta Creche prosperar e produzir todos os seus beneficos effeitos sem a salutar cooperação das senhoras.

Agora, que o elemento da paz e do amor vai en-

trar n'este meigo abrigo da infancia, estou certo que lhe raiará o sol da ventura — porque haverá no mundo caridade exemplar; mas ha de curvar-se respeitosa diante das senhoras portuenses, das heroicas filhas dos heroes da liberdade, sublimes ante a dura provação da peste, da fome, da guerra e de todos os martyrios que soffreram por amor da idéa santa da liberdade da patria, o maior de todos os amores, porque n'elle vão encerrados o amor de Deus, o amor da familia e o amor do proximo.

As senhoras portuenses têm a sua dedicação e philantropia esculpidas nas mais brilhantes ephemerides d'esta cidade invicta. São modêlos de virtude e de condolencia, a crystallisação e transparencia do bem; e, como prova recente, ahi tendes o esplendido bazar por ellas promovido e por ellas realisado em beneficio do Hospital Real das Crianças — um thesouro de caridade a perfectibilisar o grande merito e a grande virtude das Creches.

As lagrimas de tantas mães afflictas e consoladas e as bençãos das crianças acolhidas ao seio da vossa immensa caridade, senhoras, serão as perolas que enfeitem a corôa perfulgente que vos distinguirá perante o throno excelso da Rainha dos Anjos, quando no céo vos fôr aberto o livro dourado das vossas inclitas virtudes.

E, emquanto peregrinaes por este mundo de enganos e illusões como candidas fadas, que lhe amenisaes as agruras, sirvam as vossas benemerencias de lenitivo a todas as dôres e a todos os soffri-

mentos que o destino vos tenha imposto para experimentar a rigidez dos principios santos que vos adornam o coração e vos illuminam a fronte; e reparti o vosso amor, o vosso desvelo, os vossos carinhos, os vossos cuidados com as criancinhas da Creche, que vos estendem os innocentes bracinhos supplicando-vos protecção, senhoras, pelo amor de Deus, pelo amor de vossos paes, de vossos esposos, de vossos filhos; protecção, senhoras, aos desvalidos do berço, que são os filhos, os mais queridos filhos de Deus; protecção, senhoras, áquelles que vos gravarão os nomes nas paginas diamantinas do futuro, bemdizendo a vossa clemencia e a vossa misericordia, retribuindo-vos o beneficio dos carinhos no berço da Creche com a economia das dôres no leito do hospital.

Ménagez-nous, épargnez-nous, dans ce peu de mois et de jours que nous donne généralement la sévérité de la nature. Nous sommes si dépendants de vous! Vous nous tenez tellement par la supériorité de force, de raison, d'expérience!... Pour peu que vous y mettiez d'art et de bons ménagements, nous serons bien obéissants, nous ferons ce que vous voudrez.

MICHELET.

Como tudo está contente!
Como bello é tudo aqui!

CASTILHO.

Où les rayons des cieux tombent avec amour.

STAEL.

Está solitaria a Creche.

Reponta o dia no horisonte e vai-se levantando pouco e pouco, colorindo os berços das crianças d'aquelle magico e cambiante arrebol coado do céo, quando o incendio da manhã começa de dissipar as densas e frias trevas da noite.

Espreguiça-se a cidade invicta, acordando d'aquella modorra reparadora e suave, cessação periodica da actividade organica de todos os grandes centros de trabalho, dôce conforto dos fatigados membros dos seus destros lidadores.

As aldèas circumjacentes invadem e pejam as estradas que lhe dão accesso, acudindo ás suas diurnas necessidades, abastecendo os seus mercados das innumeras provisões e golodices que a sua alimentação reclama.

O pavimento das ruas, até aqui silenciosas e desertas, clareadas pela luz do gaz e projectadas em fantasioso desenho pelas sombras das casas em socego, repercute o aspero som de milhares de tamancos dos operarios e trabalhadores que affluem de toda a parte em direcção ás obras incessantes que lhe transformam completamente o aspecto carregado que teve outr'ora, e tem ainda hoje nas circumvisinhanças do arco de Sant'Anna, entidade que passou felizmente da fria objectivação do granito para a legenda historica, o bello poema de Almeida Garrett.

Os sinos das igrejas, as sinetas das fabricas, as alavancas das edificações feridas pelo martello do capataz, o rodar dos carros, o abrimento das portas annunciam a iniciação dos mil trabalhos que imprimem intensa vida a esta grande colmeia de incessante labutação.

E a leiteira, a padeira, a hortaliceira, a fruteira, o vendedor de jornaes, o peixeiro, o carvoeiro, o aguadeiro, a grande cohorte de vendilhões volantes, cada qual com seu pregão desafinado, completam a voz troante e confusa da vida da cidade, que se annuncia por esta ruidosa mas alegre dissonancia, alvorada desharmonica e barulhenta que passa

desincommodante pelo costume, excepto para aquelles que já tiveram a dita de acordar no campo, despertados pela suavissima e poetica orchestra da natureza ao entoar o hymno da manhã, que com seus dulcissimos accentos enleva e inebria ainda o espirito mais embotado e prosaico.

Como parte integrante d'esta vitalidade, a Creche começa tambem de ter o seu movimento; e é esta a occasião opportuna, a hora propria para uma observação profunda e exacta da sua benefica, humanitaria, civilisadora e sublime missão.

Observemos, pois, attentamente as scenas que se vão passar, em parte justificadas nos assentamentos do livro de registo, que póde ser examinado por quem pretenda aferir a verdade da minha exposição.

A senhora regente occupa o seu lugar de honra, ao fundo da sala principal, onde o sol, com seus vividos raios, vai matizando de mil côres as brilhantes scintillações incididas nas perolas formadas pelo orvalho matutino nos vidros das janellas, reflectindo qual nimbo de rubis, de esmeraldas, de saphiras e de opalas, a aureolar os retratos de todos os bemfeitores d'esta pia instituição, mudos e quedos nos seus quadros dourados, como que a sorrirem-se ante a belleza da sua obra, que ficou no mundo a bemdizer-lhes a peregrinação que fizeram por este valle de lagrimas e de miserias.

Ao tôpo da escada uma servente aguarda a chegada das crianças; na outra sala a ajudante da se-

nhora regente preside á disposição dos utensilios da Creche, e duas serventes, mais, giram d'uma para outra sala, aguardando que venham as ovelhinhas d'este aprisco alegrar o remanso de paz, como alegram os campos as andorinhas, de volta da sua invernia aos beiraes dos telhados, mal desponta o equinoxio da primavera.

Annuncia o toque da campainha a chegada da primeira criança.

É Margarida, de 2 annos e 5 mezes, filha de Augusta Rosa.

A mãi, ao soltal-a dos braços, imprime-lhe um beijo ardente e contempla-a por momentos, tremula de satisfação, ao vêl-a entrar alegre e satisfeita e correr pressurosa em direcção á bondosa regente, beijar-lhe a mão com expansivo amor, e ferrar com soffreguidão o dentinho agudo no primeiro bom dia da Creche — o pãosinho da manhã.

Interroguemos:

— Gosta da Creche, snr.ª Augusta?

— Ah, senhor! que muito bom é o pão de Deus; mas antes elle me falte a mim, do que a Creche á minha filhinha. Que seria de nós sem este amparo? O meu José vai para o seu trabalho; é pedreiro, senhor, e adoentado, ganha pouco; eu vou para a fabrica, sou cardadeira; e, assim, damos arranjo á nossa vida para nos sustentarmos e vestirmos a nós, á nossa Margarida e á mãi do meu José, que é muito velhinha e está entrevada. Valha-me Nossa Senhora da Piedade! que nunca com a Creche me

falte! Nossa Mãi do céo! que seria da pobreza sem ella! Olhe, senhor, ainda ha poucos dias, uma nossa visinha que não trazia o filho á Creche só por ter preguiça, entregou-o, quando sahiu, á desalmada de uma mulher que lá mora perto, e que deixou um porco comer-lhe um bracinho!

Quantas occorrencias d'estas a reproduzirem-se por ahi a todos os instantes! Verificai nas gazetilhas dos jornaes o sem-numero de crianças que, entregues a mulheres mercenarias, desamorosas, são victimas das chammas, da agua fervente, de quedas fataes e em poços, e até da voracidade dos animaes! Um horror, emfim!

Uma miseria!

Entra Maria Emilia, jornaleira, que deposita o filho nos braços da servente, para esta o collocar no berço que lhe é destinado; chama-se Arthur, e tem 6 mezes de idade.

— Venha cá, Maria Emilia. Diga-me porque vem assim trazer o seu filho á Creche, quando elle mais precisa do seu seio e dos seus cuidados de mãi; não é isso desamor, Maria Emilia?

— Desamor, senhor! nem me falle n'isso, que eu vejo no meu filhinho os olhos da minha cara! Desamor! Que hei eu de fazer, senhor, sem meios de vida senão pelo meu trabalho? Ou hei de morrer de fome e deixar morrer o filho, ou hei de trazel-o aqui, onde Nossa Senhora olha por elle, e trabalhar para elle e para mim.

— E o pai?

— O pai é carreteiro como eu, senhor; faz tambem pela vida, juntamos de dia para comermos de noite; e olhe que é doido pelo filho, senhor! morre por elle, tal como eu, que ao meio dia cá lhe venho dar de mamar!

— Tem razão, Maria Emilia; trabalhe e confie na Creche, que a Creche é mãi dos que trabalham; e á noite, nas horas de repouso, satisfaça os impulsos do coração, aconchegando ao seio o sonho da sua existencia; e nos domingos, n'esses dias santificados consagrados ao descanço, farte-se então de acarinhar seu filho, passeie-o, divirta-o, mostre-lhe os templos, os jardins, as arvores, as flôres; acalente-o, afague-o, ameigue-o, desforre-se então das horas do dia em que é obrigada, por amor d'elle mesmo, a separal-o de si e a confial-o á Creche, a providencia dos pobres honrados, a providencia da familia, a providencia da classe operaria — essa grande alavanca social — que deu, com a associação, o grande passo para a sua transformação, implantando a moralidade, a dignidade e a civilisação por todo o paiz, maravilha que se completa com o auxilio da Creche; a providencia da prole necessaria, da respeitavel e benemerita classe operaria.

— Ora Deus Nosso Senhor abençôe a Creche e a senhora regente e a senhora ajudante e vossemecês todos! Aqui está o meu filho.

É Antonio, idade 25 mezes, filho de Margarida de Jesus, peixeira — diz o registo.

A senhora regente abona o comportamento da mãi — que é muito amiga do filho, que o traz sempre muito aceado, etc.

— Vem cá, Antoninho, aqui está o teu pãosinho.

E a criança, saltitando, corre a receber a raçãosinha de pão trigo, já partido aos bocados n'uma cestinha, inseparavel da senhora regente.

Chega Viriato, de 13 mezes, filho de Margarida da Conceição, lavadeira da Santa Casa da Misericordia.

— Então a Misericordia não lhe aceita a criança, Margarida?

— Não, senhor; porque ella me priva de trabalhar...!

Convenho, mas as Misericordias deviam ter por dever — ou fundar Creches para os filhos das suas serviçaes e das suas enfermas até, ou auxiliar ao menos as outras.

O que quer dizer a palavra misericordia? Tudo quanto seja beneficencia, tudo quanto seja caridade.

Porventura os centenares de contos de reis legados á Santa Casa da Misericordia trariam implicita ou expressa a condição de serem applicados a vaidades architectonicas, e que devendo ter condições de saude só tem condições deleterias, segundo nol-o assevera com magnanimo desprendimento e

perfeita consciencia da materia um dos seus mais distinctos e dedicados ex-mordomos [1]?

Estipulariam os seus benemeritos testadores que o producto das suas esmolas servisse só para remediar miserias e não para prevenir os males que as produzem?

Não vai aqui irrogada a menor censura a pessoa alguma; não é da indole d'este livro entrar em apreciações estranhas ao seu fim, todo affecto, todo caridade.

No campo da beneficencia mais vale por vezes um aviso a tempo, que um remedio tardio. E um bom estudo sobre o assumpto por parte da illustrada corporação que preside aos destinos d'esta humanitaria instituição, póde produzir um beneficio immenso — que tenda a sublimar a caridade que remedeia, pela confluencia da caridade que previne.

E é isto que eu ouso esperar dos distinctos cavalheiros que fazem parte da mesa da Santa Casa da Misericordia do Porto, cujos philantropicos sentimentos estão de sobejo comprovados nos actos da administração difficilima d'este emporio do bem.

Entram a um tempo: Aurora, de 20 mezes, filha

---

[1] O snr. João Mendes Osorio no seu precioso livro *O Hospital da Santa Casa da Misericordia do Porto*.

de Q..., costureira; Albino, 25 mezes, filho de L..., gaspeadeira; Avelino, 24 mezes, filho de B... da S..., viuvo, musico, quasi cego; Henrique, 21 mezes, filho de C..., operaria; Pedro, 3 annos, ceguinho, filho de R..., jornaleira.

Como é digno de compaixão este Pedro!

Que mimo de criança! que humildade! que imaginação! Cegou, não vê nada; cerraram-se-lhe os olhos á luz do céo; está condemnado a perpetua escuridão no seio da claridade.

Que dura fatalidade!

Chegam mais: Americo, 3 annos, e Carlos, 16 mezes, filhos de...

A Creche não é privativa das classes baixas; mas «o mysterio de qualquer infortunio tem o direito de ser inviolavel» — diz D. Antonio da Costa.

A esmola da Creche a estas crianças significa o amparo a uma familia respeitabilissima que se sacrifica ao trabalho dia e noite para sustentar a sua impolluta dignidade.

Deve ser pudibunda a esmola; está no enigma o primor da caridade.

Áquelles que têm dado o seu óbolo para esta Creche, rejubile-se-lhes o coração pela consciencia de terem contribuido para uma das mais meritorias obras que encendram a beneficencia.

Continuemos.

Francisco, 14 mezes, filho de A..., vendedeira de calçado; Manoel, 7 mezes, filho de C..., farrapeira; Fortunata, 28 mezes, filha de A..., costureira; Hen-

rique, 21 mezes, filho de R..., aprendiza de modista; Izaura, 38 mezes, filha de B..., florista.

Izaura traz um raminho de perpetuas rôxas, um cravo, um amor-perfeito e dous botões de rosa.

— Vens muito florida, Izaura!

— É para os meus bemfeitores.

— Ora então dize lá...

— O cravo é para S. Vicente de Paulo, o pai dos meninos, que está na redoma; o amor-perfeito é para a senhora regente; as perpetuas são para os senhores bemfeitores do céo...

— E os botões de rosa?

A criança concentra-se por momentos, aponta depois com angelico sorriso triumphante para dous bellos retratos que occupam um centro, corre para elles, sobe a uma cadeira que lhes fica proxima e colloca um botão de rosa em cada um dos quadros da sua predilecção.

Quem te ensinou, ingenua criança, que eram esses os teus anjos da guarda? Como é grandiosa a muda expressão da innocencia pagando o tributo á virtude! Como é eloquente o hosanna d'esta criança aos seus bemfeitores!

E tanto mais eloquente quanto estes quadros representam um mysterio para aquella criança.

Ella não póde saber o nome dos seus bemfeitores; foi-lhe defeza essa graça pelo recato da caridade.

A existencia d'aquelles retratos na Creche representa o culto sagrado d'um dever, triumphante

da lucta formal, de uma tenaz opposição da philantropia, furtando-se ao tributo da mais severa justiça e da mais profunda gratidão.

Na posse d'aquelles quadros ha um protesto solemne de completo silencio sobre as virtudes que d'elles irradiam.

Não serei eu quem o quebre—não, que fôra melindrar susceptibilidades de consciencia, quebrar encantos divinos.

Cuidado, Izaura; cala-te, meu anjo, respeita como eu, em que te peze, os nobilissimos sentimentos dos teus benemeritos protectores, arroio incessante a fertilisar este alfobre de flôres. Adora-os em segredo como anjos que te velam o berço, mas não lhes indagues os nomes, não queiras saber quem são. Se alguem te perguntar por elles, tentando levantar a ponta ao véo do mysterio, responde-lhe baixinho: São os meus bemfeitores! a Providencia da Creche! . . . . . .

. . . . . .

*

Que ha ahi que diga tão alto e expressivamente a gratidão, manifestada na singela collocação d'aquellas flôres junto áquelles retratos?

É o vôo mystico da inspiração innocente transpirando amor e reconhecimento; é a voz da nature-

za agradecendo o condão do beneficio, e a voz de Deus abençoando o modeloso influxo da caridade esparzida, entornada sobre esta instituição amoravel pelo dedicadissimo affecto das personalidades d'aquellas telas.

Evola-se assim o culto da religião e do amor ao seio do infinito, como ascende o aroma da flôr, o vapor da agua á etherea mansão da divindade; como se elevam as almas ás inaccessiveis alturas do céo.

Ninguem vê, ninguem penetra o mysterio ineffavel que tem o dôce privilegio de celestes esplendores, e elle sobe á presença do Eterno, e d'elle se desprende a nota divina, a luz fulgurante da nossa prece em favor d'aquelles espiritos encendrados de amor na larga via do céo, eloquente culminação de virtudes, encarnação viva da caridade d'esta Creche, a derramarem-lhe constante e ininterruptamente copiosa chuva de bens, sem outro fim que não seja o santo exercicio do bem pelo bem.

Aquellas flôres ainda em botão, assim dispostas pela mão innocente da humilde filha da Creche, fallam com mais eloquencia que o eterno soluço, a lagrima eterna de Petrarcha a suspirar incessante pela patria escravisada.

Têm a vida da natureza, a doçura da ambrosia, a pureza dos anjos, a claridade do céo, aquellas flôres. N'ellas se traduz em gratidão a profundeza dos mares e a altura do Hymalaia. Representam ellas a harmonia da idéa, o rythmo da poesia, a magia da

musica, o relevo da estatuaria, porque n'ellas se ostenta o intimo sentimento do amor indizivel, que brota puro e colorido do coração de centenares de mães, bemdizendo e abençoando os raios do sol que acalentam a vida de seus filhos.

Mafra, aquella monstruosidade de pedra, representa simplesmente uma vaidade monumental a reçumar lagrimas. O estrondear dos seus custosos carrilhões não abafa o gemido perenne de milhares de operarios alli sepultados sob aquellas «SERRAS DE CANTARIA», «BAGATELLA MARAVILHOSA» — como muito bem dizem Camillo Castello Branco e Alexandre Herculano — improficuo amontoado de marmores e de metaes, que tanto montam alli como nas pedreiras e nas minas d'onde se extrahiram.

O Escurial, identica frivolidade, identica ridicularia ainda mais colossal, talvez, é a expressão genuina e viva do orgulho hypocrita e fero a empestar o seculo com a podridão d'um catre, que ainda lá existe, ensebado pela sanie fetida e purulenta das ulceras physicas e moraes que mataram Filippe II.

E, como estes, todos esses immensos colossos que ferem as nuvens com as suas grimpas rendilhadas a cinzel, ou apontoadas a ouro, cujas superfluidades chegariam de sobra para construir e dotar centenares de Creches em Portugal e na Hespanha, todos esses enormissimos disparates de opulencia, implantados nos arraiaes da pobreza, destoando na sua essencia, não têm o merito que tem a humil-

*

dade d'estes berços rociados das lagrimas de gratidão d'uma infinidade de operarios, obedientes á lei da creação, constantes na lide intermina do aperfeiçoamento da obra de Deus, que é a obra dos melhoramentos da humanidade.

O modesto preceito da religião do Crucificado está em diametral opposição com essas ostentosas imponencias do luxo, que abrem larguissima margem á miseria social; e contrista dizer-se que ao passo que se multiplicam ainda hoje as vaidades humanas, sem significação de proveito; ao passo que se criam associações protectoras de animaes, curando-se com afan da sorte dos irracionaes, se deixam na penumbra, ou a estorcer-se na dôr e no abandono os filhos dos nossos irmãos, quiçá os nossos proprios filhos, que não ha nada menos estavel que a vida, nada mais precario que as fortunas, resultando que os ricos de hoje podem ser os pobres de ámanhã, e que os mais opulentos, os que nadam em ouro, podem vir a precisar dos serviços da Creche.

Não é preciso que o rico se prive dos seus commodos, dos seus confortos, dos seus caprichos e dos seus regalos para prevenir os soffrimentos da miseria; basta que com as migalhas dos seus banquetes, com o superfluo dos seus saraus forme cabedal que envie á Creche, onde elle se reproduzirá; porque estes innocentes que se contentam com a parca sôpa de leite, com o singelo prato de arroz — com tudo quanto seja leve e esteja em harmonia

com a delicadeza dos seus estomagos debeis e incapazes de supportar pesadas massas, fazem parte d'aquelles indigentes que Jesus Christo mais recommendou á piedosa compaixão dos poderosos.

E attentem ainda estes poderosos, que a esmola á Creche é caridade para comsigo e para com os proprios filhos. As crianças da Creche educadas nos principios da fraternidade, tornando-se communicativas, doceis, brandas e affectuosas, garantem a placidez do futuro aos favorecidos da sorte; o que não acontecerá, se em lugar de lhes criarmos cordeiros para apascentarem, lhes nutrirmos lobos que os devorem.

As pobres crianças da actualidade serão o povo do futuro na sociedade dos nossos filhos; e é certo que quem ventos semeia, tempestades colhe.

A espontanea e significativa manifestação de reconhecimento de Izaura para com os cultores d'este instituto, desperta, no coração que não esteja de todo atrophiado, o vivo desejo de concorrer para o immenso beneficio da Creche — fecunda e abençoada fonte de vida social!

O exemplo é magnanimo, é seductor; e a occasião é solemnemente excepcional.

Diante dos insignes protectores d'este fóco de luz e de amor, no seio da Creche, que representa o ubero seio da Virgem-Mãi, cercado de crianças, que significam a flôr do futuro, cercado de mães, a expressão do amor até o sacrificio, a nossa vida, o nosso amparo, o anjo que nos sorriu entre dôres,

adorando-nos antes de nos conhecer, eu ouso erguer a minha voz debil e fraca para vos pedir, meu respeitabilissimo leitor, pobre ou rico que sejaes, poderoso ou humilde, que ampareis a Creche, lembrando-vos das ternissimas palavras do eminente escriptor Camillo Castello Branco:

«É impossivel no coração humano o incendio suavissimo do amor de Deus, quando o grito da miseria não desperta no coração a magua das afflicções do proximo.»

. . . . . .

. . . . . .

E abençoada sejas tu, Izaura! Subam a Deus as fragrancias das tuas flôres, candida pomba do céo, incarnada na filha da florista; sejam os perfumes das tuas rosas a prece da Creche para que Deus se amerceie de todos nós, multiplicando os bens e as venturas aos teus dilectos bemfeitores, áquelles lidimos propulsores do bem, os quaes acabaste de engrinaldar, e que do recesso da sua dedicadissima e modelosa benemerencia, occultam sempre a mão que dá, semeia e espalha as joias resplandecentes da esmola omnimoda, por mil fórmas e por mil modos por elles colhida: nos concilios da caridade popular, que reproduzem; no tumultuoso phantastico das mais attrahentes diversões; no engenhoso devaneio da elegancia; junto ao feretro d'um morto; na restituição e no tributo; nas praças e nos templos; nas salas e nos banquetes; nos mais singelos tentamens; na simples exposição d'uma flôr; no fructo

das proprias economias; por toda a parte, emfim, que immensos são elles quando empregam o seu valimento, firmado no seu caracter e integridade, em favor da Creche, o seu sonho de amor e o amor dos seus sonhos amorosissimos.

A verdadeira lei do progresso moral é a caridade; sem o seu impulso é impossivel a perfectibilidade humana; e quantos esforços empregue o homem por attingil-a, n'um alvo excentrico ao amor de Deus e do proximo, serão esforços improficuos.

C. C. Branco.

Aquelle que desde o berço teve continuamente em redor de si pessoas virtuosas e razoaveis, habitua-se a praticar o que é bom e util.

Julien.

Está repleta a Creche.

Cincoenta criancinhas fruem, n'este adoravel mas estreito recinto, o dôce nectar que lhes ministra esta piedosa mãi adoptiva, amparada pela caridade.

E assim assenta aqui a tranquillidade do espirito de cincoenta familias uteis á sociedade, porque a Creche lhes garante o bem-estar dos mais caros penhores da sua existencia.

Ha trinta e dous annos que existe esta Creche.

Calculando, termo médio e conta redonda, que durante os nove mil e seiscentos dias uteis que vão de 1852 a 1884, tenha ella recebido apenas 25 crianças por dia, achamos o beneficio extensivo a 240:000 crianças, ou reproduzido 240:000 vezes. Quer dizer: 240:000 occasiões teve esta Creche, durante trinta e dous annos, de proporcionar socego e trabalho a

um numero de familias, correspondente ás 25 crianças que durante o anno occuparam o berço da Creche 7:500 vezes. E se assim como este facto tem produzido 240:000 beneficios, suffocando 240:000 queixumes, tivesse, pelo contrario, a sua falta arrancado ás mães 240:000 vociferações contra a differença da sorte, bem outro seria talvez o estado social.

É estreitissimo o ambito d'este centro com relação ás muitas necessidades da peripheria que abrange.

Esta Creche devia ter proporções para receber, pelo menos, 150 crianças. Reconhecida a extrema e inadiavel necessidade de attender a este contínuo reclamo da população, confiada na caridade publica, resolveu a sua direcção levantar-lhe condigno edificio, onde sobretudo fossem religiosamente attendidas as condições hygienicas exigidas pelo caminhar da sciencia.

E a este edificio se deu começo, como já disse, e na sua continuação se persiste, sem que hajam para elle os meios indispensaveis.

Onde ir buscal-os?

A cidade do Porto tem, segundo as ultimas estatisticas, 120:000 habitantes. Não ha entre elles nenhum, por mais pobre que seja, que não possa, para o mais justo fim de geral e commum interesse, despojar-se de 100 reis. Ora, se todos os habitantes do Porto se compenetrassem da humanitaria idéa e déssem espontaneamente a sua esmola á Creche, o

edificio, orçado em 14 contos e para o qual já ha de esmolas 2 contos de reis, seria em breve uma bella realidade.

Calculando, porém, que metade da nossa população seja tão extremamente pobre que não possa dispensar o óbolo de 100 reis, fica-nos reduzido o numero de bemfeitores a 60:000, cabendo-lhes assim, como finta, a parca esmola de 200 reis para que na cidade do Porto se levante o primeiro, o mais esplendorosamente utilitario dos institutos de caridade, porque d'elle promanará uma forte phalange de bons cidadãos para a patria, a garantia do trabalho a um grande numero de familias, e assim um bem estar geral, segura caução de ordem, de paz e de prosperidade.

Imaginemos 150 mães privadas do fructo do seu labor quotidiano, e portanto 150 lares despidos de conforto, 150 familias descontentes, apostrophando contra a desigualdade de meios; multiplicai o effeito desolador d'este desgosto pelo numero extensissimo d'aquelles que propendem naturalmente para a censura e dos que atascados no lôdo da preguiça e da inveja praguejam sempre e a toda a hora, e teremos a Creche a prevenir um bramido assustador, cujo resultado não felicitaria ninguem. Como prova, 1870 e 1871 — isto é, o assombro da desorganisação, os incomportaveis excessos da turba infrene a derruirem e incendiarem Paris.

A Creche actua immediatamente no coração das classes pobres, quer dizer — no coração da maioria

da sociedade; mas não deixa por isso de interessar tambem muito de perto ás classes abastadas, tocando, por consequencia, no coração do progresso do paiz.

Na lucta ingente da dignidade humana contra a degradação social herdada das épocas anteriores ao christianismo, — degradação que produzia dezenas de milhares de hecatombes para desenfado d'um Cesar, fazendo arder a um tempo dez mil cabeças de creaturas, consideradas ilotas, para alumiarem a voracidade carniceira das feras cevando-se de sangue humano, — triumphante o verbo da philosophia christã, desappareceu, na derrocada do mundo velho perdido na noite dos tempos, a durissima palavra ESCRAVO, surgindo luminosa, a substituil-a, a palavra OPERARIO como symbolo d'uma redempção, como base d'uma doutrina que levantou a humanidade do charco immundo da sua propria inconsciencia á altura da civilisação e da luz do seculo XIX, que tira todo o seu brilhantismo do respeito á mulher e do amor ao trabalho.

O operario é o grande agente do progresso; e não ha duvidar que aos seus esforços, e muito especial e efficazmente á sua associação se deve a completa transformação por que passa Portugal depois de 1851.

Operario é o Rei dirigindo vigilantemente a nau do Estado; operaria é a Rainha convertendo prantos em sorrisos; operario foi Alexandre Herculano espancando as trevas do fanatismo; operario foi o

barão de Nova Cintra levantando por suas proprias mãos o eterno monumento da sua virtude á memoria de D. Pedro v; operarios são todos os que trabalham aspirando ao summo bem, desde o mais infimo artifice até o mais opulento capitalista; operarios são todos quantos no curto espaço que vai do berço ao tumulo, no breve perpassar da vida pela superficie da terra, deixam após si em boas obras, attestada ao futuro, a sua cooperação em favor dos melhoramentos da humanidade.

As nossas ruas, que ainda em 1850 estavam pejadas d'uma vagabundagem asquerosa, apresentam hoje o aspecto encantador do aceio, embellezado pelo movimento e actividade.

As nossas aldèas, infestadas de ladrões e assassinos, inaccessiveis então, dotadas hoje com boas estradas, são o idyllio das cidades quando querem desafogar o seu espirito atribulado pela contínua labutação.

Os povos abraçam-se e confraternisam-se.

As epidemias fogem escorraçadas pela limpeza, pela hygiene, pelo amor ao trabalho, pelo acordar da dignidade, que rareando os amadores da crapula e das tabernas, lhes escaceiam a materia-prima com que ellas faziam larga ceifa de vidas.

O obscurantismo desapparece ante o clarão do saber, que vai illuminando os espiritos, estimulando os desejos da illustração.

A mulher acorda d'um somno profundissimo para uma vida operosissima.

Passamos indubitavelmente por uma radical transformação.

A sociedade ergue-se, perfectibilisa-se, transfigura-se; e o motor principal de todo este conjuncto de maravilhas é o trabalho, a associação, o mutuo auxilio entre as classes obreiras, que são o primeiro fusil d'esta cadèa de bens.

E a classe obreira precisa, reclama momentosa e indispensavelmente a Creche; sem a Creche não póde ella attingir o seu fim civilisador e creador, porque a Creche vem arrancar-lhe do coração um espinho pungente, o ferro em braza que lhe requeima as entranhas, os cuidados dos filhos que são o estimulo da vida, e que sem o auxilio da Creche ficariam expostos a uma infinidade de perigos.

A esta classe, pois, pertence a diffusão, a multiplicação das Creches; e, associada como se encontra, o meio é o mealheiro.

E eu confio tudo da classe productora.

Petit à petit l'oiseau fait son nid.

Auxilie, pois, o governo os trabalhos n'este sentido empregados, proteja as classes laboriosas, augmentando, por exemplo, ou applicando, de accordo com a auctoridade competente, algo do producto das esmolas da Bulla para o estabelecimento das Creches em todos os centros manufactores do paiz.

O povo paga sempre de boa vontade para os melhoramentos uteis, e as Creches, como verdadeiros templos de amor, estão muito no caso de ser chris-

tianissimamente protegidas pelo cofre da Bulla da Cruzada.

Não desprezem o conselho, que tem um grande alcance.

Não se resolvem pela violencia os grandes problemas sociaes. Façamos das Creches uma questão de consciencia, que o é realmente, e veremos em pouco realisado esse bello *desideratum*.

A protecção dos poderes publicos virá assim produzir um benefico effeito sem augmentar o *deficit* ás suas finanças, e antes diminuil-o muito consideravelmente.

«Altamente philosophica, e até podemos acrescentar, eminentemente religiosa, deve de ser a tarefa da presente geração» — diz um eminente moralista; e acrescenta: «é dar maior acção ao eterno bem, que todos sentimos dentro de nós mesmos, agitando-nos, acalentando-nos e desbastando o involucro de terrenaes impurezas. [1]»

Adoptemos a preclara doutrina; opponhamos o estabelecimento da Creche ao desenvolvimento da miseria. Combatamos a irrupção do pauperismo, antepondo-lhe o beneficio da Creche. Luz, liberdade, amor e religião, em contraposição ao materialismo que tenta assoberbar-nos.

Segundo Guizot, a humanidade fluctua entre o céo e o abysmo. Salvemo-nos pela nossa parte com a Creche. Aproximemo-nos todos, povo, associações

---

1 Rodrigues de Freitas.

e Estado, e appliquemos, dentro das nossas espheras, os meios possiveis de diffundir a educação no berço, facilitando ao mesmo tempo a applicação ao trabalho.

Menos lagrimas e mais sorrisos, menos avellorios e mais dignidade, menos atrazo e mais progresso, menos rudeza e mais civilisação, menos egoismo e mais cordura, menos desprezo e mais amor pelas classes pobres, amparando-lhes e educando-lhes os filhos, e teremos firmado a paz da sociedade presente, e ennobrecido e aprimorado a sociedade futura.

E é tanto mais elevada e util a protecção ao desenvolvimento das Creches, quanto é extremamente economica.

A Creche de S. Vicente de Paulo, que vamos estudando, com uma matricula aberta a 60 crianças, recebendo aproximadamente 50, porque regularmente ha faltas, dispendeu, durante o anno findo de 1883, o seguinte:

Aluguer de casa.	250$000
Ordenado da regente.	144$000
Dito de ajudantas.	331$200
Dito da servente	72$000
Alimentação das crianças.	353$220
Retratos de bemfeitores.	58$000
Expediente de secretaria e diversas despezas	21$864
Somma. . .	1:230$284

Calculando trezentos dias uteis por anno, sobre um numero de 50 crianças, achamos que cada criança custa á Creche 82 reis diarios!

Haverá beneficio maior, mais modico e mais util?

E se a casa comportasse maior numero de crianças, a despeza seria quasi a mesma, porque a sua alimentação, pelo mesmo calculo, orça por 23 reis!

As refeições da Creche constam de sopas de leite, mingaos de araruta, tapioca, maizena; arroz simples, ou com carne ou bacalhau, caldo de unto e de vacca, comidas, emfim, apropriadas á tenra idade das crianças; e é certo que entrando ellas geralmente magras e desmaiadas pelo soffrimento, dentro em pouco se apresentam nedias e córadas, dando indicios certos de boa saude.

A Creche é regularmente visitada pelo seu medico, e nota-se que o escrofulismo, o verme roedor da sociedade actual, que tamanho desenvolvimento vai tendo por todos os outros asylos, fazendo enormissimos estragos, mal se presente ainda nas crianças da Creche.

A boa alimentação e especiaes cuidados são os grandes antidotos d'este terrivel flagello.

No capitulo II do novo projecto de Estatutos, em via de discussão, para este instituto, é expresso:

CAPITULO II

DAS CRECHES E SEUS FINS

Art. 5.º As Creches são estabelecimentos de caridade, que

têm por fim facilitar o trabalho ás classes operarias pobres, recebendo, agasalhando e alimentando gratuitamente, durante o dia, as suas crianças de ambos os sexos.

Art. 6.º As Creches estarão abertas todos os dias, excepto aos domingos e dias santificados, desde as 5 horas da manhã nos mezes d'abril a setembro, e desde as 6 nos outros mezes, e fechar-se-hão invariavelmente ás 8 horas da noite.

§. unico. Nas Creches não ficará criança alguma durante a noite.

Art. 7.º As crianças, para serem admittidas nas Creches, devem ter sido baptisadas e vaccinadas, e pertencer a pessoas de bom comportamento, e que vivam do seu trabalho, exercido fóra de seus domicilios, não devendo ter menos d'um mez, nem mais de tres annos de idade.

§. unico. Os attestados de baptismo e vaccinação das crianças, e as informações de bom comportamento de seus paes, serão conservados nas Creches, emquanto as crianças as frequentarem.

Art. 8.º As crianças poderão frequentar as Creches até completar seis annos de idade, e quando as circumstancias da Associação o permittirem crear-se-ha uma escóla, onde serão ministrados ás crianças de 4 a 6 annos os primeiros rudimentos d'instrucção primaria.

Art. 9.º O numero de crianças, que podem ser admittidas nas Creches, será annualmente determinado pela direcção, attendendo não só aos meios pecuniarios da Associação, mas tambem á capacidade das casas.

É sobremodo interessante e digna de observação a despedida da Creche, ao cahir da tarde, á hora suprema da melancolia em que as avesinhas se recolhem aos seus ninhos, e o manto da noite substitue as galas do dia.

Começam de chegar as mães e de saciar com

beijos e carinhos a saudade natural dos filhinhos, que correm então para ellas com o coração palpitante de amor. E lá se vai a vida da Creche, levando cada uma das crianças metade d'um pão de trigo, o ultimo adeus d'esta mãi amorosissima ao seu bando de innocentes pombinhas!

Ide, consolai o vosso amor no seio de vossas mães, e voltai ámanhã ao seio da Creche, que vos espera de braços abertos e de berços arejados, para continuar em vós a sua obra da redempção do futuro e da correcção do presente.

Ouçamos Michelet:

«L'appui de l'éducation, son âme et sa vie constante, c'est ce qui de très bonne heure apparait dans la conscience, *le bon, le juste.* Le grand art, c'est que, par l'amour, la douceur, l'ordre et l'harmonie, l'âme enfantine, obtenant sa vraie vie saine et complète, de plus en plus *aperçoive la justice,* qui est en elle, inscrite au fond de l'amour.»

E assim é; e no porvir terão as Creches como seus estrenuos defensores os seus proprios filhos a pagar-lhes com bençãos e amor a sacratissima divida da gratidão.

Dous casos praticos das vantagens das Creches, e dou por concluida esta humilissima deprecação em favor da peregrina milicia infantil, que tem a sustentar e a ennobrecer a causa de Deus e da humanidade.

---

*

REDEMPÇÃO

Ainda ha pouco tempo eram felizes, felicissimos: tinham nascido um para o outro.

Carlos era o modêlo dos esposos, fiel e dedicado á sua Thereza, guapa mocetona que bebia os ventos por seu marido, aspirando sómente a preencher condignamente a santa missão de boa mãi de familia.

Na pobreza não é raro encontrarem-se specimens de virtude austera e respeitavel, e até merecimentos pouco vulgares.

A mulher pobre está mais a bom recato da seducção do luxo do que as ricas que a elle se escravisam.

Rarissimos casaes seriam tão venturosos como este.

Tinham tres filhinhos. Rosita, a mais velha, con-

tava quatro annos e meio: um mimo de criança! E, depois, sempre muito lavadinha, muito composta — o estremecimento dos paes. Vívida como azougue, lia já muito regularmente: a mestra era sua mãi.

Não havia quem não gostasse de Rosita, quem deixasse de se namorar dos seus encantos, depois de a conhecer.

Era loura; olhos azues; um botão de rosa em cada face; typo allemão, mas distincto. Podia dizer-se uma belleza.

Carlos andava por tres annos. Era lindo tambem. Olhar intelligente, meigo, attrahente, sympathico.

« — Ha de ir estudar pintura á Italia » — segredavam os paes. Carlos, o pai, era pintor.

O que ha ahi de mais notavel em frescos por casa d'esses bohemios que se chamam brazileiros, uns nomadas que não têm patria embora nascessem em Portugal, era obra de Carlos.

Carlos era artista; mas, porque nunca sahisse d'este pobre torrão onde vira a luz do dia, ficára um diamante por lapidar: engenho sem cultura. Isto no tocante á arte; porque, de resto, como era bom esposo era bom pai, fôra bom filho e era bom cidadão. Morigerado, trabalhador, consciencioso, gozava da estima de seus mestres, de seus patrões e de seus companheiros.

Casa onde Carlos entrasse como artista, ficava concluida de pintura a aprazimento do dono; e,

por fim, os taes... brazileiros, que professam uma generosa e proverbial abnegação pelos seus, lá lhe davam a competente *molhadura,* que se ia sempre juntar ás economias de Thereza, produzindo afinal um peculiosinho de cem libras — uma fortuna!

O snr. commendador A..., compadre e amigo de Carlos, na melhor boa-fé, aconselhára-o a collocar o patrimonio em acções de...

Elle mesmo empregára n'ellas uma boa parte da sua fortuna, ganha honrosissimamente no commercio de fazendas na cidade do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina.

Alberto, seu afilhado, completava a trindade dos filhos de Carlos e de Thereza. Era o fidalguinho da familia. A madrinha, filha do snr. commendador A..., vivia encantada com o afilhado. Trazia-o nas palminhas... Era o seu Bibi... O mais do tempo passava-o a criança no palacete dos padrinhos á rua de... Havia lá uma pretinha que não tinha outros afazeres senão cuidar do Bibi, passear com o Bibi.

Bibi tinha então dezoito mezes e era realmente galante.

— A comadre deita-me o pequeno a perder — dizia muitas vezes Thereza. — Os filhos dos pobres não se querem creados com luxo. Ora vejam lá! botimzinho de salto, chapéosinho de velludo, vestidinho de sêda bordado a *soutache*... Que riqueza, santo Deus! — murmurava a estremecida mãi no auge de singular contentamento, por vêr assim o filhinho tão estimado.

—Sinhô Bibi tá Catita!—dizia a preta, enamorada do pimpolhito...

E a criança rodava á porfia de collo em collo, fazendo larga colheita de meiguices de toda a familia do snr. commendador A... e de quantas visitas esta recebia, pela maior parte gente *di lá,* uns typos sinceros e amorosos despidos de vaidades tolas—a personificação do affecto sem os ouropeis da mentira.

Thereza não tinha, porém, o menor resentimento das fortunas do seu Alberto. Rosita e Carlos eram por igual acarinhados por ella e pelo pai, e trajavam tambem mui decentemente.

Thereza tivera uma educação mais ou menos aprimorada; era naturalmente prestimosa; e, quando apresentava os filhinhos, sentia-se satisfeita por vêr que não desmereciam em limpeza e galanteria dos filhos dos ricos. Santo orgulho de mãi!

*

A casinha de Thereza podia vêr-se por gosto. Que modestia, que aceio, que distincção! Dividia-se em quatro compartimentos internos: uma salinha com duas janellas exteriores e uma porta ao centro, entrada principal d'aquelle ninho de affectos; duas alcovas separadas por um corredor que communicava com a saleta que servia promiscuamente de casa de jantar e de cozinha, e, alfim, um jardimzinho, um *bijou!*

Ao canto da sala principal, lado direito da entrada, uma machina de costura *Singer* espelhava em limpeza. Um tremó, ao centro da parede do mesmo lado, guarnecido com um par de jarras de vidro azul e relevos dourados, sempre enfeitadas de flôres frescas e aromaticas a perfumarem aquelle templosinho do amor e do trabalho, dous frasquitos e uma alfineteira identicos ás jarras formavam o adorno da *toilette* de Thereza. Em frente um sofá com encosto de palhinha, duas cadeiras de braços symetricamente collocadas como guarda a um tapete novo ainda, e cuja estampa era o enlevo de Rosita e de Carlos por causa d'uns cãesinhos e uns meninos que lá se estadeavam em perfeito socego e intimo convivio, beijando-se mutuamente; duas mesas aos lados do sofá, tendo cada uma um vaso de barro da Bohemia, com viçosos e soberbos exemplares de begonias, e quatro castiçaes de vidro repartidos por ambas ellas, sobre tapetinhos de lã, trabalho de Thereza, uma mesa redonda ao centro com um lampeão de keroséne, e doze cadeiras convenientemente dispostas, completavam a mobilia d'esta sala. A ornamentação, apesar de singela, attrahia a vista dos visitantes pela symetria e elegancia: dous transparentes com bonitas estampas vedavam aos transeuntes curiosos o interior da habitação quando acontecesse estarem subidas as foscas vidraças, para que o ar se renovasse e a luz vivificasse o ambiente. Sobre o sofá pendia d'um cordão vermelho o retrato de Carlos tirado á crayon,

emmoldurado em um bello caixilho dourado, presente de um collega e amigo intimo, o padrinho que fôra de Rosita e que Deus levára para si, deixando-lhe a saudosa memoria como unico espinho a pungir o ditoso par que elle tanto estimava e por quem tão estremecido foi.

O retrato de Carlos, guarnecido por uma grinalda de rosas brancas, primoroso presente e trabalho de Thereza para memorar o anniversario do esposo idolatrado, era ladeado por dous *etagères* de madeira, sustentando os bustos de Murillo e Miguel Angelo, sempre muito espanadinhos. Por baixo do retrato de Carlos o retrato em photographia do padrinho de Rosita, ao centro d'uma corôa de saudades rôxas, presa por um laço de fita de crepe, completava a decoração da sala.

Na alcova do lado direito uma cama de ferro de cinco palmos de largo, pintada de azul, adereçada de alvissimos lençoes, uma colcha branca de neve, duas almofadas bordadas a ponto real com a cifra *C.* guarnecida por uma corôa de louro, um leito nupcial, podia dizer-se, e nupcial havia sido, conservando-se sempre inalteravelmente aceado e puro, como no dia venturoso do noivado de Carlos e Thereza.

A cama de Rosita, muito fresquinha sempre, occupava o resto do espaço entre a parede e o leito dos paes, onde tambem dormia Carlos.

Desguarnecido, a um canto, o bercito de Alberto; depois um lavatorio de mogno e pedra marmore

branca com serviço de louça ingleza, uma caixinha de cabeceira com lamparina de vidro, e sobre ella, pendente da parede, uma chinelinha de setim bordada a matiz — outro presente de Thereza a seu marido para descanço do relogio.

Na outra alcova, que servia de guarda-roupa, estava esta pendurada em cabides e recolhida n'uma boa commoda de pau preto, e havia tambem a mesa de trabalho de Carlos, litteralmente pejada de pinceis, compassos, esfuminhos, tira-linhas, lapis e borrachas; uma bateria enorme de instrumentos e petrechos indispensaveis ao desenho, mas tudo em muita ordem, no centro d'uma amurada de livros, compendios, modèlos, etc.

O ultimo compartimento, sala de jantar e cozinha, era um exemplar de limpeza. Por alli se aferia o cuidado da dona da casa.

Na mesa de jantar estava permanentemente um copo sobre uma taça de vidro, graciosamente repleto de flôres.

—Como são aceados os seus pequenos! —diziam constantemente as visitantes de Thereza, em presença de tão rigoroso acepilhamento.

— Não são só os meus — respondia sinceramente a desvelada mãi — são todos assim, desde que assim os eduquem. Vão visitar a Creche — acrescentava ella — e vejam que aceio por alli vai, havendo lá crianças de differentes idades e de differentes mães. São fructos da educação.

Thereza era fanatica pela Creche; presentimen-

tos de mãi! Sempre que lá ia, e isto se repetia amiudadas vezes, achegava-se á caixinha das esmolas e deixava cahir muito de mansinho, embrulhada n'um papel para não se denunciar o segredo, uma moeda de cem reis em prata.

Rosita e Carlos gostavam de lá ir tambem; achavam prazer na companhia das outras crianças. Tinham em casa lindos brinquedos, e no entanto aprazia-lhes fazer dançar as piorrinhas da Creche, encastellar os carrinhos vazios de algodão, contemplar as bonecas de pano e de papel, feitura da bondosa regente que nas horas vagas executa aquelles feitiços que tanto nos enlevaram quando eramos crianças, e, como ellas, tamboreavamos tudo com as conchinhas da praia. Encantos da innocencia, venturas que não voltam mais!

Entretanto Thereza ia afagando uma a uma as criancinhas da Creche, repartindo por todas um beijo, um sorriso, uma amendoa, um rebuçado.

Carlos, ou por devoção tambem ou pela natural sedução das paixões de Thereza, era igualmente devoto da Creche; e, quando lá ia, gostava de deixar a sua esmola.

—Que santa instituição! —dizia elle ao seu compadre o snr. commendador A... —Eu, quando me lembro que os meus filhos podem ainda precisar d'aquelles bercinhos, tenho pena de não ser rico para dar á Creche uma boa esmola.

Dava-a o snr. commendador A..., excellente coração, e cujo nome figura, por mais d'uma vez e

com ampla generosidade, na lista dos bemfeitores.

A caridade é cosmopolita; nasce por igual no coração do pobre e do rico: é dom que vem do céo, como vem o espirito, de que é a mais feliz expressão; é o verdadeiro corollario do amor divino. A caridade é uma maravilha em todo o sêr humano; é o complemento da sua essencia.

Carlos, com ser pobre, não era menos caridoso que o seu compadre, que era rico.

A casa de Carlos era, pois, um ninho de delicias. Respirava-se alli uma atmosphera de branduras.

O jardimzinho, artisticamente cultivado, completava a joia d'este pequeno paraiso.

Mas «nunca céo sem nuvens sobre alegrias humanas [1]!»

Não é raro que d'uma lagrima desponte um sorriso, d'uma tristeza uma alegria, d'um queixume um consolo; mas é mais certo, é mais vulgar, é mesmo commum que sobre o mais intenso jubilo, sobre a mais perfeita felicidade se desencadeie uma tormenta de infortunios.

Quem ha ahi feliz que não tenha soffrido uma dôr physica ou moral; que não tenha visto a sombra do pezar a anuviar-lhe, por instantes que seja, o sol da ventura?

. . . . . .

---

[1] Castilho.

Perfeita mutação de scena.

Após serena claridade, após um mar bonançoso de esperanças e um sonho fagueiro de ineffaveis delicias, embalado pelos encantos do amor e pela consciencia do dever, surge implacavel a desgraça, — horrido despertar d'uma realidade negra como noite tempestuosa de inverno açoutando a face do caminheiro transviado.

A empresa, a quem foram confiadas as economias que constituiam todo o cabedal monetario de Carlos e de Thereza, fallira desastradamente!

O snr. commendador A..., o dedicado amigo e protector d'este casal ditoso, tinha regressado ao Brazil com sua familia, chamado por interesses da mesma.

Carlos, o pundonoroso Carlos, o dedicadissimo esposo, o extremosissimo pai consumia noites de insomnias terriveis a meditar na perda que soffrera.

Um dia uns frouxos de tosse alarmaram-lhe mais o espirito.

Thereza ficára petrificada.

Uma ligeira estria sanguinea, cuspida no lenço branco onde Carlos procurára suffocar a subita convulsão, denunciára-lhe uma realidade terrivel.

Consultado o snr. dr. G..., preceituou passeios ao campo e completa abstenção de trabalho.

Carlos comprehendera a sentença que lhe fôra lavrada. Uma pallidez mortal succedeu á consulta.

Escasseando os meios, houve necessidade de trocar a casinha confortavel, onde passára dias tão

alegres e felizes, por uma saleta n'uma ilha proxima.

Thereza tornára-se então o unico sustentaculo do marido e dos filhos; comprehendia perfeitamente a sua nobilissima missão. A familia era o seu mundo, o seu esforço supremo!

E, diligente como era, mercê de Deus, tirava do seu improbo trabalho fructo bastante para alimento de todos, sem que uma só falta se notasse no passadio presente comparado com o do passado.

A todos os pezares que a atormentavam sobreveio outro que lhe ia pouco a pouco quebrantando as forças e minando a existencia. Tinha ainda mais uma vez de ser mãi; e aquillo que outr'ora fôra para ella um triumpho, um orgulho nobilissimo, era desgraçadamente agora uma contrariedade horrivel, embora a Creche lhe clareasse o pensamento, como iris salvador.

E, sempre que passava pela Creche, um sentimento indescriptivel lhe fazia affluir o sangue ao coração, obrigando-o a pulsações mais violentas.

Era um mixto de dôr, de esperança, de fé e de resignação, que só o póde comprehender quem bem o souber sentir.

E, como que machinalmente impulsada por uma força mysteriosa, Thereza subia as escadas da Creche, afagava rapida as criancinhas, que já a conheciam e que tanto a festejavam, e ao retirar-se deixava cahir na caixinha das esmolas a qualificadissi-

ma moeda de 10 reis, que mais lhe custava a dar agora do que as pratas d'outro tempo.

Sempre que isto acontecia via-se marejar nos olhos de Thereza uma lagrima furtiva, que lhe rolava silenciosa pelas faces desbotadas.

Deus te abençôe, Thereza, mulher heroica divinisada pelas tuas virtudes no seio da caridade e no sacrario da familia!

Salvè, modêlo de mulher!

. . . . . .

Peza-me ter de escrever as paginas que se seguem, e vou d'um fôlego resumir a tristissima e dolorosa narrativa, para concluir a missão que me impuz.

Em misero e despido catre, as garras aduncas da tisica pulmonar desconjunctam e destroem o corpo de Carlos, já quasi cadaver.

Os affectuosos e estremecidos cuidados, os ternos e dôces carinhos da esposa fiel e querida, a santa dulcificação d'aquella existencia tão preciosa quanto honesta e honrada, tudo isto, que lhe era o melhor da vida, roubára-lh'o inopinadamente a morte, quando deu á luz o quarto fructo do seu amor que a acompanhou para o céo!

Rosita, Carlos e Alberto, estupidamente pasmados para o pai, abeiram-se-lhe da miserabilissima enxerga, completamente inconscientes das desgraças que lhes entumecem de males e privações a existencia ainda em botão.

A fome e o frio, descarnando-lhes as faces lindas

e mimosas, orphãs agora dos beijos da mãi, obrigam-os a um chôro desesperado, a um gemer convulso e angustioso.

E o pobre pai, assim alanceado, assim tranzido de dôres e afflicções, estorcendo-se n'aquelle acervo de maguas, debatendo-se já nas vascas da morte, tentando ainda luctar pela vida que pouco a pouco sente fugir-lhe, cae exanime ao tentar o ultimo esforço para estender os braços hirtos aos pobres filhinhos que rouquejavam então em côro quotidiano e cruciante:

—Pai, quero pão, eu tenho fome! Eu tenho fome, pai, eu quero pão!

. . . . . .

Quem remedeia esta penuria? Quem ampara estes innocentes?

Vós, meus caros leitores. Vós, os protectores da Creche de S. Vicente de Paulo, que acolheu ao seu seio estes infelizes, entregues pelos cuidados d'uma pobre operaria, ainda parenta de Thereza e imitadora dos seus nobilissimos sentimentos.

A Creche é, pois, o abundoso seio da Virgem-Mãi, inexhaurivel de bondade e misericordia, protectora infinita de todos os protectores d'este templo dilecto.

REGENERAÇÃO E SALVAÇÃO

«Crê, adora, assombra-te das maravilhas do mundo, ama teus irmãos, sê feliz pela virtude, faze que as tuas paixões redundem em contentamentos duradouros, sem peçonha de arrependimento, e espera tranquillo o anoitecer da tua vida.»

Dir-se-hia que o famigerado defensor da divindade de Jesus contra as hervadas settas de Ernesto Renan, que o erudito apostolisador da sanissima doutrina transmittida n'uma das mais meditadas e viridentes lucubrações do seu espirito culto e privilegiado, photographára n'aquellas palavras tão repassadas d'amor e verdade — pura hygiene d'alma — a alma nobilissima da tia Genoveva dos Anjos?

É possivel que assim seja. A tia Genoveva foi sempre immaculada dos peccados da vida. Era uma santa velhinha, que apenas se deixava fascinar pe-

las bellezas do céo. Havia bons sessenta annos que ella gozava das honras de tia, sem nunca ter tido sobrinhos. Fôra filha unica e conservára-se sempre solteira, pretextando o velho rifão — «mais vale só que mal acompanhado.»

Quem dá é tio — diz o ditado —; e d'aqui a consagração de tia á boa velha, que de mais a mais tivera filhas e fôra avó, sem nunca ter sido mãi.

Credo! ser mãi a tia Genoveva! ella que symbolisava a virtude e o recato, ella que fôra sempre d'uma honestidade exemplarissima, d'uma austeridade de principios e d'uma gravidade tal, que até a fera libertinagem dos soldados de Napoleão se lhe curvára respeitosa, deixando-a incolume da sua peçonha!

Isto quanto á sua dignidade de mulher; que, no mais, a tia Genoveva fôra victima, como todos, d'aquelle bando de leopardos que vieram assolar Portugal, roubando-lhe as suas riquezas, convertendo-lhe os seus templos em quarteis e estrebarias, e derruindo e desmantelando aquelles que lhes não serviam para abrigo.

Genoveva dos Anjos nascera em 1795. Seus paes, honrados burguezes, eram remediados de bens de fortuna, deixando-a orphã aos 60 annos, muito venerada e bemquista de quantos a conheciam.

Contava a tia Genoveva um bom numero de afilhados. Solteira e com alguns meios e, além d'isto, prestadia e naturalmente bondosa, era uma madrinha de truz.

D'entre todos os afilhados que tivera, affeiçoára-se ella de coração a Elisa e Amelia, pela muita estima que votára aos paes, pessoas pobres mas honradas, com os quaes mantinha as mais estreitas relações.

De 1865 para 1866 ficaram orphãs de pai e mãi as duas crianças, e vieram assim, cada uma por sua vez, acolher-se ao seio protector da boa madrinha que a sorte lhes destinára.

Cresceram ellas bafejadas pelo amor maternal de Genoveva, rigorosamente educadas nos preceitos da Igreja e no respeito devido ao decoro, á moral e á sociedade, fazendo-se em breve duas raparigas interessantes, estremecendo-se como irmãs.

Em 1875 contava Elisa os seus dezoito annos e Amelia ia completar os doze.

Elisa era uma costureira de mão cheia; tinha um gosto particular para modista e gozava de certa preferencia por parte das freguezas de M.mes F..., onde trabalhava, ganhando o sufficiente para seu sustento, sobrando-lhe ainda algumas economias que applicava á compra de presentes para a tia Genoveva e para a sua Mélinha, diminutivo caseiro que tinha substituido o nome da irmã adoptiva.

Esta dera começo aos seus trabalhos acompanhando a irmã, a Lizinha, e ganhando já tambem alguns vintemzinhos, que entregava fielmente á madrinha.

Ambas sabiam lêr e escrever correctamente; conheciam menos mal a lingua franceza e até alguma cousa da italiana; e tinham além d'isto outras prendas, effeitos da aprimorada e exemplar educação que no collegio de Madame Podestà recebem todas as meninas que são confiadas ao seu desvelo e direcção.

Elisa tocava concertina e cantava com bastante gosto. Tinha mesmo uma excellente voz de contralto. Amelia conhecia tambem a musica, cantava distinctamente a *mezzo soprano,* e tinha predilecção pelo violino.

Ás noites a casa da tia Genoveva era um céo aberto.

E a boa velhinha revia-se contente na ventura das suas filhas.

Genoveva não sabia lêr e confiára os seus negocios a um compadre velho, em quem tinha plena fé. Os seus haveres orçavam por dez contos de reis, em coupons da divida publica.

O compadre entendia que para evitar procurações era melhor ter o capital n'esta especie, e guardava-os no seu cofre, embrulhados n'um papel, com a declaração de que pertenciam á snr.ª Genoveva dos Anjos.

Semestralmente a tia Genoveva recebia os seus trezentos mil reis, que lhe chegavam de sobra para um passadio decente e confortavel.

O serviço interno era feito pelas duas orphãs, que foram creadas com todo o amor ao trabalho. O

externo estava entregue a Rosalia, uma boa rapariga que teve a sua fraqueza com um d'esses valdevinos que vivem de semear lagrimas a troco de juras mentidas e de galanteios refalsados.

Eram de vêr as prégações da tia Genoveva, que diante das afilhadas apostrophava asperamente a pobre Rosalia, arguindo-lhe a falta que commettera, apostolisando-lhe doutrinas de boa emenda para o futuro, emquanto no intimo d'alma, passando as contas do seu rozario, dizia de si para si:

— Perdoai-lhe, Senhor, que bem digna é de compaixão!

E, depois, continuava meditando:

— Ai! estes homens, estes homens são uns verdugos! Fazem o mal e criminam depois as mulheres...

Rosalia debulhava-se em lagrimas.

As lagrimas da mulher arrependida purificam-n'a aos olhos de Deus.

*

A tia Genoveva era amiga velha da snr.ª D. Maria, directora da Creche, outra santa creatura que veio ao mundo para ser mãi de infelizes. Orçavam pela idade uma da outra. Confidenciavam-se mutuamente havia largos annos.

— Venho pedir-lhe uma grande esmola, snr.ª D. Maria.

— Uma grande esmola, a mim! a fraca porta vem bater, snr.ª Genoveva...

— Sim, senhora, a vossemecê mesma, que é grande esmola receber-me aqui uma criancinha.

— Valha-a Nossa Senhora! — atalha a snr.ª D. Maria — Isso não é esmola que lhe eu faça, é dever que cumpre a Creche, em observancia do seu regulamento... Olhe, snr.ª Genoveva, os donos d'esta casa são os seus bemfeitores e os pobres que d'ella precisam, e vossemecê que tantas esmolinhas me tem dado para ella, tem todo o direito a ser attendida, sempre que invoque o seu auxilio.

— Mas... é que... snr.ª D. Maria...

— O que ha então, snr.ª Genoveva? é doente a criança? não está vaccinada?

— Está vaccinada, está; e sãsinha é ella como um pèro; mas a mãi...

— A mãi...!?

— Fraquezas do mundo, snr.ª D. Maria! e olhe que não foi por mal, que a pobre Rosalia, coitadinha...

E a tia Genoveva acompanhava a cadencia da palavra com o testemunho d'uma lagrima de piedade que lhe tremeluzia candente nas faces enrugadas pela velhice.

— Valha-nos Deus, snr.ª Genoveva, valha-nos Deus! mas olhe, minha rica, cá os senhores directores da Creche teem muito em vista a sentença do nosso padre Manoel Bernardes: «Nas balanças do juizo, afiladas pelo peso do santuario, mais pe-

sam dous dedos de bondade do que muitas braças de justiça.» E olhe, snr.ª Genoveva, a verdadeira caridade está na emenda e não no castigo.

— Ora isso é assim, snr.ª D. Maria — acudiu promptamente a tia Genoveva — abençoado seja quem assim pensa! Interceda pois por mim, snr.ª D. Maria, e olhe que se a madre Fremiota seguisse as suas doutrinas, não lhe diria S. Francisco de Sales: «Madre minha, vós sois mais justa que boa, e convém sêrdes mais boa que justa.» A santa caridade manda consolar os enfermos, os infelizes e os amargurados. A protecção aos opprimidos previne muitas desgraças. Olhe, snr.ª D. Maria, grande caridade é salvar o naufrago, guiar a infancia e a mocidade e amparar a velhice. Favorecer casamentos felizes, impedir vexames, sustentar creditos, livrar os pobres da prepotencia dos ricos, aconselhar o bem, ser-se sempre recto, paciente, humano, bemfazejo, protector, emfim, dos desgraçados onde quer que elles estejam, por qualquer fórma que se nos apresentem, são os attributos da caridade real, que se multiplica por mil modos e por mil fórmas á medida que as desventuras se reproduzem, para vencer o mal pela acção do bem. Mas, agora vejo eu que estou ensinando o Padre-Nosso ao vigario...

E estava. N'este ponto a snr.ª D. Maria, honra lhe seja, é um prototypo de caridade, e nunca na Creche de S. Vicente de Paulo se deu uma leve queixa contra a sua justiça ou cordura, armas com que vence ha trinta e um annos os diurnos at-

tritos que se lhe levantam no desempenho da sua tarefa. Pois é raro, é rarissimo este facto, por ser sorte fatal de todas as boas obras despertar a censura.

A snr.ª D. Maria, nas suas horas vagas, lendo algumas paginas de livros santos, tem tomado muito em conceito estas palavras de S. Pedro: «Conduzi-vos bem no meio dos inimigos da religião, para que elles, que vos accusam de maus, sejam forçados, perante o exame das vossas boas obras, a glorificar a Deus.»

E com a sua brandura vence ella as mil exigencias e, por vezes, disparatados desatinos que se dão nas Creches por effeito da rudeza peculiar ás nossas mulheres do povo.

E, assim, acontece que mãi que chega a levar alli o filho, só o tira de lá por circumstancias extraordinarias; ao contrario, espera sempre o tempo marcado e bemdiz afinal a santa instituição que lh'o recebe e cuida, acarinha e educa.

Despediu-se a tia Genoveva. No dia seguinte o filho de Rosalia era recebido na Creche; e a pobre mãi, consolada e aconselhada pela snr.ª D. Maria, ao transpôr os umbraes d'este templo do amor e da caridade, jurou á sua consciencia, pela salvação de seu filho, que nunca mais precisaria de trazer alli outro fructo do erro!

E cumpriu o juramento... e rehabilitou-se a pobre mãi, regenerada pela Creche!

*

Elisa, como era a estrella do bem em casa da madrinha, era-o igualmente no atelier onde trabalhava. Tinha lagrimas para enternecer e sorrisos para seduzir. O seu olhar meigo e fascinador exercia magico imperio sobre as pessoas com quem tratava. O seu conselho era efficaz, salutar e convincente; a sua supplica sempre justa, em favor d'outrem, que nunca para si implorára, era sempre tambem attendida. Captivava pela belleza, pela modestia e por uma fina elevação de sentimentos que a tornavam admiravel e distinctissima.

Escolhida para confidente das suas companheiras, por vezes salvou algumas do abysmo da perdição, conservando de tudo inviolavel segredo.

As suas virtudes e merecimentos grangearam-lhe certa consideração e respeitosa estima, nas casas das familias onde ia adaptar ao corpo das senhoras as differentes manufacturas da moda, por maneira que era depositaria da confiança, tanto da modista como da freguezia.

Nunca constára a menor leviandade de Elisa, que no entanto tinha uma certa côrte distincta na sua classe a suspirar por ella.

Nos sabbados á noite reuniam-se em casa da tia Genoveva um grupo de amadores que bebiam os ares por Elisa.

Eduardo R..., empregado no governo civil, um bello rapaz, morigerado e bastante instruido, encar-

regava-se da parte litteraria dos saraus de Elisa. Dotado d'uma memoria felicissima, cultivava os livros com bastante aproveitamento. Eduardo gozava nas reuniões da tia Genoveva d'uma notavel superioridade sobre os demais frequentadores, deixando-os como que petrificados, quando possuido d'um certo calor, lia alguns trechos de litteratura amena, ou recitava poesias que muito de proposito escolhia e estudava para acordar sympathias no coração de Elisa.

Eduardo R..., além dos bons dotes litterarios, tinha demais em seu favor uma presença agradavel: possuia até alguns bens de fortuna herdados de seus paes e ganhava, pelo seu trabalho, o sufficiente para garantir decentemente o sustento da familia que constituisse.

Estava verdadeiramente enamorado de Elisa — e, diga-se com justiça, eram dignos um do outro.

O mesmo, porém, se dava com Henrique de S..., guarda-livros d'uma casa ingleza, um sympathico travêsso, chistoso, a alegria personalisada, o encanto d'aquellas noites deliciosas, em que todos procuravam mostrar supremacias.

Henrique podia dizer-se realmente um rival perigosissimo. Era engraçado; tinha sempre contos variadissimos e apropriadas anecdotas, contínuas pilherias e facecias a matizar a sua conversa attrahente; bom musico, e além d'isto dispondo tambem de alguns meios de fortuna e na espectativa d'um bom futuro, pela consideração que gozava no com-

mercio e particularmente dos seus patrões, de quem era o Caixa.

Elisa sabia que muitas meninas da alta sociedade lhe invejavam as preferencias de Henrique; e a tia Genoveva inclinava-se muito para elle.

Pertencia a uma boa familia e era bem apessoado.

Pedro da C..., amigo de Henrique, tinha-lhe extrema affeição, mas lá sentia o espicaçar do ciume, porque se lhe julgava inferior em certas qualidades. E entretanto Pedro da C... era um pintor bastante considerado, uma verdadeira encyclopedia de prendas. Tocava muito correctamente viola franceza e violino, cantava com bastante mimo, um pouco em falsete, porque era fraco. Sabia todos os jogos que a moda tem inventado para distracção nas salas, escamoteava com muita delicadeza, tinha alguns conhecimentos de chimica e de physica, e possuindo um bello apparelho de prestidigitação, fazia por vezes diabruras surprehendentes.

As cartas obedeciam-lhe, adivinhando todos os pensamentos!

Os cestinhos de costura de Amelia e de Elisa eram continuamente o alvo de differentes transformações; e já uma flôr, já um cartucho de rebuçados — um sem numero de pequenos nadas que formam thesouros de galanteria, despertando as attenções das raparigas que sabem traduzir essas pequenas bagatellas em grandeza de adoração, traziam em contínua surpreza as duas irmãs.

Um dia, alli á vista de todos, Pedro pediu um livro a Elisa. Tinha ella recebido, havia poucos dias, ricamente encadernado e com especial dedicatoria, um exemplar da *Atala* de Chateaubriand, pequena edição de luxo, traducção do inspirado e saudoso poeta Guilherme Braga.

Fôra um presente de Henrique.

Elisa apresentou-lhe a *Atala*.

Pedro fez examinar o livro por todas as pessoas presentes; e, emquanto elle era detidamente observado, tratou de estender sobre uma mesa, a um canto da sala, um estojo de pintura.

Recebeu depois o livro, arrancou a primeira pagina, onde estava a dedicatoria por letra de Henrique, entregou-a ao proprio Henrique para que este a queimasse, recolheu as cinzas em uma bella caixinha de charão que trazia comsigo e dirigiu-se com ella e com o livro para a mesa onde havia collocado o estojo.

Sentar-se, abrir o livro, deslisar por elle os pinceis, encerral-o na caixinha e apresental-o triumphantemente a Elisa, foi obra d'um minuto.

Esta, um pouco despeitada com o auto-de-fé praticado na dedicatoria, abriu sofregamente a caixinha, tirou-lhe de dentro o livro, e mal lhe levantou a capa, viu-se retratada em miniatura, com extrema perfeição, na propria pagina da dedicatoria, que lá estava perfeita, qual a que tinha visto queimar.

Elisa soffreu uma viva commoção; Henrique

mordeu o beiço e tornára-se escarlate, e a tia Genoveva benzeu-se tres vezes; Amelia ficou maravilhada, e Eduardo, Henrique e Alberto applaudiram freneticamente.

Fallei em Alberto, e é tempo de apresental-o. Alberto symbolisava a modestia n'aquelle grupo interessante. Era typographo, filho d'essa arte primacial que teve por cultores a Schœffer, Elzevir, Estienne, Vitré, Bodoni, Baskerville, Didot, Crapelet, etc., extensa cohorte de notabilidades que illustram a princeza das artes, a illuminadora do mundo.

E Alberto não se lhes distanciava em merito; tinha um genio artistico muito fóra do commum, e uma alma de poeta apreciabilissima. N'aquella época exercia elle o lugar de director d'uma das primeiras typographias do Porto, era revisor de provas e altamente estimado por todos os litteratos. Em casa da tia Genoveva era querido de todos os frequentadores; e diga-se francamente que de permeio com esse affecto andava o seu tanto ou quanto de egoismo, porque, sem motivo plausivel, tinham todos uma certa confiança em que Elisa não o escolheria para esposo, sabendo-se aliás que o estimava muito, como pessoa digna de todo o apreço.

Alberto era pobre; vivia, é certo, com muita independencia e muito decentemente até, mas no dia em que a fatalidade da doença lhe batesse á porta, precisaria infelizmente do favor dos parentes ou do hospital da Misericordia.

Nos concertos que alli davam em casa da tia Ge-

noveva, a guitarra d'Alberto suspirava com indizivel sentimento e por vezes arrebatava a todos, deixando-os extasiados pelos seus accordes dulcissimos.

Estava então na flôr da idade, contava 24 annos, era esbelto, gentil, um typo moreno, seductor. O seu olhar ia penetrante ao coração das pessoas que o fixassem. Sempre grave e severo nos actos da sua vida, attrahente, lhano e affavel, como inspirava geraes sympathias era tambem sinceramente amigo de todos.

Elisa era o alvo das adorações dos quatro amigos; queriam-n'a todos e muito, mas nunca nenhum d'elles tivera coragem de se declarar.

Ella conhecia por sua parte os sentimentos que despertava, mas nunca dera tambem o menor indicio de preferencia por nenhum d'elles, porque não lhe esvoaçára ainda pela mente a idéa do casamento. Sentia-se feliz assim, estimada por todos e tratando a todos com inexcedivel amabilidade.

As pessoas estranhas ao grupo que descrevo, e que frequentavam a casa da tia Genoveva, eram unanimes em affirmar que pareciam todos irmãos.

Não entrava por lá a maledicencia, ou, antes, evaporava-se ella perante a dignidade de Elisa.

*

O facto da entrada do filho de Rosalia para a Creche de S. Vicente de Paulo, communicado pela

tia Genoveva com um vivo acatamento e consideração por tão benefico instituto, tomou largas proporções entre os seus visitantes, unanimes em elogiar o candido ninho da innocencia.

A Creche é altamente sympathica á nossa mocidade illustrada; mais d'um exemplo comprova esta verdade, mais d'um facto attesta este amor, e vem aqui de molde lembrar os repetidos beneficios que os filhos das primeiras familias do Porto lhe tem proporcionado nos theatros d'esta cidade, concorrendo todos sem excepção com os seus variados dotes para o brilhantismo das suas festas de caridade em favor da Creche.

Nunca me ha de esquecer aquella noite do *Processo do Rasga* no theatro Principe Real, em que a gratidão deu commigo, esquecido da minha velhice, na rampa do palco, a agradecer-lhes a valiosissima esmola, e a congratular-me com elles pelos seus triumphos e pelas suas benemerencias.

O *Processo do Rasga* reproduziu-se em miniatura. Um grupo de crianças, um *bouquet* primaveral dirigido pela heroica paciencia de Borges de Avellar e Cyriaco de Cardoso, fez para ahi brilhaturas, rematando a fina e aprimorada galanteria em beneficio da Creche. E o Orpheon Portuense e a Sociedade de Musica de Camera e a *élite* dos nossos artistas, tudo e todos, emfim, se conjuram e conspiram a favor da Creche.

Bem hajam elles!

Fallava-se de Rosalia, quando esta entrou com

um cartucho de assucar, que tinha ido buscar para o chá.

A tia Genoveva dava chá aos seus hospedes.

Rosalia ficára como que petrificada ao ouvir defender por Eduardo a conveniencia da Creche, e d'ahi a pouco as lagrimas corriam-lhe abundantemente pelas faces um tanto macilentas á conta do soffrimento que lhe ia n'alma depois do seu erro.

Effeito d'essas lagrimas, ou do proprio sentir, tomou Alberto calor pela discussão. Era a primeira vez que tal acontecia.

E tão repassadas de sentimento foram as palavras que proferiu, tão elevada a fórma que deu ás apreciações que fez, tão tocante a expressão que imprimiu á descripção da Creche, á sua maravilhosa missão, que dentro em pouco chorava a tia Genoveva, chorava Elisa, chorava Amelia; e Eduardo e Pedro e Henrique sentiam-se profundamente commovidos, extasiados ante a desconhecida eloquencia do novel orador.

O soluçar de Rosalia, que cahira meio desfallecida sobre uma cadeira, ao fundo da sala, ainda mais electrisou Alberto, que se abeirou d'ella, e com voz ternissima e segura:

« — Levanta-te — disse — levanta-te, Rosalia, que dos arrependidos é o reino do céo, e do teu arrependimento são-me garantia as tuas lagrimas. Ergue-te, victima infeliz da seducção maldita, rehabilita-te da tua culpa pelo amor a teu filho, orgulha-te de ser mãi. Mãi é o osculo da Providen-

cia na face da creatura. Mãi é o complemento da mulher na sociedade. O teu filho ha de ser a purificação da tua vida, a regeneração da tua falta. Dá-lhe o teu seio, Rosalia, que elle é o sangue do teu sangue, a alma da tua alma, a vida da tua vida. Alimentando-o, alimentas-te a ti mesma, porque elle és tu, tu és elle. Elle é uma parte de ti, como tu és uma parte d'elle. O filho é um composto da mãi, como a mãi é o composto do filho, transfusão operada n'um brevissimo choque de amor, por vezes eivado do veneno do crime... »

— Muito bem, muito bem! — disseram Eduardo e Henrique.

« Filho e mãi, mãi e filho representam um unico sêr, dividido em dous fragmentos. A mãi é para o filho o que o sol e o rocio da madrugada são para as plantas, e o filho é para a mãi o que é o aroma para a flôr, e a flôr para o jardim. As lagrimas que derramares ao vêr chorar teu filho, serão altamente compensadas pelos risos que te hão de brotar do fundo d'alma, ao vêl-o sorrir-se tambem. A tua vida é hoje preciosissima, Rosalia; conserva-a, prolonga-a para amparo do ente que a Divindade confiou ao teu cuidado, e de quem tu és hoje o destino, a estrella. Revê-te em teu filho, Rosalia, e lava a culpa dedicando-lhe todo o teu amor — amor de mãi, que toca o sublime, que é immenso, incommensuravel, eterno... »

— Bravo! — clamou Pedro.

« O amor de mãi tem a imponencia da magesta-

de, a elevação da nobreza, a magnitude da Divindade, compensado pelo amor do filho, fascinado pela magna candura do mysterio que o impulsa irresistivelmente para os seus braços, por esse amor innocente e terno sorriso das graças, luz fulgurante a rebrilhar do finito para o infinito. Não desanimes ante a condemnação social que te considera criminosa. A culpa não é tua, a culpa é da sociedade que ri e festeja a seducção, castigando a seduzida e perdoando ao seductor!... »

Acclamação geral.

« Animo, Rosalia, confia na Providencia, que qual mãi estremecida e carinhosa não abandona nunca os seus filhos, e que vendo do céo as tuas amarguras, os teus pezares, te apontou a Creche como escudo á honra. A Creche é obra divina, que servindo a Deus, serve a creatura e a humanidade para guarda dos seus mais intimos affectos, de tudo quanto ella tem de mais tocante, de mais querido, de mais extremoso e de mais fragil. »

Thereza levantára-se como que electrisada, correu ao berço onde tinha o filho, trouxe-o á presença de Alberto, e com voz segura, embora cortada pela emoção, repetiu o juramento que proferira na Creche:

— Juro, snr. Alberto, que nunca outro amor virá occupar o lugar que hoje compete a meu filho, e que a vida d'esta criança será o baptisterio da minha honra!

O pathetico d'esta scena commovera a todos.

Elisa olhava para Alberto, enlevada ainda pela magia da sua palavra penetrante e doutrinal; e á despedida, ao apertar-lhe a mão, sentiu como que um calefrio a percorrer-lhe os nervos.

*

A palavra eloquente de Alberto, incendida no grandioso pensamento do auxilio ás mães pela instituição das Creches, operára uma perfeita revolução em casa da tia Genoveva.

Elisa amára-o desde aquelle momento, e este amor explosiu-lhe do seio, quando, em outro sabbado, cahindo a conversa sobre a mulher, fizera elle uma d'essas prelecções que arrebatam os espiritos mais fleugmaticos, concluindo, no momento em que Elisa cravára n'elle um olhar absorto, por pronunciar com indizivel sentimento aquelles harmoniosos versos do nosso chorado historiador [1]:

Tal poesia e saudade em torrentes
No teu meigo sorrir eu aspiro,
E no olhar que me lanças a furto,
E no encanto d'um mudo suspiro.

Para mim és tu hoje o universo:
Sôa em vão o bulicio do mundo;
Que este existe sómente onde existes:
Tudo o mais é um ermo profundo.

---

[1] Alexandre Herculano.

No silencio do amor e ventura
Adorando-te, ó filha dos ceus,
Eu direi ao Senhor: « tu m'a déste :
Em ti creio por ella, ó meu Deus ! »

*

Seis mezes depois Alberto era o esposo de Elisa.

A tia Genoveva abençoára a dôce união: quasi morrera de contentamento.

Eduardo, Henrique e Pedro foram paranymphos do noivo.

Um dia jubilosissimo!

*

Chovera do céo a felicidade em casa da tia Genoveva. Ao fim de quatorze mezes Elisa era mãi, e a boa velhinha voltára mais uma vez junto á pia baptismal a christianisar um infante.

Em honra ao padrinho, o antigo e dedicado amigo da casa, deu-se á criança o nome de Eduardo.

O filho de Elisa era o encanto de Amelia, então resplandecente de belleza.

Amelia ajudava efficazmente Elisa, que abrira com muita felicidade casa de modista.

Alberto, sempre um prototypo dos chefes de familia, prosperava na sua officina.

A tia Genoveva, tão bondosa quanto previdente, mandára chamar o seu procurador, entrára com

elle em combinações, terminando por fazer o seu testamento, no qual instituia Elisa e Amelia herdeiras de seus bens, deixando tambem a Rosalia uma boa lembrança para a educação de seu filho.

— É bom dar arrumo á vida — dizia ella.

*

E tinha razão; a vida é ephemera.

Pouco tempo depois pagava o tributo á lei fatal, desprendendo-se do seu involucro terrestre para a etherea mansão dos justos, a piedosa velhinha, que morreu, como vivêra, na graça do Senhor.

O seu passamento custou rios de lagrimas ás pessoas com quem vivia, merecida homenagem ás suas viriudes. E, contrista dizel-o, o seu sahimento foi o prologo d'uma larga serie de atribulações e de desgraças.

Fôra-se com ella a alegria e a ventura d'aquella casa.

*

O procurador da tia Genoveva, enviuvando de segundas nupcias, ficára com dous enteados: Rodolpho e Alfredo, filhos da segunda esposa e do primeiro marido.

Alfredo, ao completar treze annos, partira-se para o Rio da Prata, para junto d'um parente rico que lá tinha.

Rodolpho ficára em companhia do padrasto, levando sempre boa vida.

Quanto Alfredo era bom e docil, era Rodolpho mau e rancoroso.

Alfredo, ao contar os dez annos, vira Amelia, então criança ainda, mas já bonita, e por esta attracção natural dos sexos, jurára-lhe eterno amor. Amelia sorrira á declaração, que lhe soprava a vaidade, e sentiu certo desgosto quando elle lhe veio dar o adeus da despedida.

Amores de criança deixam sempre, quando pouco, vagas recordações.

Amelia pensava ás vezes em Alfredo, recordava-se d'elle como d'um sonho passageiro; e não gostava dos continuados requestos de Rodolpho, que a perseguia continuamente.

Este, porém, fazia timbre de vencer a repugnancia de Amelia, e tinha de si para si que a sua conquista seria infallivel.

De Alfredo não houve mais noticia.

Por occasião da morte da tia Genoveva adoecera tambem e gravemente o procurador, que dias depois se finava, deixando a sua casa á mercê de Rodolpho.

Passados os dias de nojo, quando Alberto foi procural-o para se entender com elle sobre os haveres da tia Genoveva, recebeu por unica resposta ás suas allegações, que na carteira de seu padrasto não existiam valores alguns pertencentes a tal senhora.

Alberto comprehendeu de prompto a consummação d'um grande roubo.

Imagine-se o desgosto enorme que este acontecimento levou ao seio d'aquella familia!

*

N'este entrementes, quando Alberto tratava de justificar a delapidação, é inopinadamente atacado d'um typho e morre dentro em seis dias.

Um verdadeiro desastre!

*

Redobra Rodolpho de seducções, mandando fazer ardilosas promessas a Amelia, protestando-lhe casamento.

Uma repulsa condigna respondia sempre ás infamias do seductor.

Não estava ainda cheia a taça dos soffrimentos; e ella devia de trasbordar! Um golpe immenso e terrivel preparára a fatalidade para completa provação de Amelia. Elisa adoece e morre ao cabo de seis mezes de viuva, deixando-a desolada, abandonada, com o peso da criança que estremecia, e sem meios de subsistencia.

Dir-se-hia que o destino protegia os nefandos projectos de Rodolpho!

*

Entra em scena uma d'essas mulheres que teem o fatal instincto da vibora:

— Que Rodolpho a idolatrava, que morria d'amores por ella... Que elle era rico e poderia educar Eduardo...

Eduardo! os amores de Amelia, a sombra de Alberto e de Elisa, a recordação viva da tia Genoveva!

— Vejam este anjinho, tão digno de boa sorte, podendo ser feliz! que tanto merecia riquezas que se rejeitam!

. . . . . .

. . . . . .

Depois, mais tarde:

— Não que este mundo é uma desgraça! Já houve até quem asseverasse ao snr. Rodolpho que a menina o desprezava porque tinha os seus amores...

— Com quem?

Era a gotta de veneno no calix da amargura. Mas fôra golpe de mestre. Amelia resolvera provar a sua innocencia.

*

No mesmo dia veio Rosalia encontral-a debulhada em pranto.

Amelia confidenciára-lhe que Rodolpho promettia casar com ella, se ella fosse para sua casa.

Rosalia comprehendera tudo.

— Nunca, menina! Esse homem é um vilão... é a aza negra de nós todos!

*

No dia seguinte apresentára-se Rosalia em casa de Rodolpho.

Exprobrára-lhe ao principio o seu procedimento com Amelia, e procurando movel-o á piedade pedira-lhe instantemente que a deixasse em paz.

Não foi difficil a desillusão.

Rodolpho fazia gala da sua perversidade. Era insolente e vaidoso!

— Ha de ser minha, custe o que custar!

— E eu juro-lhe que o não será nunca! — trovejou Rosalia.

*

Estava imminente a perdição de Amelia, e o mobil principal para este derradeiro lance era o amor de Eduardo, o amor d'um anjo!

Antes de Rosalia viera a megéra...

— Tenha piedade d'esta criança, menina! assegure-lhe a sorte feliz que se lhe offerece. A mãi olha por elle do outro mundo. É ella que me envia aqui. Se a menina rejeita, até a mãi ha de maldizel-a. Ai, que falta que faz a mãi á pobre criança!

Era de mais para o enfraquecido espirito de

Amelia; turvára-se-lhe a vista e cahiu redonda no chão.

A perversa seductora, sorrindo-se dos seus triumphos, porque mediu de prompto que o deliquio denunciava fraqueza e que da fraqueza ao sacrificio vai apenas um passo, lançou mão da criança e ia leval-a comsigo para casa de Rodolpho, consciente de que d'ahi a pouco iria Amelia em procura d'ella, quando entra inopinadamente Rosalia e a faz recuar até junto da victima infeliz de tanta sordidez.

— Pára, malvada, que acima de todas as indignidades está a Providencia!

*

Amelia voltára a si, doente, febricitante. Rosalia nunca mais lhe desamparára o leito.

Um dia, que a sentiu melhor, disse-lhe:

— Lembra-se, menina, d'aquella noite em que o snr. Alberto me levantou do meu abatimento, apontando-me a Creche como regeneração á minha honra? Pois a Creche não regenera sómente: a Creche escuda, e contra todas as seducções lá está ella para nossa salvação!

Dias depois dava entrada na Creche o filho de Elisa, e Amelia voltava ao atelier de M.mes F...

Rodolpho, por denuncia de Rosalia, era chamado á policia, e prevenido de que a insistencia na

seducção de Amelia lhe seria considerada um crime.

*

Operára a Creche o milagre da salvação de Amelia, como operára o da regeneração de Rosalia, sempre fiel ao seu juramento.

*

Amelia occupa hoje uma excellente posição na sociedade. Está em Lisboa, feliz, estimadissima por seu esposo, Alfredo de..., irmão de Rodolpho.

Eduardo frequenta um dos melhores collegios da capital, juntamente com o filho de Rosalia, inseparavel de Amelia, bemdizendo todos o santuario da Creche.

Un grand nombre de femmes, obligées, pour vivre, de travailler hors du logis, ne peuvent donner, sans aide, à leurs enfants, tous les soins qu'exige la première education, Il faut suppléer à leur impuissance: l'humanité, la religion, la politique même, le veulent. On ne peut faire pour ces enfants ce que leurs familles sont dans l'impossibilité de faire elles-mêmes, qu'au moyen de l'éducation en commun. Il faut pour suppléer des mères, d'autres mères: il faut une œuvre maternelle, c'est à dire plus que désintéressée, une œuvre sainte, qui serve Dieu, en servant l'humanite dans ce qu'elle a de plus touchant et de plus fragile. Cette œuvre, existe... Elle a pris le nom de Crèche.

DEGUERRY.

Pura fonte conheço, inexhaurivel,
Onde sempre o infeliz adoça as dôres.

Occulta mão estendes caridosa:
Sempre consoladora, affavel sempre,
Que mal ha hi, que em ti cura não ache?

D. J. G. DE MAGALHÃES.

Abalancei-me a emprehendimento muito superior á exiguidade das minhas forças. Cedendo aos impulsos do coração não attentei, nem de leve, na immensa difficuldade proveniente das exigencias da esthetica. Sonhei um edificio por ahi além, em harmonia com a elevação do meu anhelo, emmaranhei-me no largo campo da religião da minh'alma, penetrei no vastissimo e grandioso templo dos meus

amores, alei-me aos purissimos arreboes do céo das minhas esperanças, segui deslumbrado os dogmas fundamentaes da minha fé, perdi-me no intermino labyrintho das minhas crenças, e despenho-me alfim das eminencias da minha vontade nos profundissimos abysmos da minha ignorancia, cego pelo brilho do proprio prisma que phantasiára. E eis-me a sós com a pureza da minha religião e das minhas intenções, sem arte nem engenho para architectar o monumento que ideára em favor da infancia desvalida, monumento para cuja elevação ceus e terra me forneciam material infinito.

É triste confessar assim tanta pobreza de espirito; mais triste, porém, seria ignorar essa pobreza.

Não me criminem nem me censurem pelo tentamen.

A aspiração natural do homem, o seu unico ideal é o infinito. O mundo é estreito para a amplidão dos seus desejos.

«L'homme est en marche vers l'infini, qui lui échappe toujours et que toujours poursuit.

«Sur la route il peut éprouver de vives jouissances; mais l'amertume secrète qui s'y mêle lui en fait bientôt sentir l'insuffisance et le vide [1]».

Realisou-se em mim esta verdade; reconheço, pois, o meu arrojo, mas defendo ainda, e sempre, a

---

[1] Victor Cousin.

inteireza da minha intenção, que foi, que é pura como a aspiração da alma ao seio da eternidade.

O homem que não visasse ao fim que todos os seus instinctos lhe proclamam, seria, na phrase de Victor Cousin, um verdadeiro monstro.

O instincto, portanto, essa força motriz feita convicção profunda, impelliu-me, levou-me a defender, a propagar a maravilhosa idéa da Creche, delicioso sonho de Marbeau, dôce visão do mysterio do christianismo.

Moveu-me o soffrimento da criança, horrivelmente desprezada ainda entre nós, não obstante ser ella a primeira molecula social, o mimo, a prenda que a geração presente lega á geração futura. E um facto, aliás trivialissimo entre nós, veio, por acaso ou providencialmente — quem sabe? — arreigar-me ainda mais calorosa no coração a idéa n'elle ha muito persistente, da diffusão das Creches.

Haverá dous mezes, o maximo. Descia eu do campo da Regeneração pela rua de Gonçalo Christovão em companhia de dous cavalheiros d'esta cidade. De repente, adiante de nós, cambaleia e cae uma mulher que trazia ao collo uma criança de seis mezes, pouco mais ou menos, deixando-a suffocada debaixo do seu peso.

Esta mulher soffre ataques epilepticos. Chovia então, e mãi e filho estavam juntas á valleta, fustigadas pela enxurrada.

Subito principiam os estrebuxamentos, as convulsões medonhas e desesperadas, que por certo esmagariam a criança, se eu e os meus illustres companheiros lhe não acudissemos, tirando-a de debaixo da mãi e confiando-a aos cuidados de outra mulher que passava, esportulando-a pela mercê impetrada.

N'uma cidade como esta, que timbra de civilisada, esta pobre mulher ha muito que deveria ter sido intimada para levar o seu filho á Creche, prevenindo-se assim um imminente infanticidio.

Em factos d'esta ordem e nas suas mil variantes se firmou, por certo, o festejado e eloquente escriptor que traçou estas linhas [1]:

« Se ha condição dolorosa, é a de tantas criancinhas desamparadas, ou o que vale o mesmo, entregues a si proprias, a todos os azares do desamparo, vendo em redor de si a solidão como que a soprar-lhes tristeza e desalento, a enregelal-as de pavor, n'uma atmosphera glacial e sinistra. Dêmos-lhes todos nós berços bem providos de roupas, dêmos-lhes amas que velem por ellas, que as lavem, as agasalhem e as acompanhem.

« E lembrando-nos de quão penosa é a situação das crianças encerradas durante horas n'uma loja ou n'uma trapeira escura ou infecta, sem vêr um sorriso, sem sentir um beijo de mãi, não esqueçamos tambem, quanto esta padecerá no seu coração, sentindo sobresaltos e medos só de lembrar-lhe o filho ausente, expos-

---

[1] Visconde de Benalcanfôr.

to a perigos sem conta, condemnada a ouvir — em vez do riso argentino do filho das suas entranhas — o bramido das machinas que a cercam.

« A esmola de todos, d'onde ha de surgir uma nova *Creche*— para essas crianças e para as mães alistadas nas legiões do trabalho fabril — será como o orvalho matinal, que mitiga as asperezas da jornada aos caminhantes do deserto. »

*

Este livro representa, pois, o predominio do espirito sobre a materia, e inspirou-se todo na idéa santa e justa de minorar o soffrimento á miseria, idéa unica que lhe presidiu ao nascimento — o bastante, a meu vêr, para não sossobrar nas ondas revoltas que porventura se lhe levantassem no mar da critica, se a sorte feliz ou a boa estrella da Creche não deparasse em seu auxilio um conjunto preciosissimo de elementos favoraveis ao pensamento que o creára, justificando assim o vaticinio do poeta:

> embora o matem cruciantes dôres,
> d'alma nas flôres achará conforto [1].

Relatemos sem commentarios, por não offender melindres:

---

[1] Thomaz Ribeiro.

*

O notabilissimo ornamento da tribuna portugueza e meu respeitavel e meritissimo amigo — a alma d'este livro — exc.mo e rev.mo snr. conego dr. Alves Mendes [1], foi o primeiro a coadjuval-o, incitando-me ao improbo trabalho da sua elaboração, já com o seu sapiente conselho, já com expressões as mais lisonjeiras e animadoras quando lh'o lia, levando a sua dedicação e o seu enthusiasmo pela causa santa da protecção aos infelizes do berço a vir elle mesmo, com a proeminencia do seu talento e da sua fama, abrir-lhe o portico, e collocando-o assim sob a egide da sua palavra amena e arrebatadora, do seu verbo eloquente e do seu prestigio maravilhoso, a salvo de quanta censura podesse desvirtuar-lhe a intenção.

Obtida esta gloriosa victoria — um triumpho — luziu-me a esperança de outra gloria de não menor quilate; e, escudado com o nome venerando do eminente paladino da cruz e da caridade, abeiro-me do gigante das letras, do principe dos escriptores portuguezes, do primeiro mestre da lingua patria, e ob-

---

[1] O abalisado escriptor e distinctissimo orador sagrado insistiu tenazmente por que fossem cancelladas d'este livro as sinceras palavras de louvor que a elle se referem. Não podia nem devia eu acceder a tal pretenção; porque, acima de tudo, está o cumprimento do dever e da gratidão.

tenho d'elle promessa da chave d'ouro que ahi vai encerrando o meu pobrissimo trabalho.

Um prefacio de Alves Mendes e um epilogo de Camillo Castello Branco — dous astros, duas constellações a illuminarem a minha obscuridade!

*

Está, pois, aberta a fonte perenne de beneficios para a Creche de S. Vicente de Paulo. O effeito d'este livro, assim abrilhantado, assim enriquecido, não é facil conceber-se ou adivinhar-se.

Dil-o-ha a esmola de presente e de futuro — benesse incalculavel.

Que coração haverá ahi em que não pulse, não palpite, não referva, não estue o ardor celeste da caridade, soprado, avivado e incendido pelas sonoras vibrações da palavra facunda e commovente de Camillo Castello Branco e de Alves Mendes, a aguia da litteratura e a aguia do pulpito, os dous condores da eloquencia, ambos prodigios, ambos portentos!?

A que cabeceira de enfermo chegará este livro que não mova, que não incite a piedade pelas criancinhas, angariando-lhes assim, nas ultimas disposições da vida, copiosos legados que multipliquem este dôce bem do céo?

Quereis provas, exemplos palpitantes, instantaneos do effeito salutar da valiosa esmola d'estes eminentes bemfeitores da Creche? Quereis vêr como o exemplo do bem se desdobra qual oceano de vida pelos continentes da caridade?

Attentai:

Os illustres proprietarios da fabrica de papel de Ruães — d'esse bello estabelecimento que honra e ennobrece o paiz pelo enriquecimento da industria nacional — dignamente representados pelo meu dilecto e muito prezado amigo o exc.mo snr. conde da Silva Monteiro — benemerito por excellencia — tanto que souberam d'este assignalado esforço de animos, mandaram immediatamente pôr á minha disposição e á minha escolha todo o papel necessario para o imprimir.

A excellente lithographia dos snrs. Sanhudo & Irmão — uma officina de primeira ordem — offereceu-me tambem cavalheirosamente a sua valiosa cooperação para ornamentar o meu livro, e á frente d'elle se depara um mimoso trabalho devido ao lapis admiravel do talentoso artista, cujo excellente e bondoso coração desmente cabalmente a fereza do appellido — Sanhudo de nome, mas clementissimo d'alma.

O exc.mo snr. dr. José Pereira da Costa Cardoso, par do reino, sempre meu amigo e fervoroso cultor da caridade, offereceu-se-me desde logo, e muito

espontaneamente, para que as despezas da impressão corressem só de sua conta.

O exc.mo snr. visconde de Alves Machado, meu intimo e velho amigo que traz o seu nome ligado a momentosos feitos de patriotismo e de beneficencia, tambem, pela sua parte, me honrou e penhorou com identico e generoso offerecimento.

É, pois, eloquente a demonstração de que frutifica a arvore do bem.

E eu, assim engrandecido, assim penhorado, assim levantado do pó da minha humildade, não posso deixar de tributar aqui, a todos estes estrenuos protectores da Creche, a sincera e cordial expressão do meu intimo e eterno reconhecimento. E porque a palavra, embora rainha das artes como suprema expressão da idéa, seja fraca para exprimir a gratidão que me vai n'alma, acolho-me á sombra do poeta e repito com elle a prece da infancia:

Dai a meus paes longa vida,
E áquelles que á minha infancia
Prestam soccorros contínuos
Com tanto amor e constancia.

Que felizes, que ditosos
Por vós, ó Deus, protegidos,
Passem seus dias, seus annos
Como astros, sem ser sentidos.

Vigorai minha fraqueza
Co'a vossa sabedoria.
Ó Deus, ouvi minhas preces,
Escutai-me n'este dia [1].

*

A propriedade d'este livro pertence, pois, á Creche de S. Vicente de Paulo.

Ahi tem hoje esta offerta, enriquecida como vai, por auxiliar poderoso afim de que se possa levar a cabo o famoso commettimento de dotar a Creche com edificio proprio, e assim condignamente corresponder á alta missão que representa na sociedade.

Ha de ser com a sympathia geral que tão bello intento se traduzirá em bellissima realidade. E antevejo já o brilhantismo da sua realisação pela grandiosidade da benemerencia publica, nunca, n'este reducto da caridade, invocada debalde em pró do desvalido.

É extensa, porém, a área em que se tem de operar, e são heterogeneos os elementos sobre que ha de actuar a eloquencia do esforço.

E, como é grande a gloria que vem a caber por tão humanissimo acerto, é grande tambem a tri-

---

[1] *Suspiros poeticos* — Magalhães.

bulação que vem de par com ella — a espinhosa tarefa de mendigar beneficios.

Eu conheço, por experiencia propria, as durezas e as contrariedades que andam ligadas a trabalho tão complexo; e foi no intento sómente de desbravar um pouco o campo que tão heroicamente vai ser explorado — campo onde as flôres vicejam por entre urzes e espinhos — que eu me resolvi a este trabalho.

Como ha de haver muita alma caridosa que corra ao encontro dos esforçados propugnadores da Creche e lhes offereça o seu óbolo com um sorriso de apreço e satisfação por lhes proporcionarem ensejo d'uma boa acção; assim tambem haverá outras que, por não conhecerem o alcance da instituição para que se pede, não duvidarão negar-lhes a sua cooperação. Para estes escrevi eu as linhas precedentes. Elles que as leiam; e o sentimento do bem, brotando-lhes do coração, virá tornar effectivo o beneficio commum, que tanto exalta quem o faz como aquelle que o recebe.

Está destinada, para o dia 25 de maio corrente, no Palacio de Crystal, uma festa de caridade promovida, em favor da Creche de S. Vicente de Paulo, pelos seus dous incansaveis e inexcediveis protectores — porventura os astros mais fulgurantes d'esta auspiciosa instituição.

Não pretendo desluzir com mesquinhos enco-

mios o brilhantismo d'uma dedicação que se traduz de tempos a esta parte em torrenciosa chuva de beneficios.

Respeito e admiro a sublimidade de tanta benemerencia, occulta sempre nos véos da mais delicada modestia.

A imprensa diaria, annunciando esta festa que promette ser esplendida, pronunciou já os nomes dos seus propugnadores.

Eu calo-os ainda; prometti fazel-o, e apraz-me cumprir a promessa.

Para mim ha creaturas que não parecem ser d'este mundo, onde revoluteiam paixões. Os seus feitos denunciam-lhes um quê de divinal, que os colloca muito acima do pó onde nos revolvemos.

Não é a primeira vez que adoro n'essas estancias ethereas, e que os occulto, nomes queridos de Deus e bemditos da humanidade.

É sina minha que os grandes eleitos façam de mim instrumento das suas culminantissimas virtudes, impondo-me silencio a seu respeito.

Y., o anjo do Porto, rebrilhou-me um dia fugitivamente pela cabeceira do leito, accendeu-me alli o pharol que vai alumiando os vagueadores da eterna noite, tristes marcos do silencio, e sumiu-se, offuscando-me com a aureola da sua gloria [1].

---

[1] Relatorio apresentado á commissão iniciadora d'uma escóla para surdos-mudos, pag. 15 e seg.

E eu prefiro admirar constellações sidereas, a contemplar notabilidades terrenas.

Os nomes dos singulares protectores da Creche perdem-se para mim, como se perdeu o adoradissimo anonymo *Y.*, immersos no seio da luz que dos seus feitos irradia.

Cumpro, porém, um sacratissimo dever, concorrendo com o meu óbolo para o certamen da sua caridade, principal motora d'este livro, que editado por mim e pelos poucos mas valiosissimos amigos que da sua existencia souberam, vai em numero de quinhentos exemplares prestar humilde concurso á festa da Creche [1].

Será um punhado de cimento no templo do amor.

Pela parte que directamente me respeita, offereceu-se-me pensar como o mestre: «n'este immenso santuario, as pequenas lampadas que não alumiam nem se mostram aos olhos da humanidade, o summo Bem as vê, o supremo Senhor as aceitará amorosamente, como da indigente viuva aceitou a minguada oblação, e dos poderosos, em marmore e ouro, magestosos templos [2]».

---

[1] Esta edição foi de 700 exemplares, sendo os 200 restantes destinados á imprensa, camaras municipaes, misericordias, bibliothecas, associações de operarios, etc. etc.

[2] Camillo Castello Branco.

Deponho este livro em mãos que podem com elle reproduzir o milagre dos pães.

Praza a Deus que assim seja!

Nem lhes falta valimento nem vontade. E, depois, lá diz o orador: «A idéa e a palavra vão substituindo a força e o ferro; as jerarchias e as classes distam muitissimo menos; a opulencia, tão acre, tão dura, tão absorvente, tão egoista outr'ora, adoça-se, mollifica-se, dilata-se, recama-se de perolas e orna-se de flôres que converte em esmolas para acudir á penuria. E, se tanto é preciso, até cidades inteiras, commovendo-se a piedosas condolencias, se mudam improvisamente em templos d'onde irrompem precações e onde se desparzem a flux preciosos donativos para consolar as victimas de lancinantes calamidades. Vê-se, sente-se, apalpa-se tudo isto [1].»

E eu acrescentarei:

O Porto é theatro de tão bella lição.

*

Peço uma unica mercê, em nome de todos quantos me auxiliaram na publicação d'este livro: Que os gloriosos protectores da Creche de S. Vicente de Paulo, concluido que seja o edificio que lhe levantam com o seu valimento, lhe instituam desde logo a escóla, para a qual ponho desde já á sua disposição

---

[1] Alves Mendes.

mil exemplares do *Methodo facil de aprender a lêr, com exercicios de leitura figurada, etc.* — compendio onde meus filhos beberam os primeiros rudimentos da sua educação; — e as louzas e a tinta e o papel e os lapis precisos na escóla, emquanto eu existir.

E d'esta fórma

« . . . . . o triste bando implume
« . . . . terá abrigo, e pão, e lume [1],
. . . . . .
— e luz tambem! —

*

As criancinhas, abrigadas ao seio da Creche de S. Vicente de Paulo, não podem ter consciencia da immensa fortuna que recebem dos seus benemeritos protectores; mas tem-n'a as mães, tem-n'a as familias que bemdizem o beneficio vertendo prantos de gratidão, e

Nada é melhor que este pranto
Em silencio gottejado,
Meigo e dôce, e pouco e pouco
Do coração despegado;
Não sôro de fel, mas santo
Frescôr em peito chagado;
Não espremido entre dôres,
Mas quasi em prazer coado [2].

---

[1] Thomaz Ribeiro.

[2] Gonçalves Dias.

Chovam, pois, as bençãos de Deus sobre todos os bemfeitores da Creche, e consinta-se-me, como preito e homenagem a tão pio e feracissimo instituto, consignar aqui os nomes dos illustres cavalheiros que primeiro em Portugal tomaram sobre seus hombros o peso da sua inauguração, aceitando do inclito fundador a tarefa da primeira direcção da Creche de S. Vicente de Paulo, no anno de 1852:

Primeiro protector

D. Jeronymo, Bispo do Porto.

Presidente do jury de benemerencias

Conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos.

Presidente da direcção

Doutor Antonio Ferreira Moutinho.

Secretario

José Ferreira Moutinho.

Theosureiro

Bernardo José Machado.

Visitadores

Camillo Castello Branco.
Doutor Arnaldo Anselmo Ferreira Braga.
Doutor João Antonio Gomes de Sousa.
Luiz Esteves da Costa.
Victorino Pereira Dias.

Fiscal

Francisco Ferreira de Amorim Vasconcellos.

*

E ao meu caro João Diniz, o paciente e esclarecido revisor das provas d'esta minha supplica em favor das esperanças do porvir, um cordialissimo aperto de mão pelo seu illustrado e luminoso auxilio.

DUAS PALAVRAS MAIS

O artigo que vai lêr-se é, entre mil, uma prova evidentissima do que vale o cerebro titanico, unico, do snr. Camillo Castello Branco. Seguidamente á promessa que o grande escriptor me havia feito da sua honrosissima collaboração n'este livro, tive eu a cruel certeza de que a doença o prostrára no leito e o impossibilitára de toda a fadiga de espirito. Em tal conjunctura escrevi-lhe supplicando ao menos algumas linhas firmadas com o seu glorioso nome, e no dia 19, pela manhã, obtive a seguinte resposta:

« É tal o empenho em lhe ser agradavel, que me levantei da cama a vêr se posso equilibrar-me com a cabeça para poder escrever. »

E á noite:

« A molestia aggrava-se. É impossivel escrever. Se V. póde esperar, veremos se me levanto d'este estado.

« Domingo, á ½ noite. »

No entretanto, como a publicação do livro não podia ser adiada, logo após à primeira carta tracei outra, instando, exorando, tornando quasi forçado o meu pedido. Esta carta cruzou-se no caminho com as duas que venho de referir. E qual não foi a minha surpreza, o meu assombro, quando no correio do dia seguinte, em tiras desordenadas e caracteres irregulares, tremulos, denunciando mão febricitante, recebo esse preciosissimo artigo, acompanhado da seguinte carta, quasi inintelligivel:

« Amigo. Não pude relêr o que escrevi em algumas horas de intervallo nas nevroses. Felizmente que a typographia conhece bem a minha letra, e tem revisor muito intelligente. »

Sem commentarios. Fique isto ahi, para minha eterna admiração e meu eterno reconhecimento.

FUNDAÇÃO DA CRECHE NO PORTO

Ha trinta e dois annos, um facultativo homœopatha no Rio de Janeiro, tendo percorrido grande parte da Europa, fez escala por Lisboa, de regresso ao Brazil. Impulsionavam-o dous generosos sentimentos: apostolar a homœopathia, convicto de que propagava uma verdade scientifica, e apostolar a Creche como quem apregôa a santissima, a suprema das providencias para desgraçadinhos que o principiam a ser desde os primeiros vagidos. Em 16 de setembro de 1852, João Vicente Martins, o propulsor da Creche, escrevia na «Revolução de Setembro»: *Desde o berço até á morte necessitamos de ampa-*

*

ro; e n'estes dous extremos da vida muito mais carecemos de amiga mão que nos abra os olhos ou que nol-os cerre. E quantas vezes falta absolutamente essa mão de amigo ao pobre velho que morre, ao debil infante vindo á luz! E como a certeza, infelizmente innegavel, d'estas desgraças deve excitar a nossa compaixão e até compungir de remorsos o nosso coração, quando igual certeza temos de as ter podido evitar! Morrem muitos infelizes sem terem na hora extrema quem lhes diga palavras de consolação e lhes cerre caridoso as palpebras; e morrem tambem á nascença ou vivem pouco e penando muitas criancinhas, por lhes faltar a caridade intelligente e efficaz n'esses primeiros dias da existencia, tão decisivos entre o bem e o mal de toda a vida. Mas o espirito de caridade que anima todos os corações, muito principalmente os corações portuguezes que até agora, Deus louvado, ainda não protestaram contra sua religião toda caridade e amor, esse espirito acolhe e alenta sempre todos os meios

praticaveis de evitar qualquer desgraça e de prestar todo o auxilio aos infelizes. Bem persuadido de que isto é assim, porque o sinto em mim que sou portuguez, e porque o vejo todos os dias praticar com toda a sorte de infelizes, julgo-me obrigado religiosamente a dar noticia abreviada de uma das melhores instituições de caridade que hoje existe em França d'onde é oriunda, na Inglaterra onde mudou de nome sem mudar de essencia absolutamente, na Belgica, na Austria, na Italia aonde igualmente prospéra. Quero fallar da instituição das Creches (que nós poderiamos chamar PRESEPIOS, *se licito fosse dar-lhes denominação nossa). Mas não fallárei pelo singelo prazer de dar uma noticia, senão pelo proposito firme de fazer adoptar em Portugal tão santa instituição,* etc.

E n'esta linguagem chã, correntia, sem desvanecimentos de captivar attenções com louçanias de estylo, João Vicente Martins expoz as particularidades da Creche nos paizes que visitára e especialmente em Paris

onde elle cooperára para a fundação de uma com os recursos proprios. Depois, invocava a caridade das senhoras portuguezas: *E poderia ser que as senhoras portuguezas que em todos os tempos foram exemplares de caridade e amor materno, deixassem de acolher não só benignamente, mas até com santo enthusiasmo a instituição das Creches?* Pedia Vicente Martins aos jornalistas que transcrevessem as suas duas extensas cartas; porque elle de per si só *nada esperava da obscuridade de seu nome.* Nem os jornalistas da capital, nem as senhoras portuguezas lhe deram alguma importancia. A caridade n'aquelle tempo não se movia sem descargas electricas de rhetorica firmada por nomes de mais alta notoriedade. A primeira Creche de Lisboa inaugurou-se vinte e quatro annos depois, em 1876.

Decorrido menos de um mez, João Vicente Martins sahiu desanimado de Lisboa e veio ao Porto implorar o auxilio dos jornalistas. Dirigiu-se a um dos mais lidos jor-

naes, o «Nacional»: *Rogo-lhe, snr. redactor, que tenha a bondade de transcrever no seu conceituado jornal os dous artigos que a este respeito já foram publicados, e peço com muita instancia que me auxilie com as suas luzes e boa vontade para levarmos a effeito na cidade do Porto uma creche ao menos.* (12 de outubro de 1852).

O «Nacional» publicou a carta de J. Vicente Martins, e oito dias depois admittia contra a Creche uns *Embargos* escriptos por J. F. Estas iniciaes eram do medico João Ferreira da Silva Oliveira, lente da escóla medico-cirurgica, notavel publicista, dextro argumentador em politica, redactor de varios jornaes, creador da «Gazeta Medica» e litterato de brilhantes provas na «Revista litteraria do Porto». Liam-se avidamente os seus artigos. Era de esperar que a impugnação á Creche feita por sujeito de tão notorios predicados contraminasse o apostolado do obscuro medico homœopatha que vinha preconisar a um tempo duas novidades.

João Ferreira pedia ao redactor do «Nacional» que impugnasse a creação de taes estabelecimentos; posto que lhe parecesse trabalho escusado, pois fiava dos sentimentos caritativos e religiosos dos portuenses que jámais se prestariam a auxiliar a dissolução de vinculos sagrados e respeitaveis. Affirmava que as Creches cooperavam para a relaxação dos laços da familia; que os affectos reciprocos entre mãi e filho afrouxam com o apartamento; que as mães, enviando os filhos á *roda* nem mais se lembravam d'elles, e que as Creches eram *rodas* de ausencia intermittente, sendo os effeitos moraes proporcionalmente analogos.

E por isso que (acrescenta) *relaxam os sagrados vinculos da familia acho contrarias á religião e á sociedade as Creches, e entendo que a imprensa, em vez de fomentar a instituição d'ellas, deve ao contrario impugnal-as.* N'estas hostilidades á Creche João Ferreira trasladava litteralmente Emile Girardin que foi em França o impugnador vencido de Marbeau.

Conta o embargante, para melhor fundamentar os embargos, a anecdota d'aquella mãi spartana que pediu a um ilota novas dos seus cinco filhos, enviados á guerra. O escravo respondeu compungido e a tremer que elles tinham morrido na batalha; e a mãi, com selvagem frieza, bradou ao escravo: « Quem te pergunta isso, villão? » E foi dar graças aos deuses, porque Sparta vencera. Não quer pois, em vista da anecdota, João Ferreira que as crianças em Portugal sejam creadas pelo Estado á laia da lei de Lycurgo, que abolira a familia; *aliás*, diz elle, *ensinem-as tambem a roubar, como se fazia n'aquella republica*. Com tamanha pujança logica João Ferreira não vingou atemorisar o propugnador da Creche.

Eu concorri a um jantar que João Vicente Martins offereceu a um pequeno numero de medicos e amigos, no Hotel do Pêxe, onde elle com sua esposa e dous filhos menores se hospedára. Ahi o ouvi lêr e commentar o artigo de João Ferreira com

uma serenidade bem diversa da atrabilis de todos os iniciadores contradictados. Como era essencialmente religioso, havia na sua réplica oral a mansidão, o tom de humildade, que ás vezes parece ironia, na resposta que lhe deu escripta em um *Appenso* ao n.º 403 do «Braz Tisana», um largo trabalho que elle pagou, assim como pagava todos os annuncios que os jornaes publicaram pedindo esmolas para a Creche. A caridade nos balcões das empresas jornalisticas regulava pela temperatura da caridade dos assignantes.

João Vicente, na réplica aos *Embargos*, acha-os injustos e menos generosos; porquanto, sendo o seu alvitre um instituto caridoso, seria honesto não sahir com os embargos antes de o publico estar inteirado do que é a Creche.

Não o louva pelo mau juizo que fórma da caridade dos portuenses, dando-se por seguro de que elles se negavam a coadjuvar uma empresa que dissolve os vinculos sagrados da familia. Defende João Vicente

que a Creche é uma instituição santa porque evita o infanticidio e conserva ás mães pobres os filhos que os engeitariam compellidas pela fome; porque, em fim, dá vigor a essas crianças que, formadas na indigencia, ficariam miseravelmente intanguidas e sujeitas a muitas enfermidades. Deplora que o seu adversario não estudasse a organisação da Creche — uma ignorancia de que elle João Vicente, não sendo o culpado, estava sendo a victima. Combate que os affectos reciprocos de mãi e filho se afrouxem com o apartamento temporario da Creche; e para que não esfriem e de todo relaxem com o apartamento pela roda, é que elle propugna o estabelecimento das Creches em Portugal e no Brazil; porque assim evitará á mãi pobre a dôr de abandonar o filho; aceita-lh'o, alimenta-lh'o em quanto ella vai agenciar a sua vida; não lhe dá logar a esquecel-o, durante o dia, porque ha de ir amamental-o, e volta ao seu trabalho sem cuidados, sabendo que

a caridade o agasalha, e lh'o entregará ao anoitecer, e nos dias santificados lh'o deixará levar nos braços ao templo do Senhor com o coração palpitante de reconhecimento. João Vicente impugna que se apertem muito os laços de familia onde é grande a miseria. Os filhos famintos e maltrapilhos, inseparaveis da mãi, vegetam ás vezes na mais lamentavel desunião e sem algum vinculo de amor, que tal nome mereça. Que é muitas vezes a mãi a primeira a detestar os filhos; e elles, acossados pelo desaffecto e pela fome, seguem, fóra d'esse infecto e descomposto abrigo da familia, caminhos que levam ao vicio e ao crime, porque entram n'elles com a alma arida e sem uma boa impressão de infancia que os faça lembrar do amor maternal. Isso não teria succedido, se a caridade os houvesse tomado por algumas horas do dia, em quanto os paes, fóra do domicilio, trabalhassem desembaraçados do cuidado assiduo que uma criancinha necessita.

Que era um insulto dizer que as mães que expõem os filhos nunca mais se lembram d'elles. Não póde tolerar que o articulista do «Nacional» equipare a roda com a Creche como synonymos na dissolução do amor de familia. A roda é uma sepultura aberta aos desgraçados que mães infelizes ahi vão deixar para não lhes morrerem nos braços. A Creche tem por condição essencial a mais intima convivencia da mãi com o filho, não lhes permittindo a separação de um dia só. Que não ha paridade alguma entre os effeitos moraes do desamparo da roda e o disvelo com que nas Creches são tratadas as crianças, que a toda a hora as mães podem visitar, que á noite recebem livres de perigo, e mais amadas porque não constrangeram as mães á inercia e lhes deixaram livre o precioso tempo do trabalho.

Uma ou outra vez, João Vicente Martins deslisa do trilho manso que lhe assegura o triumpho, e tem ditos fortes que

merecem alguma indulgencia; por exemplo: João Ferreira dissera que as *Creches relaxavam*, e João Vicente replica: *Relaxam-se muito, mas são as ligações do respeito e consideração entre discipulos e mestres, quando estes que devem dar constante exemplo de juizo, prudencia e generosidade, tratam com leviandade questões tão graves como esta, sem por um instante as terem estudado, e ainda invocam em seu auxilio a parcialidade de um jornalista. Relaxam-se ainda mais os discipulos quando vêem o mestre a servir de bigorna em quanto lhe querem dar aquelles que elle aggrediu tão levianamente, com tanta imprudencia e tão pouca generosidade.* Como fervoroso catholico, João Vicente não póde consentir que João Ferreira acoime de contrarias á religião as Creches, quando Gregorio XVI concedeu indulgencias aos instituidores das primeiras e o papa Pio IX lhe promettera pessoalmente a elle tornar extensivas essas indulgencias a todos os instituidores. Mette um pouco a riso o ad-

versario, porque elle dissera que não era por medo ao communismo nem á republica, que impugnava a fundação das Creches. E, na verdade, ir aos braços das crianças, abrigadas no regaço da caridade, buscar embryões de republicas e communismos era um dislate incompativel com o juizo do notavel professor da escola medico-cirurgica. Outro gracejo de João Vicente, aliás inoffensivo. João Ferreira queria que aquella mãi spartana do conto cahisse desmaiada quando ouviu a noticia da morte dos cinco filhos. E pergunta: *Porque não cahiu ella desmaiada?* Diz então o Martins: *É a pergunta mais philosophica que podia ser feita pelo illustre redactor da* «Gazeta Medica do Porto». *Porque não desmaiou a celebre spartana, se o snr. João Ferreira queria que ella desmaiasse?* João Ferreira dissera que ella não desmaiára porque não creára os filhos; e João Vicente entende que a spartana, se tivesse creado frangos em vez de crear filhos, e elles lhe morressem, devia ter des-

maiado, principalmente morrendo-lhe cinco de uma só vez. Pelos modos, o medico brazileiro não dava grande credito á anecdota, nem lhe achava succo para argumentar sériamente.

João Ferreira escrevera que o estado economico-social dos paizes em que João Vicente vira as Creches não era analogo ao nosso; e, faltando identidade de circumstancias, não seria razoavel transplantar instituições estranhas. O fundador da Creche portuense retorquiu que estudára as Creches, que concorrera para a fundação de uma em França, e alli publicára um opusculo intitulado: *Un conseil à la mère qui ne peut plus amener à la Creche son enfant malade;* que tivera intimas ligações com Marbeau, o fundador; que não queria que Portugal, sua patria, ficasse mais tempo privado d'uma instituição aceita em toda a Europa, e que iria florecer na America, logo que elle lá chegasse.

Temos dado muito pela rama o compen-

dio da réplica de João Vicente Martins, contra a qual ninguem sahiu; mas tambem á volta do triumphador n'esta facil batalha não se agruparam nem os ricos de ouro nem os ricos de intelligencia. Havia uma grande indifferença pelos alvitristas da reforma da sociedade mediante instituições philantropicas. A arvore da caridade, a bracejar sombras para cobrir crianças, não podia resistir aos repellões tempestuosos das luctas civis em que mais ou menos andavam empenhados todos os espiritos. N'esse anno de 1852 davam-se as ultimas escaramuças das nossas guerras civis. Depois d'esse cyclo funesto de trinta e dous annos é que á sombra da paz germinaram outros pensamentos sociologicos, e os fructos abençoados que hoje se colhem são os productos dos gomos que então enfolhavam.

João Vicente Martins, coadjuvado por alguns poucos individuos que então constituiram a directoria da Creche, installaram a primeira que teve o Porto na praça da Trin-

dade n.º 17, no dia 21 de outubro de 1852. Se bem me lembro, o snr. Antonio Bernardo Ferreira cedeu gratuitamente a casa, onde hoje está reedificado o palacete em que s. exc.ª habita.

A cooperação das esmolas era diminuta. Parece que as idéas propaladas por João Ferreira dominavam o animo das pessoas idoneas para impulsionarem generosamente a sympathica instituição. Demais a mais, áquelle tempo a caridade dos portuenses não se desentranhava em superabundancias extraordinarias. O dinheiro não seria pouco; mas o seu valor era enorme quando entrava na circulação economica da alimentação do pobre. Um exemplo colhido em um periodico publicado no mesmo dia em que se fundava a Creche. O «Braz Tisana» imprimia a lista dos bemfeitores do *Asylo dos Lazaros* e das *Lazaras*. Antonio Ferreira Braga, um cirurgião muito rico, dera *um pinto;* Affonso Botelho de Sampaio, um lavrador do Douro, deputado, opulento, dava *outro pinto;* uma

senhora D. Rosa de Villa Nova dava *uns bocados de carneiro;* outra senhora D. Rosa Sampaio *dez brôasinhas de pão.* Isto propalava-se nas gazetas, como exemplos de bizarria, e como galardão ás almas exuberantes, d'onde irrompiam estes mananciaes de misericordia. E os jornaes, em annuncios pagos por João Vicente Martins, exclamavam todos os dias: *Roga-se ás pessoas caridosas que se dignem proteger este novo estabelecimento,* etc. Ora eu, na qualidade de *visitador,* fui alli algumas vezes, e nunca lá encontrei alguem, excepto umas vinte crianças, em uns berços limpos, com uns semblantes maviosos, a olharem para a gente, como a pedirem, não o alimento que lhes sobejava, mas as caricias das mães insubstituiveis. Diziam-me os meus socios na directoria que algumas senhoras protegiam a Creche com as suas esmolas. Não seriam muitas, porque um «Periodico homœopathico», cuja sustentação devia ser penosa, applicava a beneficio da piedosa instituição os seus lucros.

Decorreram dezenas de annos, e occorreram na propagação da santissima idéa uns homens de mais pulso, de mais acrisolada energia contra as desgraças fataes da vida humana. Entre estes está Joaquim Ferreira Moutinho, o auctor d'este livro, a quem devo a honra de subscrever aqui estas inuteis paginas. É elle quem redigiu este livro, ajuntando o oiro da sua intelligencia, em beneficio das crianças, ao oiro das suas generosissimas liberalidades. *Fazer um livro*, diz o admiravel escriptor Alves Mendes na CARTA-PREFACIO, *fazer um livro para propugnar uma doutrina, póde ser a maxima das vulgaridades; mas engendrar um livro e distribuil-o gratuitamente para supplicar uma esmola, é a mais prestigiosa e a mais edificante das surprezas.*

A caridade, allançada a um alto espirito, abre-se em expedientes engenhosos, que sobredouram a penosa missão de pedir. Mas que desdouro poderia ir n'esse disvelo, quando a prece está sendo exemplificada pelos monarchas, que mais adorados se fazem quan-

to mais pedem esmola para os desherdados d'este paiz, onde a desgraça condicional da vida humana tão poucas victimas tem, se as compararmos ás de outras nações mais opulentas!?

*

Referindo-se aos pobres, disse Jesus: *Beati pauperi* — « Felizes os pobres »; e, referindo-se aos bemfeitores da pobreza, disse: *Beati misericordes* — « Felizes os misericordiosos ». No reinado do senhor D. Luiz I e da senhora D. Maria Pia de Saboya as palavras do philosopho divino tem a piedosa uncção da theoria e da pratica. Os pobres, no seu ingresso ao mundo, tem um berço — a *Creche;* se lhes falta o pulso para o trabalho, tem os *Asylos;* e os que não podem pagar um tecto que os abrigue de noite, acolhem-se aos *Albergues.* « Felizes os pobres », dissera Jesus. Mas se ha felicidade excedente á do pobre, que encontra berço, alimento e

cama, é a dos bemfeitores que rejubilam na sua beneficencia. «Felizes os misericordiosos». A casa real portugueza não reina pelo sceptro: é pela caridade. Occupa a primeira plana social pelo exemplo D. Luiz I que achou em uma sentença de Seneca a prelucidação da sua philosophia christã, a epigraphe da sua arte de reinar: *Res sacra est miser* — «É sagrada a indigencia». A posteridade dar-lhe-ha a antonomasia de CARITATIVO.

S. Miguel de Seide, 20 de maio de 1884.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

FIAT JUSTITIA

Na minha humilde mas honrosa condição de revisor d'este livro e, por de sobre tudo, na minha modestissima qualidade do mais insignificante e obscuro obreiro da instrucção popular, associo-me de todo o coração á fecunda e luminosa idéa dos seus illustres e benemeritos collaboradores: — **a fundação da Creche-escóla.**

E se actualmente se julga indiscutivel que compete, áquelle que se tem na conta de operoso agente social, empenhar todas as forças afim de levantar a mais e mais o nivel educador dos seus concidadãos desprotegidos, é muito para esperar tambem que o enthusiasmo communicativo, que se exhala de todas as paginas d'esta formosa exhortação, faça incender em assomos de philantropia os generosos filhos d'esta terra, tão propensos — sempre que se trata d'uma causa santa — a abrir mão de esmolas abençoadas que vão transformar-se em obras immorredouras.

22 de maio — 1884.

João Diniz.

Lombada em jercalina, aparar
à cabeça. Cor castanha
urgente

Nunes

PREÇO, 300 REIS.

A propriedade d'este opusculo pertence no Imperio do Brazil ao exc.mo snr. Commendador João Vieira da Silva.